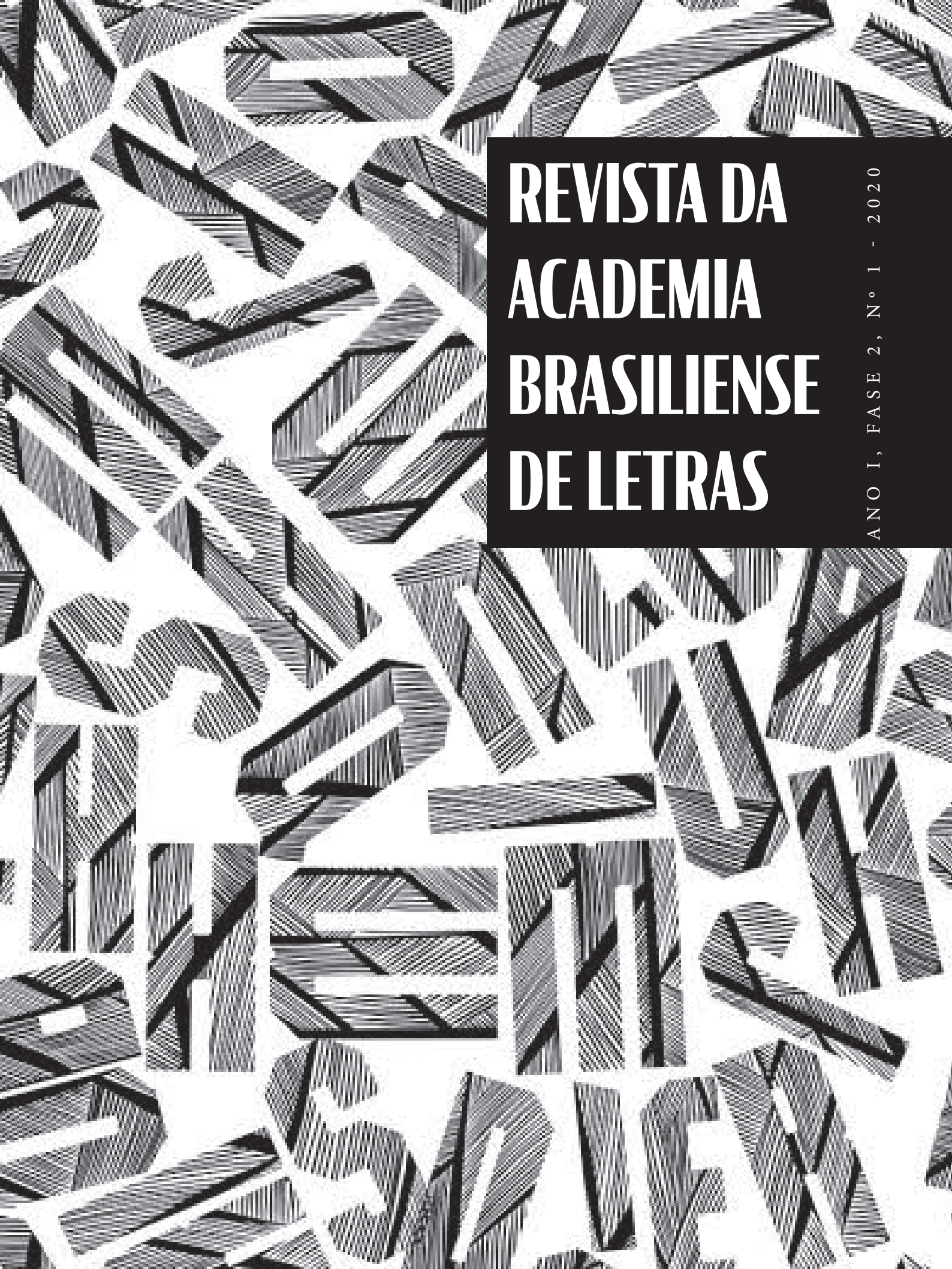




REVISTA DA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

ANO I, FASE 2, Nº 1 - 2020

REVISTA DA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

ANO I, FASE 2, N° 1 - 2020



PRESIDENTE

Fabio de Sousa Coutinho

VICE-PRESIDENTE

Rossini Corrêa

SECRETÁRIO GERAL

Edmílson Caminha

1º SECRETÁRIO

Ronaldo Costa Fernandes

2º SECRETÁRIO

Danilo Gomes

TESOUREIRO

Afonso Ligório

COMISSÃO DE CONTAS

Anderson Braga Horta, Napoleão Valadares e José Jeronymo Rivera

Todos os direitos reservados de acordo com a lei.
Composto e impresso no Brasil. *Printed in Brazil.*

T A G O R E E D I T O R A

SRTVS Quadra 701, Bloco O, Edifício Novo Centro Multiempresarial, sala 203,
CEP: 70.340-000, Brasília, DF.
www.tagoreeditora.com.br

Sumário

Apresentação.....	5
POEMAS	
Alberto Bresciani.....	8
Alexandre Marino	10
Danilo Gomes.....	12
HOMENAGENS	
Almeida Fischer, Anderson Braga Horta.....	17
Uma proclamação da vida, Anderson Braga Horta	26
CONTOS	
Um amor proibido, Paulo Castelo Branco	40
Fragmentos, Anderson Braga Horta.....	43
ARTIGOS	
Joseph Conrad pelo espelho de três romances, Lourival Serejo	48
João Gostoso no céu, Carlos Machado.....	52
A latência sensual consciente, Linhares Filho	55
A escrita literária na contemporaneidade brasileira, Ronaldo Costa Fernandes	62
Mallarmé, Krishna e Arjuna: uma tríade revolucionária, Angélica Torres Lima	65
Uma carta fake de Machado de Assis, Edmilson Caminha	72
POESIA NORTE-AMERICANA CONTEMPORÂNEA.....	74
Robert Creeley, tradução de Alberto Bresciani	
DISCURSOS	
Posse de Edmilson Caminha	79
Recepção de Edmilson Caminha por Fabio de Sousa Coutinho.....	86
Posse de Danilo Gomes.....	89
Recepção de Danilo Gomes por Napoleão Valadares	92
Posse de Carlos Henrique Cardim	97
Recepção de Carlos Henrique Cardim por José Carlos Brandi Aleixo.....	105
Posse de Thiago Santos Aguiar de Pádua.....	112
Recepção de Thiago Santos Aguiar de Pádua por Rossini Corrêa.....	119
ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS - ABrL	
Quadro acadêmico e patronos	125

APRESENTAÇÃO

Fabio de Sousa Coutinho

Presidente da ABrL

Em sua fase original, que se estendeu por vinte e cinco anos, de 1982 a 2007, a Revista da Academia Brasiliense de Letras teve 19 edições, todas impressas e repletas de excelentes conteúdos, abrangendo diversos gêneros da literatura – poesia, prosa, ensaio, oratória acadêmica, a que sempre se somou um registro iconográfico que, invariavelmente, destacou as concorridas solenidades de posse de novos acadêmicos.

Inicia-se, agora, uma segunda fase, na qual a Revista passa a circular em versão exclusivamente eletrônica, sintonizada com as novas realidades do mercado editorial brasileiro, sem, contudo, abrir mão da qualidade artística que marcou sua existência até o ano em que deixou de circular. Graças a uma parceria com a Tagore Editora, o leitor volta a ter acesso a um veículo de genuína transmissão de cultura literária, em tempos nos quais ela se faz cada vez mais necessária, como autêntico (e imprescindível) instrumento de resistência ao desprezo institucional que lhe devota o oficialismo burocrático.

Inaugurada na gestão presidencial do poeta Domingos Carvalho da Silva, a Revista da Academia Brasiliense de Letras renasce em atendi-

to a compromisso assumido pela nova direção da Casa, eleita e empossada em 30 de novembro de 2018. Para a consecução de objetivo tão relevante, contamos com a dedicação incondicional de nosso Primeiro Secretário, Ronaldo Costa Fernandes, cujo empenho, para além do cumprimento de mandato estatutário, chancelou uma trajetória exemplar de cidadão ciente e consciente do importante papel que a sociedade contemporânea lhe reserva.

Registro, ainda, com grata satisfação, a participação decisiva do editor Tagore Alegria, atento e sensível à nobre tarefa em que a Academia o envolveu, com a expectativa de que este número da Revista seja apenas o primeiro de uma série virtuosa e duradoura. Desejo aos leitores desta publicação momentos de gratificação intelectual, com o que se estará consagrando trabalho que honra uma das mais altas tradições da história cinquentenária da Academia Brasiliense de Letras, fundada em 8 de março de 1968.

Brasília, DF, 8 de março de 2020

POEMAS



Alberto Bresciani nasceu no Rio de Janeiro. Vive em Brasília. É autor de *Incompleto movimento* (José Olympio Editora, 2011) e de *Sem passagem para Barcelona* (José Olympio Editora, 2015, finalista do prêmio APCA de Literatura - Poesia de 2015). Integra, entre outras, as antologias *Outras ruminções* (Dobra editorial, 2014), *Hiperconexões* (Editora Patuá, 2014), *Pássaro liberto* (Scortecci Editora, 2015), *Pessoa – Littératurebrésilienne contemporaine* (Revista Pessoa, edition spéciale – Salon du Livre de Paris, 2015) e *Escriptonita* (Editora Patuá, 2016). Tem poemas publicados em portais, blogs e sítios da internet e em revistas e jornais impressos.

COLHEDORES

A fome interrompe os dias.
Entre dejetos e rejeitos,
não há vida, só o ritmo
ressentido da colheita.

Homens, mulheres, crianças,
entre insetos e abutres,
revolvendo o lixo, as sobras
dos eleitos da urbe.

O que se revela e aparece
em fotografias é a insistência,
que nenhum silêncio
é capaz de camuflar.

A escrita do mundo os ignora,
como se fossem condenados
por tribunos impiedosos,
cegos para além deles mesmos.

Fechar os olhos ao sofrimento
e a toda atrocidade
é a verdade dos ungidos:
assim deveria ser, desde o início.

OBJETOS

Os objetos do quarto
mudaram muitas vezes,
mas, há muito, são os mesmos

Mudar os objetos
não nos faz diferentes,
mas, ao acordar,
tento perceber
outra cadeira, mesas,
outro corpo, diverso,
despedado deste
que me deram à habitação

Os reflexos da luz,
invadindo a janela da manhã,
de certo modo,
reconfiguram
a aparência dos objetos

No entanto, são os mesmos

Ao acordar, séculos antes,
esperava
que alguma coisa estivesse
por acontecer ao corpo,
este, o que levo

Muito depois,
penso no que já lhe aconteceu
(tudo foi anunciado,
como a uma antiga abadia)

Estou de pé
e outro dia fugirá,
infinito, involuntário,
definitivo.



Alexandre Marino nasceu em Passos, Minas Gerais, em 1956, e vive em Brasília. Publicou sete livros de poemas: *Hiatos* (Editora Patuá, São Paulo, 2017); *Exília* (Dobra Editorial, São Paulo, 2013); *Poemas por amor* (Varanda, Brasília, 2007); *Arqueolhar* (LGE Editora, Brasília, 2005); *O delírio dos búzios* (Varanda, Brasília, 1999); *Todas as tempestades* (Edição do autor, Belo Horizonte, 1981), e *Os operários da palavra* (Batanguera Ed., Belo Horizonte, 1979). Tem contos e poemas em periódicos impressos e virtuais do Brasil e exterior. É jornalista e publicitário. Em Brasília, atuou como repórter nas redações do *Correio Braziliense*, *Jornal de Brasília*, *Jornal do Brasil* e *O Estado de S. Paulo*. Atualmente é funcionário do Ministério da Educação. Mantém o blog *Poesia Nômade* (www.alexandremarino.com.br) e, no Facebook, a página *Alexandre Marino Poeta* (@poetaAlexandreMarino), exclusivamente sobre poesia.

Dialetos

Amo os pianos que tocam sozinhos
entre o mofo das paredes
e o silêncio da casa vazia.
Amo os lobos que uivam sozinhos
e a noite que os acolhe
na solidão das ravinas.
Amo as criaturas que falam sozinhas
diante da erudição dos parvos
e sua inepta afasia.

O paradoxo de Tham Luang

Enjaulados na caverna,
a luz é sonho distante
e a liberdade
apenas utopia.
Vivemos na escuridão
a um passo do afogamento.
Somos apenas 7 bilhões
e mais ninguém no universo.
Nem mesmo nos vemos.
Fingimos que nos ouvimos
mas o único som que ressoa
é desse rio a correr
até onde não sabemos,
sinal de algum movimento.
Nossas vozes dizem pouco
sobre nossa aparência
ou existência.
Esperamos agônicos pelo resgate
sem saber se é real
o outro lado.



Danilo Gomes, mineiro de Mariana, nasceu em 1942. Fez os cursos de Direito (UFMG, BH, 1974) e Jornalismo (CEUB, Brasília, 1985). Membro da Academia de Letras do Brasil, da Academia Mineira de Letras, da Academia Brasiliense de Letras e do IHGDF. Trabalhou durante 45 anos, 20 dos quais na Secretaria de Imprensa e Divulgação da Presidência da República. Tem participado de antologias de crônicas, contos e poemas. Livros publicados: *Escritores Brasileiros ao Vivo* (2 volumes, entrevistas), *Água do Catete*, *Uma Rua Chamada Ouvidor*, *Antigos Cafés do Rio de Janeiro*, *Em Torno de Rubem Braga* (com prefácio de Otto Lara Resende) e *Augusto Frederico Schmidt, Juscelino Kubitschek e Odilon Behrens*. Publicou também a plaquete *Mineiridade Que Sobrevive ao Tempo*, celebrando os 80 anos do poeta Alphonsus de Guimaraens Filho. Mora em Brasília desde 1975. Prepara um livro sobre o Cardeal Richelieu e seu rival, o Conde Duque de Olivares.

1492 -I

Eu, Rodrigo de Triana,
castelhano,marinheiro,
do alto do cesto da gávea,
vejo terra pela vez primeira.
Eu anuncio a Descoberta,
arauto sou da boa nova.

Nasci no distrito de Triana,
o bairro dos marinheiros, em Sevilha.

Sou o primeiro,
em meio ao voo dos alcatrazes.

Diante de mim, agora,
o golfo, a baía, o promontório,
os peixes voadores
e um bando de dourados hipocampos,
na luz iridescente da manhã dominicana.

Nesses mares
de famintos marinheiros,
ninguém, antes de mim,
pousou os olhos nessas praias de Guanaani.

Aqui será a América.

O Almirante Cristóbal Colombo

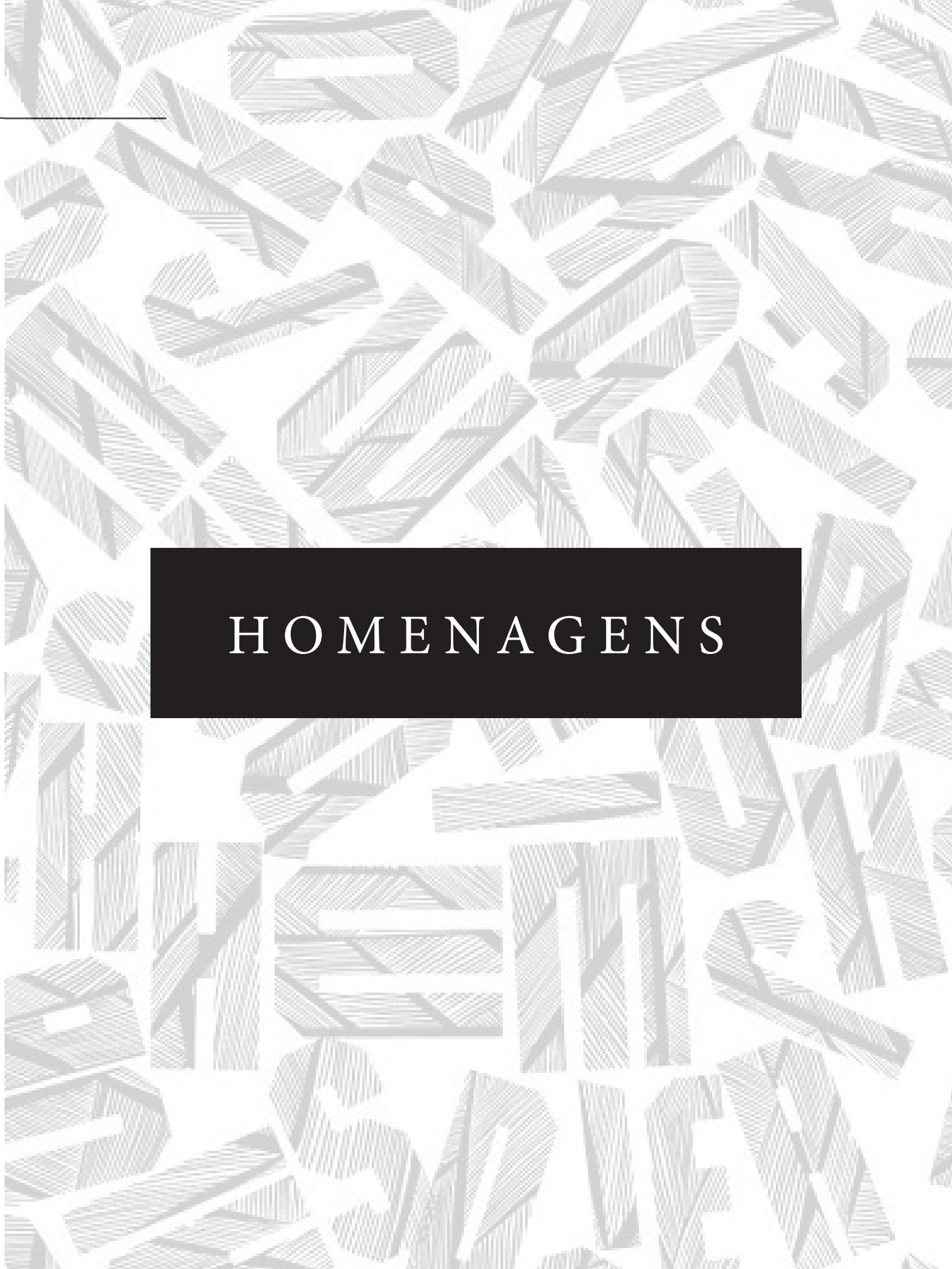
1492 - II

Tão logo convocou-me o Almirante
e Vice-Rei das terras descobertas,
Don Cristóbal Colombo,
nas primeiras brumas do dia que nascia,
com o grito de “Terra à vista!”,
por Rodrigo de Triana,
alucinado no cesto da gávea,
eu me postei com livro, pena e tinta,
escrivão que sou desta jornada louca.

E assim eu, abaixo-assinado,
Rodrigo de Escovedo,
notário juramentado da Coroa de Castela e Aragão,
registro, atônito, a Descoberta,
na brisa da manhã dominicana.

Aqui é Guanaani, agora São Salvador,
e desta ilha nascerá a América !

O Almirante, capitães,mestres e marinheiros
em êxtase entoam o “Te Deum Laudamus”,
porque livres fomos dos naufrágios
na dura travessia tormentosa.
Registrarei as bandeiras e estandartes desfraldados,
a fé e a esperança nessas Índias,
a boa nova de Rodrigo de Triana.
E como ele, eu, escrivão da Armada,
Rodrigo de Escovedo,
de quem ninguém mais se lembrará,
também espero o olvido,
no imenso mar azul das caravelas.



HOMENAGENS

Almeida Fischer Centenário

Anderson Braga Horta

O menino Oswaldo, nascido em Piracicaba, próspera cidade do interior de São Paulo, aos 22 de dezembro de 1916, parecia destinado aos trabalhos da terra. O filho do enfermeiro Artur Fischer e da modista Rita de Almeida Fischer, tendo cursado o primário no Grupo Escolar Barrão do Rio Branco e o ginásio em estabelecimento anexo à Escola Normal Oficial (que mais tarde assumiu o nome de outro ilustre piracicabano, o educador, jornalista e escritor Sud Mennucci), ingressou na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Aí frequentou o curso de Agronomia até o 2.º ano, quando saiu da cidade natal rumo ao Rio de Janeiro, onde se lhe descortinaria campo mais largo para a verdadeira vocação: o jornalismo e a literatura.

Essa vocação já era manifesta no jovem estudante, que publicava crônicas e artigos na *Gazeta de Piracicaba* e no *Jornal de Piracicaba* e cedo transcenderia os limites da origem para colaborar em *O Malho*, *Clima* e outras revistas cariocas e paulistanas. Também precocemente frutificou o espírito empreendedor na fundação do jornalzinho *O Escolar* (com o estímulo do professor Thales de Andrade, celebrado historiador e escritor infanto-juvenil, conforme depoimento de Samuel Pfromm Netto, em seu *Dicionário de Piracicabanos*). Fundou ainda, no âmbito nativo, o jornal *A Cidade* e participou na criação da revista *Garota*.

Em fins de 1943, com os seus 27 anos, portanto, desembarcou no Rio de Janeiro com uma carta de Mário Neme (o *Dr. Salim* que publicava na *Gazeta de Piracicaba*) apresentando-o ao já prestigioso autor de *O Conde e o Passarinho*, o cronista Rubem Braga. Este, por sua vez, o encaminhou a Carlos Lacerda, que, segundo Luiz

Carlos Guimarães da Costa (em sua preciosa *História da Literatura Brasileira*), lhe deu o primeiro emprego, na Agência Meridional, dos Diários Associados. No Rio, passaria por diversas redações: as revistas *Dom Casmurro* e *Vanguarda*, *O Jornal*, *Correio da Manhã*, *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil*.

Foi uma época de grandes definições, essa. Além da confirmação no jornalismo, formou-se em Direito, em 1948, pela Faculdade do Rio de Janeiro. No ano anterior, ingressara no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mediante concurso público em que obtivera o primeiro lugar. Cumpriria no IBGE uma carreira de trinta anos, vindo a se aposentar como Assistente Jurídico do Ministério de Educação e Cultura. Passo importantíssimo para o jornalista e homem de livros, foi cofundador do suplemento *Letras e Artes*, do jornal *A Manhã*, secretariando-o até 1950 e, daí em diante, dirigindo-o até a derradeira edição, em 1954. Em 1947 estréia em livro com *Horizontes Noturnos* (Editora A Noite), seguido de *O Homem de Duas Cabeças* (Edições Oásis, 1950; reeditado em 1953 e 1971; vencedor do Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras) e *A Ilha e Outros Contos* (Os Cadernos de Cultura, Ministério da Educação e Saúde, 1953). Entre 1949 e 1960, participou em importantes antologias, como a *Antologia de Contos de Novos Escritores do Brasil* (Edição Revista Branca, de Saldanha Coelho), a *Antologia Italiana per la Scuola Media*, de Virgilio Casale e Domenico Di Maggio, a *Antologia do Conto Paulista*, de João Pacheco, e *O Conto da Vida Burocrática*, de R. Magalhães Júnior.

Já era Almeida Fischer um jornalista e escritor vitorioso quando se transferiu para Brasília, em fins de 1960 (com 44 anos, portanto). Não veio para tentar a vida, como se diz. Trazia já todos esses louros, mais uma carreira bem-sucedida no serviço público. Mas em Brasília conso-

lidou sua obra de narrador, realizou sua vocação para a crítica, exerceu frutuosamente cargos de importância na área da produção artístico-literária, realizou eventos, criou periódicos e entidades, teceu, enfim, uma teia cultural que deu à Cidade um amadurecimento e uma feição espiritual digna de sua condição de nova e moderna capital do País.

Superintendente da Fundação Cultural do Distrito Federal, instituiu a Semana Nacional do Escritor, depois Encontro Nacional de Escritores, que reunia anualmente em Brasília os maiores nomes do País. Eram encontros fecundos, com palestras e debates (alguns acirradíssimos...), animados, na parte social, por excelentes coquetéis de confraternização. (Sobre esses encontros, veremos, daqui a pouco, um interessante depoimento póstumo de Fischer.) Fomentou as artes plásticas, por meio do Salão de Arte Moderna do Distrito Federal, que reunia os mais destacados artistas nacionais.

Na área jornalística, saudoso talvez dos tempos do *Letras e Artes*, associou-se a Sousa Neto para organizar páginas dedicadas às letras nos jornais *Crítica* e *Diário do Brasil*. No *Diário de Brasília* foi responsável pelo suplemento *Enfoque*; no *BsB Brasil*, depois *BsB Diário*, pelo suplemento *Letras*. Com Domingos Carvalho da Silva e Afonso Félix de Sousa organiza para a Thesaurus, de Victor Alegria, a revista *Compromisso*.

Deu-nos a antologia *Contistas de Brasília*, a primeira do gênero na nova capital, lançada pela Livraria Dom Bosco Editora, em 1965. Para a Horizonte, de Geraldo Vasconcelos, criou e dirigiu a série 10 Contos Escolhidos.

Espírito associativo, comandou a fundação da ANE — Associação Nacional de Escritores (em cujo edifício-sede, que ostenta o seu nome, lhe prestamos este preito). Nascida em 21 de abril de 1963, no espaço da Livraria Dom Bosco, de Francisco Scartezini Filho (na SQS 108), é a mais

antiga sociedade literária de Brasília, e em seu seio se geraram as mais importantes das que se lhe seguiram. Fischer foi, de início, seu vice-presidente, e presidente de 1969 a 1979. Liderou a criação da Academia Brasiliense de Letras, cuja data de fundação pode ser fixada em 8 de março de 1964; e, em 25 de julho de 1987, juntamente com José Geraldo, a da Academia de Letras do Brasil. Apoiou a da Associação Profissional dos Escritores do Distrito Federal, passo exigido para a constituição do sindicato, em que afinal se transformou.

Lecionou Literatura Brasileira na UnB e, além dessa disciplina, Teoria da Literatura no Centro Universitário de Brasília, o atual Uni-CEUB. Em 1972 a Universidade do Ceará conferiu-lhe a Medalha do Mérito Cultural. Foi sócio honorário da Academia de Paestum, de Salerno (Itália). Fez em Madri, em 1973, com bolsa da OEA e do governo espanhol, curso de produção e comercialização do livro. Chefiou delegação de nosso país em simpósio luso-brasileiro sobre a indústria do livro, em Lisboa. Em 1979 e 1980 dirigiu o Centro de Estudos Brasileiros em Rosário, Argentina. Postumamente, em 1997, foi-lhe outorgado o título de Cidadão de Brasília, por iniciativa do Deputado Distrital Geraldo Magela. Cumulando a homenagem, a Câmara Legislativa se deslocou de sua sede para realizar a solenidade no Edifício Almeida Fischer.

O Narrador

De Brasília, Almeida Fischer retoma sua contística publicando *Nova Luz ao Longe*, pela Martins, de São Paulo, em 1965. O livro recebeu o Prêmio de Ficção Prefeitura do Distrito Federal desse ano, e teve segunda edição pela brasiliense Ebrasa, em convênio com o Instituto Nacional do

Livro, em 1971. Nesse mesmo ano, com o mesmo selo, sai a terceira edição d'*O Homem de Duas Cabeças*. De 1980 são os seus *10 Contos Escolhidos* (Horizonte/INL). E em 1988, coroando os seus trabalhos no gênero, *Memorial de Inverno*, pela Thesaurus, de Brasília.

As safras brasilienses são fecundas. Em 1970 o narrador estréia no romance com *O Rosto Perdido* (Ebrasa), que terá segunda edição, carioca (Record/INL), em 1978, e terceira pela Thesaurus (Brasília, 1985). No ano de sua morte, em 1991, sai a novela *De Repente a Primavera*, com a marca Signo Editora. Deixa um romance inédito, *A Repressora*, do qual se dará notícia adiante.

Dezenas de escritores de vulto opinaram sobre esses livros (menciono, quase aleatoriamente, Dinah Silveira de Queiroz, Fausto Cunha, Álvaro Lins, Lygia Fagundes Teles, Ledo Ivo, João Gaspar Simões...); não há como transcrever algo de cada um sem levar ao fastio. Limitar-me-ei a uns poucos, não aleatoriamente, é claro, mas também não me atendo à importância atribuída aos comentaristas, antes procurando produzir uma espécie de micropanorama do que na obra fischeriana têm apontado.

Caio Porfírio Carneiro, não sem antes afirmar que Fischer, “escritor de talento e inegáveis méritos batalhou mais pelos outros do que para si mesmo”, diz em artigo recente, para o *Linguagem Viva* (Piracicaba, março de 2015):

Além dos volumes onde reuniu seus ensaios e trabalhos críticos, deixou uma obra de ficção da melhor qualidade. Livros como *O Rosto Perdido*, *De Repente a Primavera* e *Memorial de Inverno*, para só citar estes, nada devem aos que de melhor fizeram e fazem as nossas letras. Senhor de um estilo elegante, sóbrio, filigranado de sutis achados, rico de nuances harmoniosas, que dão bem a medida do quanto o idioma português, com as nossas particularidades, pode se vestir artisticamente, se é um mestre e um bom cinzelador quem com ele lida.

No *Correio Paulistano* (advirto que nem sempre poderei citar as datas) Nuto Sant’Anna aplaude “o autêntico contador de histórias, servido por grandes qualidades artísticas”, destacando em seus contos o equilíbrio, a interpretação psicológica, a maliciosa observação das coisas e dos fatos”.

De acordo com Stefan Baciú, no *Letras e Artes* (21.9.1952), ele escreve “sem pressa, com um perfeito conhecimento de todos os efeitos, dominando a difícil arte de contar com uma grande segurança”.

Ainda no *Letras e Artes* (20.5.1951), depõe Temístocles Linhares:

Não seria nenhum exagero atribuir à anarquia presente da linguagem entre nós a escassez de bons contistas. Isto é, de contistas que escrevam contos semelhantes a seres vivos, com sangue nas veias, mas também despidos de impulsões caóticas, que só servem para estabelecer uma espécie de divórcio entre a vida e a literatura.

É exato que existem as exceções. E é a propósito de uma delas, seja dito logo, que estão nascendo estes comentários.

Se há alguém que tenha consciência da responsabilidade de contista, repousando toda ela na composição e na linguagem, sem lhe emprestar nenhuma estreiteza gramatical, este alguém é Almeida Fischer.

“O contista”, pontifica Sérgio Milliet, “se exprime sempre da maneira mais adequada ao assunto, chegando em contos de fundo trágico, como o do ‘Rosto’, a uma densidade rara” (*O Estado de S. Paulo*).

Joaquim Ribeiro (*O Jornal*) vê em *Horizontes Noturnos* “um esplêndido espólio de tipologia humana”.

Das páginas da revista *Ausonia*, n.º 32 (Siena, Itália, março de 1949), vem a palavra de Luigi Fiorentino: “Osservatore attento della vita e delle passioni degli uomini, spiritualizza le sue creature con forza della fantasia”, com uma “impressionante originalità che, senza troppo concedere all’analisi psicologica, si risolve con l’ala della poesia”.

Segundo Reynaldo Bairão, na *Revista Branca*, “contos como ‘O Mostrengo de Vila Maria’, como ‘O Rosto’, e como ‘A Solteirona’, poderiam constar de qualquer antologia, como pequenas obras-primas que são”.

Antônio D’Elia, a propósito de “O Mastro” (*A Ilha e Outros Contos*), afirma em *A Manhã* de 1.º de junho de 1954:

O que perturba em Almeida Fischer não é o seu surrealismo neste conto e os seus mergulhos introspectivos em outros da coletânea. A perturbação mais forte vem do contraste entre as situações psicologicamente “violentas!” e irreais (pelo menos inverossímeis) e a sua linguagem simples, muitas vezes de composição narrativa objetivíssima.

Em harmonia com isso penso que está o que diz Teresinha Pereira em *Vida Universitaria* (México, 16.8.1973):

El estilo de los cuentos del escritor brasileño Almeida Fischer representa un caso especial en la nueva narrativa latino americana. Mucho tiempo antes del desarrollo en la América hispánica de la corriente literaria llamada “realismo mágico”, Almeida Fischer ya había adoptado en su obra la inclusión de la magia como un elemento enriquecedor del tema de la ficción y como un medio de resaltar las posibilidades de invención en los sucesos ordinarios de la vida cotidiana.

Pela mão desses escritores damos um matizado passeio pela ficção de Almeida Fischer e organizamos na mente um interessante resumo de sua imaginação e de seu estilo.

Enumero, assumindo o risco de omissão, os sócios da ANE que sobre nosso autor escreveram: Dinah Silveira de Queiroz (*A Manhã*, Rio, 5.4.1951), Fontes de Alencar, em *Kalevala e Outros Temas*, Thesaurus, 2014; Fabio de Sousa Coutinho, em *Elogio de Fernando Mendes Vianna* (discurso de posse na Academia de Letras do Brasil), Thesaurus, Brasília, 2010; Danilo Gomes, em *Escritores Brasileiros ao Vivo*, vol. 1, Comunicação, Belo Horizonte, 1979; Antônio Roberval Miketen, em *Enigma e Realidade*, Thesaurus, 1983; José Geraldo, em *Ensaio Literários*, Thesaurus, 2005; Domingos Carvalho da Silva, apresentando a primeira série de *O Áspero Ofício e Nova Luz ao Longe*; Alan Viggiano, em *Meninos, Eu Li!*, André Quicé, 2006; Napoleão Valadares, no *Dicionário dos Escritores de Brasília*, idem, 1994, 2003 e 2012; Wilson Pereira, em *A Literatura Brasileira*, Universa, 1999, e o já mencionado Luiz Carlos Guimarães da Costa (*História da Literatura Brasileira*, Thesaurus, 2005). Heitor Martins, a par de “Almeida Fischer, em Brasília, entre o Real e o Fantástico”, estudo introdutório a *10 Contos Escolhidos* (Horizonte, 1980), levanta-lhe extensa bibliografia (a que podemos acrescentar dados oferecidos nos próprios livros de Fischer, ainda que nem sempre completos). Lembro ainda, com matérias em periódicos como o *BsB Letras* (que lhe dedicou integralmente a edição de 22 de dezembro de 1991), o *Jornal do Brasil* e o *Linguagem Viva* (editado em sua terra natal por Adriano Nogueira e Rosani Abou Adal), os nomes de Aglaia Souza, Branca Bakaj, Hilda Mendonça, J. M. Leitão, João Carlos Taveira, Julio Cezar, Marlene Andrade Martins e Patricia Bins; no *Correio*

Braziliense, José Augusto Guerra (14.8.1970) e Luiz Beltrão (14.8 e 20.11.1970).

Um Romance Inédito

Caio Porfírio Carneiro, no artigo do *Linguagem Viva*, depois de se reportar elogiosamente ao romance *O Rosto Perdido* e à novela *De Repente a Primavera*, diz mais: “Deixou inédito um belíssimo romance, que tive o prazer de ler no original. Obra de conflito familiar e suas solidões, em andamento poético e um pouco doído.”

Esse romance é *A Repressora*, e está sendo editado pela ANE, nas oficinas da Kelps, de Goiânia, como uma das homenagens ao nosso grande escritor pelo seu centenário de nascimento, que ora comemoramos. Como o anterior, *O Rosto Perdido*, ambienta-se em Brasília, sendo prólogo nas referências a fatos vivenciados e protagonizados pelo autor. Vamos antecipar-lhe uma página que, se não exemplifica os seus méritos de ficcionista, demonstra bem a presença do homem de opinião, do lutador renitente, do crítico social. Lembra, nela, os saudosos encontros nacionais de escritores, lamentando os novos tempos em que a prestigiação da cultura entrava em decadência. É o começo do capítulo “O Encontro Invisível”:

O Encontro Nacional de Escritores, um dos mais importantes eventos culturais da Capital da República, promovido há cerca de vinte anos pela Fundação Cultural do Distrito Federal com o maior êxito, parece ter-se acabado no segundo ano da chamada Nova República. O do ano passado foi fraco, mas houve. Os anteriores contavam sempre com a presença, em Brasília, dos mais destacados escritores do País, vindos de quase todos os Estados, que participavam, com

os aqui residentes, de seminários, ciclos de conferências e debates e de reuniões de caráter social, destinadas ao reencontro de colegas e amigos dispersos no imenso território nacional. O mundo intelectual de Brasília prestigiava as realizações com sua presença interessada, os estudantes universitários inscreviam-se para participar de debates e séries de conferências, e a sociedade brasiliense abria suas portas para a confraternização dos escritores.

Entre os vinte a trinta escritores de fora, que participavam dos encontros, contavam-se os nomes mais consagrados da literatura brasileira e jovens valores emergentes, com obra ainda pequena. Durante alguns dias, Brasília se transformava na Capital da literatura do País.

Minha Visão do Contista

Tenho para mim que o conto é a linguagem natural de Almeida Fischer. Reconheço e proclamo os altos méritos do romancista, do novelista e do crítico (devendo agora acrescentar que, no fim da vida, ele se dedicou também à poesia), mas, como disse ao comentar seu *Memorial de Inverno*, o conto está nas origens do escritor, e é o seu gênero maior. Escrevendo, de outra feita, sobre os *10 Contos Escolhidos*, ressaltai, neles, a condensação e dramatização do cotidiano, o realismo às vezes extremo —se bem que, na visão de Heitor Martins, alternado ou combinado com o fantástico—, e ainda a arte do detalhe estratégico, da ordem escolhida para a exposição, da montagem, enfim; e, de outro ponto de vista, a exibição do contraste entre o ostensivo esbanjamento de uns e a miséria de outros. Contrapontava, também, com esse realismo o clima poético haurido em passagens como esta, de “O Rosto”, uma de suas

mais impressionantes histórias curtas (que em geral o são os seus contos):

Joceli tinha uns olhos superlativamente verdes como uma esperança, os seios duros e empinados, de um moreno claro, os longos braços nus sempre prontos a abrigar-lhe o corpo, os cabelos molhados de mar, escorridos sobre os ombros. E havia barcos de pesca sobre o mar tranqüilo, movediços pontos brancos que se apagavam na distância, que se afastavam para além do horizonte.

De sublinhar, ainda, na obra contística, a simplicidade da narrativa, sem excessos nem truques, lenta e regular, tom geral de tristeza e solidão, amargo até, mesmo nas discretas manifestações de humor, tendentes ao negro. E, como pano de fundo, a presença clara ou velada de Brasília, na observação de Heitor Martins, que o afirma o “mais apto cantor” da cidade.

Dizem que repetir a si mesmo não é plágio. Permitam que me repita um pouco, pois o que disse há tantos anos sobre o nosso contista é o que gostaria de lhes dizer agora. Fischer tem o sentido do conto, e o sentido do dramático. Não estaciona jamais no patamar do anedótico, de que faz emergir —e tanto melhor se nem sempre ostensiva— uma verdade geral, ou uma verdade íntima. E, mercê de uma técnica de captação da realidade temperada por uma ótica intencionalmente deformadora, corretiva, parece, não raramente, que o contista brinca com essa realidade, ou dela se vinga. Quase como se se divertisse antepondo aos seus rostos (palavra de notória incidência em sua ficção), ou aos seus personagens, uma série de espelhos deformadores.

A seguir, mais um fragmento ilustrativo, extraído de “O Mastro”, que reputo um dos mais bem realizados contos de Almeida Fischer:

Com pouco mais de doze anos e sem nenhuma preparação para a vida, Joaquim saiu em busca de emprego, o jornal debaixo do braço e um grande temor pesando-lhe na alma. Não conhecia nenhuma espécie de trabalho e nem sabia a que emprego aspirar. A muito custo, depois de percorrer numerosos andares de diversos edifícios, de escritório em escritório, de loja em loja, conseguiu um lugar em uma equipe de propagandistas de rua, como distribuidor de impressos de casas comerciais anunciadas, através de imenso alto-falante, por um homem que se equilibrava sobre longuíssimas pernas de pau.

Joaquim cresceu e ficou homem sempre andando sobre longas pernas de pau, o rosto borrado de vermelho e branco, olhando do alto as pessoas e as coisas, a jovem cabeça envolvida pelo ar puro das alturas, o olhar abrangendo a agitada multidão das ruas centrais, acima das pequenas tragédias do asfalto, das lamúrias dos mendigos e da impertinência dos camelôs.

Aos poucos, um estranho desejo de crescer mais se foi apoderando de Joaquim. E o comprimento das pernas de pau foi sendo gradativamente aumentado, a ponto de ele ser obrigado a se curvar para não bater com a cabeça nos fios elétricos. Cada vez mais distante das criaturas e coisas de dimensões normais, Joaquim começou paulatinamente a sentir um certo desprezo pelas multidões que lhe roçavam as pernas

O Crítico Literário

Quem faz literatura acaba escrevendo sobre literatura. É quase um corolário. Disso não destoou Almeida Fischer. Em 1970 reuniu em livro, pela primeira vez, escritos sobre livros, lançando a primeira série de *O Áspero Ofício* (Comissão Estadual de Cultura de São Paulo; Prêmio

Assis Chateaubriand da Academia Brasileira de Letras). A segunda sairia em 1972, pela Ebrasa. A terceira e a quarta, no Rio, pela Cátedra/INL, em 1977 e 1980. A quinta em 1983, novamente pela Cátedra/INL. Finalmente a sexta, pela Horizonte/INL, em Brasília, 1985. De 1983 é o opúsculo *A Literatura de Brasília*, editado em Lisboa (incluído na quinta série).

O reconhecimento dessa faceta do escritor é proclamado enfaticamente por Nataniel Dantas nas dobras de *O Áspero Ofício*, 2.^a série: “antes do contista e do romancista, urdidos de fábula, Almeida Fischer — pastor de rebanhos literários e de tudo o que diz respeito à comunidade das letras — é um espírito crítico de grande penetração e notável sensibilidade, servido por um indispensável conhecimento humanístico”.

O sentido da crítica fischeriana é dado por Fischer mesmo, na abertura da série inicial. Embora reconhecendo que “um livro publicado, desde o momento de seu lançamento, se desliga de seu autor, ganhando autonomia, sobrevivendo apenas em função de suas qualidades intrínsecas”, e que “a dissecação de obras literárias, levada à radicalização, segundo as teorias mais recentes, constitui bom exercício escolar, destinado a aferir a agudeza de observação e de investigação, bem como o aparelhamento metodológico dos que se iniciam na análise da criação literária”, conclui que “a crítica, em literatura, não é apenas isso, não obstante também o seja: é, igualmente, exercício de cultura humanística, de bom senso e de sensibilidade”. Na 3.^a série, explicitaria ainda mais a sua posição, que implica (e com isso concordamos) “uma *visão* crítica não desinformada sobre métodos e processos de análise e julgamento da obra literária experimentados a partir das teorias e especulações de correntes lingüísticas já um tanto antigas —ainda consideradas de vanguarda em nosso País—, mas sem qualquer passionalismo ou condicionamento em relação a es-

sas experimentações”. Na 5.^a série, páginas 125/6, ao falar sobre livros de Danilo Gomes e Edla van Steen, confessará ver-se de novo “diante da velha controvérsia suscitada, a partir de 1914/15, pelos formalistas russos e trazida até nossos dias pelos teóricos do ‘new criticism’ e do estruturalismo: a não valia (ou a valia?) do biografismo — e também do sociologismo — para os estudos do fenômeno literário”. Sua tendência será sempre, sem afastar de todo esses teóricos, evitar os excessos dos que chegam “ao extremo de defender a eliminação, da capa dos livros, do nome de seu autor, bem como de qualquer outra referência que lhe diga respeito”... E explicita, afinal:

A crítica mais bem orientada de nossos dias aproveitou as lições válidas das correntes formalistas, suprimindo-lhes os excessos passionais, e já não despreza como inúteis todas as informações marginais à obra mas capazes de fazer luz sobre o texto em exame.

Almeida Fischer exerceu a crítica literária num período em que os rodapés praticamente desertavam dos grandes jornais. E o fez com dignidade, constância e valor.

O Homem

Tanto eu quanto Fischer chegamos a Brasília em 1960; eu em 12 de julho, ele em fins do ano. Já não sei em que circunstâncias nos conhecemos. Os primeiros contactos de que me lembro foram na Livraria Dom Bosco, situada na 108 Sul, na ponta oposta à da igreja de Nossa Senhora de Fátima. Sei que —perdoem se novamente me repito— nos ligamos definitivamente pelos laços de uma afinidade intelectual (em verdade, transintelectual, pois me parece certo que a inteligên-

cia, não afetivamente considerada, aproxima as mentes mas não tem o condão de fazer amigos).

Empreendedor e agregador, marcou sua se-meadura cultural nesta cidade com a fundação, em sessão realizada nessa casa de livros, já em 21 de abril de 1963, de sua primeira entidade literária, a Associação Nacional de Escritores. Em torno de sua atuação congregante, fosse na ANE, fosse nas Academias Brasiliense e do Brasil, fosse nos suplementos que fundou e dirigiu, em suas atividades editoriais como nos cargos que exerceu, gravitou a nata da produção cultural brasiliense por extenso período.

Acabado exemplar de bicho-das-letras, tinha por devoção a literatura: ler, escrever, estimular, divulgar, criticar — nada lhe era estranho ou de menor interesse. Fora do âmbito familiar, não gostava que o chamassem pelo primeiro nome. Era como se dissesse: “Vivo pela literatura, e literariamente meu nome é Almeida Fischer. Mas podem me chamar de Fischer...”

Homem de fala escandida e tranqüila, era de trato agradável, amigo leal e dedicado. Não obstante essas amenidades, era capaz de polemizar. Nem escondia sua má-vontade para com plumitivos menos aquinhoados de talento, porém superdotados de oportunismo.

Gregário por natureza, como já disse, preferia as reuniões informais às solenes, embora reconhecesse a estas o seu importante lugar. E nada para reunir pessoas como cadeiras em redor de uma mesa sobre a qual paire a sedução de uma *loura* bem gelada... Assim, quando a ANE pôde alugar uma sede (na 415 Sul), instrumentou-a com mesas, cadeiras e uma geladeira, que ninguém é de ferro... E nos arredores havia bares e restaurantes, que podiam facilmente ser acionados. Mas é claro que havia, na sala, um miniauditório, em que a literatura era cultuada, como de rigor. Cabe dizer que a ANE continua essa tradi-

ção: nas Quintas Literárias como em outros eventos, após o *culto* vem o conagraçamento.

Em 1976 o coração pregou-lhe uma peça, ameaçando levá-lo precocemente para a outra margem. Teve de ir para a mesa de operações, em São Paulo. Deu tudo certo. Gosto de rememorar uma atitude sua, característica do seu modo de ser. Nem bem saíra da cirurgia, convenceu o médico a permitir-lhe uma comemorativa dosezinha de uísque. Tomada, provavelmente, como escrevi certa vez a respeito, “com aquele sorriso de bem-viver que lhe marcava a fisionomia”.

Já que lembrei o episódio, por que não lembrar também o sonetinho que lhe dediquei, quando de sua volta? Ei-lo:

CARDIOGRAMA PARA ALMEIDA FISCHER

Passado em 6 de outubro de 1976

Tem razões o coração
que nem sempre a razão sabe.
Muitas vezes, de emoção,
ele em si mesmo não cabe.

E mais ditado nenhum
diga eu hoje, que receio
de tanto lugar-comum
o coração fique cheio.

Só mais uma coisa (por
não pôr-lhe a paciência à prova):
É bom, em pleno vigor,

novamente ao nosso lado
vê-lo — de alma sempre nova,
num coração renovado.

Se disso não morreu —continuo na tri-
lha do que escrevi no décimo aniversário de seu
passamento—, foi-se-lhe, porém, combalindo o
corpo às agressões do fumo, que não largou, e da
bebida, que pelo menos reduziu.

Quinze anos depois, em setembro de 1991,
voltando para casa de uma das reuniões sociais
da ANE, que então se faziam no extinto Macam-
bira da 406 Sul (as vacas tinham emagrecido, não
mais podia a Associação pagar o aluguel de uma
sala), caiu e quebrou o fêmur. Cirurgia com im-
plante de platina. Infecção hospitalar. Com a re-
sistência minada, não resistiu.

Almeida Fischer faleceu em 17 de setembro
de 1991. Não sei como terminar esta oração, com
que lhe saúdo (saudamos) o centenário de nas-
cimento, senão reproduzindo palavras que pro-

nunciei no momento de seu embarque na carave-
la definitiva, dirigindo-me diretamente ao amigo:

Você foi, sem dúvida, um grande escritor, pelas
realizações na novela e no romance, nem todas
publicadas; pelo meritório esforço das seis séries
editadas de *O Áspero Ofício*, em que você supriu
quase sozinho a imensa lacuna que se formou
em nosso país no campo da crítica literária; mas,
sobretudo, a meu ver, no terreno do conto, limí-
trofe do poético — território este que você co-
meçou também a trilhar, no fim da vida, com o
talento que punha em tudo a que se dedicava.

Mas, além do profícuo trabalho de escritor,
você nos deu ainda uma intensa e variada ati-
vidade de agente, catalisador, incentivador lite-
rário, desde o tempo de secretário do *Letras e*
Artes, no Rio de Janeiro. Jornalista, professor,
criador de entidades voltadas para as letras,
promotor de eventos literários, você foi tam-
bém um pescador de talentos, aos quais deu
sempre, infatigavelmente, lição e apoio.

Para mim, porém, para nós que aqui nos re-
unimos nesta hora definitiva, você foi muito
mais do que isso: você foi um dos construtores
e mantenedores de um dos fundamentos espi-
rituais desta cidade-limiar, que você, como nós,
amava, e em que você, como nós, acreditava. E,
acima de tudo, você foi o amigo; o homem às
vezes áspero, o líder brigão, em certos aspec-
tos quase intratável, mas sempre, no fundo, o
lutador invariavelmente orientado para o bom
combate, o homem bom, o amigo certo.

Almeida Fischer foi casado com Irany Co-
razza, com quem teve três filhas: Valnira, Valnete
e Valnides.

Uniu-se em segundas núpcias com Milena Ri-
vas Fischer, amiga nossa, amiga desta casa. São três
os filhos do casal: Denise, Márcio e Fábio. À estimada
família, os nossos cumprimentos e o nosso abraço.

UMA PROCLAMAÇÃO DA VIDA

Anderson Braga Horta

O poeta Fernando Mendes Vianna não era desses homens comuns, sujeitos à morte. Essa, pelo menos, a impressão que nos dava, aos amigos mais íntimos. Como disse Aglaia Souza, em fala que resumo, ele se afigurava imortal, na verdadeira acepção da palavra; não no de integrante desta ou daquela academia de letras, mas no sentido de um ser “invencível, alegre, brincalhão, nem parecendo, a quem não o conhecesse mais de perto, um escritor da estatura do Fernandão”. Não, ele parecia que nunca havia de morrer. E, no entanto, a morte foi uma das notas mais constantes e mais intensas de sua poesia. E os poemas que escreveu nas antevésperas de partir são espantosamente premonitórios do evento-meta, que nada fazia supor tão próximo.

Disse ele, fechando um dos mais fortes poemas de *A Chave e a Pedra* (o “Políptico do Morto”), que “a morte é uma festa solitária”. Mas Fernando, vivo, era uma festa efusiva para os amigos, para quem o visse e ouvisse dizendo versos próprios ou alheios. E, em verdade, apesar da presença constante da velha ceifeira em sua obra, pode-se dizer que sua poesia foi sempre uma proclamação da vida.

De estatura imponente, belo timbre e grande potência vocal, sem inibições diante de qualquer público, tinha tudo para ser um intérprete talentoso. E o era. Falava com desenvoltura, num misto de erudição e fluência. Dono de vasta e profunda cultura, notadamente nos fatos e na essência da poesia, e familiarizado com os mais importantes idiomas ocidentais, discorria como poucos acerca daqueles fatos e daquela essên-

cia. Seu carisma de orador cativava os ouvintes, conduzindo-os invariavelmente à sua frequência vibratória. E tinha a volúpia da palavra. Difícil era contê-lo em limitações de tempo: ele as desbordava quase sempre, sem que o auditório desse mostras de cansaço ou impaciência. Encantava as pessoas, se bem que pudesse ser ferinamente sarcástico. Mas as vítimas acabavam perdendo-lhe as críticas mordazes, compensando-as na conta de sua imensa espontaneidade – tanto para o elogio quanto para a demolição.

Insisto nalguns traços de sua figura. Alto, mais para magro, alegre, brincalhão, espalhafatoso às vezes. Compleição de Quixote. E quixotesco ele era pelas atitudes, pela generosidade, pelo desassombro, quando se empenhava na defesa ou realização de algum ideal, no combate a alguma absurdidade ou alguma injustiça. Por outro lado, se era genial na iniciativa dessas guerras e no desenvolver das primeiras escaramuças, falecia-lhe a paciência para cultivar a rotina das batalhas. Era um bom deflagrador, mas... tomassem outros o apito, em tempo hábil, que ele tinha uma intensa vida a desfolhar, e uma intensa poesia a compor.

Nele, o homem do dia-a-dia e o poeta, em boa medida, se confundiam. Seus *sofrimentos poéticos* não eram fingidos, nem tampouco suas alegrias e seus gozos. Era um autêntico. Sem pose. Mas não me entendam mal: sem nenhum “primitivismo”. Era um poeta culto, refinado, que, à semelhança do lendário Midas, transformava em ouro tudo o que tocava – só que, afortunadamente, no ouro da poesia.

Fernando, contrariando as expectativas, faleceu em 10 de setembro de 2006. Poucos anos antes, submetera-se a uma operação na válvula mitral, mas parecia bem. Cirurgia mais recente, nos olhos, deixou seqüela que decerto lhe amargou os últimos dias, talvez contribuindo para sua morte: não conseguia mais ler, embora enxergasse bem à distância. Teve morte que gostaríamos

de merecer, como dádiva divina. Naquela manhã de domingo, levantou-se cedo, como de hábito; fez o café e, como de hábito, sentou-se à mesa para escrever. Foi encontrado pela família, pouco depois, no chão, com a caneta, papéis e um poema esboçado.

Ei-lo livre, afinal, podendo, como jamais, cantar, gritar os versos emblemáticos da “Ode do Liberto”:

Às margens de um rio que não existe,
invento as águas da existência
e bebo.

A poesia o susteve. A poesia o levou. Tinha-o Deus na paz da poesia, como legítimo poeta e homem generoso que foi.

Herança e Construção

Luiz Fernando de Sá Mendes Vianna –esse o seu extenso nome– era carioca, nascido em 1933. Ao deixar o Rio de Janeiro pelo Planalto Central, em 1961, era já um considerável poeta, autor de *Marinheiro no Tempo e Construção no Caos* (1958) e, destacadamente, de *A Chave e a Pedra* (1960), livro com que se alça, a meu ver, ao primeiro plano da poesia de seu tempo, e que será transcendido, em 1964, pela *Proclamação do Barro*. Seguem-se-lhes o *Salmo para Órgão e Orquestra*, separata da revista *Vozes*, 1969; *O Silfo-Hipogrifo*, de 1972; *Embarcado em Seco*, de 1978; participação em *Poesia Viva* (1979); 2.^a ed., revista e reduzida, de *Proclamação do Barro*, em 1983; as seletas *Marinheiro no Tempo* (1986), ¡Ah! (em espanhol, Saragoça, 1998) e *Antologia Pessoal* (Thesaurus, Brasília, 2001), e finalmente *A Rosa Anfractuosa* (Thesaurus, 2004).

Lembrando sempre o que há de conquista pessoal nas vitórias do homem e do poeta, não obscureçamos o fato de que a vocação literária e o idealismo romântico são, em Fernando, herança de sangue, filho que é, nascido em chão carioca, de ilustres famílias maranhenses tradicionalmente ligadas às letras. É primo, por parte de mãe, do poeta amazonense Luís Bacelar. São seus parentes, também pelo lado materno, os poetas Franco de Sá, contemporâneo de Varela, falecido aos vinte anos, e Joaquim Serra, patrono da Cadeira n.º 21 da Academia Brasileira de Letras.

Deste singular Joaquim Maria Serra Sobrinho disse André Rebouças, como que resumindo palavras também dedicadas ao poeta por Nabuco: “Serra foi o publicista que mais escreveu contra os escravocratas.” E dele dizia Machado de Assis: “Creio que Joaquim Serra era principalmente um artista. Amava a justiça e a liberdade, pela razão de amar também a arquitrave e a coluna, por uma necessidade de estética social. Onde outros podiam ver artigos de programa, intuítos partidários, revolução econômica, Joaquim Serra via uma retificação e um complemento; e porque era bom e punha em tudo a sua alma inteira, pugnou pela correção da ordem pública, cheio daquela tenacidade silenciosa, se assim se pode dizer de um escritor de todos os dias, intrépido e generoso, sem pavor e sem reproche.” Comenta-o Olegário Mariano, em cujo discurso de posse na Cadeira n.º 21 colho as referências: “Quem haverá merecido encômio tão alto de pena tão avara? No entanto, isso ainda era pouco. O pelejador indomável era ao mesmo tempo e com o mesmo vigor o folhetinista, o comediógrafo, o historiador, o humorista e o poeta.”

Em Antônio Joaquim Franco de Sá via Sílvio Romero “um bom e mavioso poeta”. De seu caráter deixou este lapidar testemunho: “Bendito seja o nome de Franco de Sá, o nome de um patriota.”

Dos parentes paternos destaquemos dois nomes. Paulo Gustavo, pseudônimo de Euclides Mendes Vianna, seu primo em segundo grau, foi o poeta de *Por Amor ao Meu Amor*, além de autor de literatura infantil, de que lembramos o título *Histórias de um Palhacinho*. Chegou a desfrutar de boa nomeada.

Godofredo Vianna, avô do Poeta, foi governador do Maranhão, senador e deputado constituinte em 1946. Há uma cidade maranhense com o seu nome. Jurista, redigiu os Códigos de Processo Civil e Comercial e de Processo Criminal de seu Estado. Poeta, contista, romancista, deixou ponderável obra, de que se destaca *Por Onde Deus não Andou*, romance regionalista passado no Maranhão. Fernando guardava dele um livro inédito de poesia.

O Eu, o Outro

Os poetas são seres solitários, porque é na solidão que se cristaliza o poema; mas são, também, seres solidários, porque em sua solidão se cristaliza a canção dolorosa dos sofrimentos da tribo; a narração comovida de suas pugnas, ainda quando encarnadas na singularidade do narrador e sintetizadas nos seus íntimos conflitos; o hino glorioso de suas conquistas, o lamento sofrido de suas quedas e o canto obstinado de seus soerguimentos; são os poetas, enfim, os atalaias dos campos e das matas –sobretudo os interiores– em que pasce tranqüilo o touro selvagem e as potranças ligeiras, que não conhecem o jugo, e, assim, de sua solidão nutrida espiritualmente do contributo de todos, nasce a canção da liberdade, que algum dia há de ser por todos cantada. Neste sentido romântico e simbólico, tomado de empréstimo à inspiração privilegiada de Afonso Arinos, patrono da cadeira de Fernando na Academia

Brasiliense de Letras, pode o poeta ser comparado ao buriti perdido de sua inimitável criação.

Não se extraia dessa comparação, particularmente no caso de Fernando Mendes Vianna, nenhuma conotação de isolamento. Membro da Associação Nacional de Escritores, da Academia Brasiliense de Letras e da Academia de Letras do Brasil, ex-presidente do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, que ajudou a fundar, grande divulgador de poesia alheia, como declamador singularmente bem-dotado, o autor de *Proclamação do Barro* assume integralmente a condição humana e engaja-se na luta superior pela emancipação e ascensão da espécie, em todos os planos. Em 1968, em plena ditadura, foi dos primeiros signatários de manifesto dos intelectuais do Distrito Federal em “repúdio aos atos de brutalidade praticados contra a mocidade estudantil”, motivado por violenta invasão do *campus* da Universidade de Brasília. Em 1970, liderou movimento de adesão ao protesto iniciado por Alceu Amoroso Lima contra o estabelecimento da censura prévia a livros e periódicos. Ao lado de Valdimir Diniz, atuou em processo de inspiração autoritária movido contra Nicolas Behr, emitindo parecer em que se fundamentou a sentença absolutória do jovem poeta brasiliense. Em 1973, nucleou-se em torno dele a “quixotesca” FAC – Festa de Arte e Cultura, movimento “ecumênico, seguindo as linhas de uma democracia utópica”, adjetivo aquele e expressões estas do próprio Poeta, que rememorou seu nascimento e prematura morte em testemunhos a Danilo Gomes –*Escritores Brasileiros ao Vivo*– e a Maria de Souza Duarte – *A Educação pela Arte (o Caso Brasília)*. O movimento, abortado embora (talvez por culpa de seu gigantismo), teve sobretudo o mérito de, ainda no período da repressão, reunir publicamente centenas de intelectuais e artistas, aglutinados em volta de coordenadorias autônomas, tantas quan-

tos os setores culturais envolvidos – poesia, teatro, música, dança, artes plásticas, cinema...

Para falar do relacionamento do Poeta com a cidade que adotou, passo a palavra a Joanyr de Oliveira, que lhe incluiu a “Crônica Elegíaca de Brasília” na antologia *Brasília na Poesia Brasileira*. Como ninguém – diz o autor de *O Grito Submerso* – soube Mendes Vianna

retratar a metamorfose por que passou a bugra adolescente, quase menina, que ele conheceu, a construir-se na aridez do cerrado, isto é, a comuna que veio a ser una, indivisível, dos candangos sobretudo e, súbito, se aburguesou, aderiu à sociedade de consumo, ao consumismo sem freios e passou a viver à cata das novidades, pelas butiques. O poeta está saudoso dos dias empoeirados dos pioneiros. Do luar, dos bichos, das sujas botas, dos tratores em guerra sem tréguas com o mundo desértico e esquivo que o homem veio domar para todo o sempre.

Quem assistiu à derribada dos bandeirantes que plantaram os alicerces da prometida metrópole, à remoção por vezes violenta dos barracos, à implacabilidade do concreto a expulsar os tapumes, à perda da “carícia tosca e áspera” da índia que morreu para dar lugar à senhora (a Brasília concluída), quem aqui viveu nos primórdios da cidade, pode captar com vívida emoção o perdido espírito de tudo isto. Fernando Mendes Vianna fotografou, assim, não a cidade translúcida e definitiva, mas o seu delinear abrupto e incontido e em voz plangente eternizou em versos belíssimos a inocência e a humildade que jamais voltarão.

Traduções, Prêmios

Parte importante da fábrica poética de Mendes Vianna é o seu trabalho de tradutor, iniciado com o opúsculo *Poemas do Antigo Egito*, em 1965. Trinta e quatro anos depois, inauguraria nova fase na tradução de poesia, com os 110 *Sonetos de Amor e de Morte* de Francisco de Quevedo. Em seguida, de parceria com José Jeronimo Rivera e comigo, lançaria as edições bilíngües de *Poetas do Século de Ouro Espanhol* (Embaixada da Espanha, 2000), *Victor Hugo – Dois Séculos de Poesia* (Thesaurus, 2002), *O Sátiro e Outros Poemas* (Galo Branco, Rio, 2002), e – saída pouco depois de sua morte – a *Antologia Poética Ibero-Americana*.

Não foi mesquinho, seja em afirmação, seja em frequência, o pronunciamento da crítica sobre o Poeta. Também na forma de prêmios manifestou-se sobre ele o pensamento crítico nacional. Das láureas conquistadas destacam-se a Menção Honrosa do Prêmio Quixote, do Rio Grande do Sul, pelo primeiro livro; a Menção Honrosa do Prêmio Olavo Bilac, da Prefeitura do antigo Distrito Federal; a escolha de *Proclamação do Barro*, por um grupo de críticos, como um dos dez melhores livros de poesia de 1964; o Troféu Casimiro de Abreu, no I e no II Torneio Nacional da Poesia Falada, de Niterói, em 1969 e 1970; o Prêmio do INL, em 1972, por *O Silfo-Hipogrifo*; e nova premiação do Instituto Nacional do Livro, em 1987, por *Marinheiro no Tempo*.

Poesia-Libertação

A poesia de Fernando Mendes Vianna nasceu sob o signo da liberdade e sob esse mesmo signo floresceu e frutificou. Explosão libertária que é, junte-se ao império do sangue; mas nem por isso

deixa de ser uma poesia altamente intelectualizada, em sua expressão, e uma poesia de pensamento, em seu conteúdo. Essa mente e esse coração libertários agem pelos braços de uma rebeldia radical e de uma constante autoprocua, que implicam o paradoxo de uma disciplina dentro da indisciplina. Poesia de instrumentação forte e voz veementemente humana, transfunde-se no corpo verbal adequado a seu profundamente atual –porque eterno– pensar-e-sentir os problemas do homem, enquanto ser único e enquanto célula social, mas recusa-se a quaisquer semostrações pseudovanguardistas.

A consciência, ou, melhor dizendo, a assunção dessa complexa máscara, que é ele mesmo, leva Mendes Vianna, desde o primeiro livro, a discernir no poeta um ser prometéico, luciferino: um demiurgo, sim, mas um rebelado, orgulhoso em sua titânica solidão (vejam-se, a propósito, os poemas “Lúcifer, a Grande Lua” e “Auto-Epítáfio do Senhor da Noite”).

Poesia de contrastes, sou tentado a aplicar a ela mesma a sua metáfora mais constante. E diria, então, que o que varia na obra de Mendes Vianna é a magnitude da onda – o mar é o mesmo, único na síntese das próprias contradições.

Quero neste breve ensaio discriminar algumas dessas contradições e isolar algumas das correntes que agitam esse oceano, a fim de melhor lhe entendermos os búzios e as tempestades.

Inventando a Vida

Em 1958, um dos nossos maiores descortinadores de vocações literárias, também ele notável escritor, o poeta Augusto Frederico Schmidt, na época associado ao editor Simões, apadrinhava o lançamento nas correntes da publicidade de uma poesia destinada a formar entre as cumeadas

de sua geração. O livro era *Marinheiro no Tempo e Construção no Caos*. Domingos Carvalho da Silva saudaria o estreante como um esbanjador de “qualidades que faltam a muita gente veterana”, vaticinando “mais altos vôos” ao seu “espírito inquieto e insatisfeito”. Palavras igualmente encomiásticas profeririam críticos do porte de Antônio Olinto, Eduardo Portella, Oswaldino Marques, Sérgio Milliet e tantos outros que o colocariam, no início da década de setenta –lembra-o Tristão de Athayde– “como representante máximo da geração dos novíssimos”. José Guilherme Merquior lhe dará por mais notável característica o “ser, dos realmente dotados, quem melhor preenchia a condição de poeta-pensador”, com uma poesia filosófica, cujo verso, ao contrário dos formalismos ociosos, dizia sempre “do Ser”. Tristão de Athayde o chamará de “mestre”, “grande e difícil poeta”, “típico do que a nossa poesia neomodernista tem de mais alto”.

Naquele dúplice livrinho, exhibe o Poeta um lirismo de acento metafísico na exploração de temas como o mar e o tempo (muitas vezes entrelaçados, ou confundidos, qual no título); a poesia, o poeta; o destino, a vida, a morte; o amor, a solidão. Aliado a isso, o verso livre, sem preocupações de contenção, sensivelmente mais voltado ao que-dizer do que ao como-dizer, parece reforçar a sugestão de afinidade da dedicatória – a Augusto Frederico Schmidt, e a Murilo Mendes.

Nota-se-lhe melhor domínio do verso sem medida. Não obstante, o poema ritmado –ainda que polimétrico– como tantos dos que contribuirão para a fortuna do livro seguinte tem já exemplos, de que é paradigma “O Rubro”, característico.

Em *Marinheiro no Tempo e Construção no Caos*, vaga o poeta ainda meio perdido no vasto mar da própria poesia, poesia-mar que ele vai construindo no ou do próprio caos. Já um grande talento revelado, se bem à obra faltando ainda a

maturação formal que apresentará o segundo livro. Perdido, sim, de certo modo, porém não des-norteadado. A bússola, ele a empunha no poema “O Destino”, e o norte, ele mesmo o estipula:

fazer da vida um longo invento.

Está iniciada a viagem. E o poeta vai no rumo certo, porque sem rumo prefixado, instituindo as próprias rotas e soprando os próprios ventos, com os instrumentos da mente e as forças do coração.

Nessas águas primordiais nascem as grandes correntes e os grandes ventos que levarão a todas as longitudes e a todas as altitudes de sua poesia. Já aí se vêem os seus principais temas, metáforas, obsessões: o tempo, o mar, a solidão, o amor; a rebelião contra o quotidiano prosaico; as imagens do touro, do cavalo, de mitológicos seres alados. Já aí, embrionária, a *Proclamação do Barro*:

*O único mar é o sangue, o único céu.
O corpo traça uma áspera fronteira.
(De “Tema e Variações”).*

Já então, conseqüentemente, o sentimento de comunhão cósmica:

NO CAMPO

*Vendo um grande campo e um grande céu
sinto-me animal tranqüilo,
imóvel na pastagem verde,
imóvel sob o azul imenso.
Sinto-me animal tranqüilo,
cariciado por sol e brisa,
rodeado de flores e árvores,
olhos vastos de horizontes,*

narinas plenas do cheiro da terra.

Se não se pode restringir o valor do livro de estréia a mera promessa, generosa embora; se estão nele presentes os germens de uma das mais fortes poesias de nossa época, a verdade é que só a partir de *A Chave e a Pedra*, surgido em 1960, vem a mostrar-se o Poeta no pleno domínio instrumental. Adquirem maior contenção e poder de contágio os poemas breves, as impressões. Apura-se o ritmo, sem que tal signifique submissão ao isometrismo. O conjunto ganha homogeneidade em mais alto nível de realização formal. Acentua-se a busca de si mesmo – o *núcleo submarino* de “O Poeta” – e do mais alto – *o sol entressonhado* de “Navio Cego”.

Chave de Mestria

A Chave e a Pedra foi saudado por Oswaldino Marques como um dos maiores acontecimentos da safra poética brasileira do lustro, ao lado de *A Viagem Humana*, de Manoel Caetano Bandeira de Mello, e de *O Poder da Palavra*, de Foed Castro Chamma. Com este volume –vou explorando as imagens dos títulos, que se prestam à definição das fases que representam– o Poeta abre de par em par uma porta importante, para dentro, seja como personalidade poética, seja como pessoa, tão-só. Misticismo mais apurado, mais madura forma. O Poeta, como tal, dá acabamento ao seu projeto estético. Os poemas de menor extensão atingem o equilíbrio perfeito, havendo entre eles verdadeiras jóias coruscantes de beleza, a beleza leve e profunda, grave porém capaz de vôo, voante mas dolorosamente humana, emblematizada n’“O Hipogrifo”:

Este é o animal de minha sina,

*mais que Pégaso minha montaria:
cascos de vento, garras de agonia,*

simbólico-mitológico ser que *devora e re-cria* o poeta em sua dúplici constituição de bicho da terra e anjo-demônio de todas as esferas.

É a fase metafísica do Poeta, ou sua culminação, quando ele “se coloca” –diz Tristão de Athayde– “em face do mundo como *pedra* à procura de uma *chave*, isto é, de uma solução para o mistério”. É a fase dos poemas curtíssimos, incisivos, perfeitos: “O Magma”, “O Hipogrifo”, “O Abutre”, “Névoa”, “Anoitecer Urbano”, “Navio Cego”, “Antes da Tempestade”, “O Homem”, “Zodíaco”, “O Galo”, “Momento na Praia”, “Canção Urbana”, “A Pedrada Inútil”, “Crepúsculo”, “Cançoneta”, “Urbe”, “Fim do Dia”, “Aerólito”, “O Boi”, este “Rio”:

*O Tempo, esse rumor de água corrente.
Um instante em nós; depois, eternamente.*

Por outro lado, os poemas maiores, como “Políptico do Morto” e “Exílio do Touro”, ante-mostram a explosão que viria, com a passagem da brevidade emblemática da *Chave* à torrencialidade da *Proclamação do Barro*. Entre essas composições excelentes, prenunciadoras da próxima fase, coloco o “Poema” de que leio os versos finais:

*Carne, somos carne, urdidura
de barro sem angústia de impureza.
Rui agora meu destino de incerteza,
alumbra-se num instante o meu futuro,
e sinto que sou: animal sem alarme.*

Em *A Chave e a Pedra*, prolonga-se, e depura-se, a poesia anterior. Estrelas lapidadas, cresce em fulgor, e inscreve-se em mais alto firmamento.

Do Corpo e da Alma

Fernando Mendes Vianna transita, em *Proclamação do Barro* (1964), do pensamento metafísico para o social, consoante as palavras introdutórias de José Guilherme Merquior. Aqui, encontramos uma “poesia de enobrecimento da matéria e de denúncia da falsa dicotomia corpo-alma”, que “se reúne à corrente incompreendida e obstinada dos poetas libertinos, de todos aqueles que, desde Villon a Bocage e a Henry Miller, imprimiram ao tema do corpo e do sexo uma significação de indisfarçável protesto, irredutivelmente libertário”.

Diz Merquior que, se o pensamento que informava a obra anterior era sobretudo metafísico, o desta é abertamente social. “Sua linha mestra” –palavras do crítico– “é uma poética do corpo; um canto em louvor do nosso ser corporal, e em favor da libertação do corpo”, cujas implicações sociais lhe parecem solarmente claras: “Tanto em suas origens quanto em sua finalidade, a poética do corporal fere motivos sociais” e visa, em última análise, “à liberdade humana, em todos os campos e em todas as dimensões”. Nem se esquece o ensaísta de frisar que Fernando “não cai na facilidade de ‘trocar’ seus cuidados metafísicos pelo interesse estreitamente político: antes os transforma, antes os amplia, erguendo-os à altura de problemas plenamente antropológicos – problemas do homem total”.

Para Tristão de Athayde, a poesia de Mendes Vianna passa, com a *Proclamação*, a uma segunda etapa, em que “deixa de ser *esotérica* para ser *exotérica*”. “O poeta” –explica– “se abre e empunha a palavra, não como uma *chave* mas como uma *cunha*”... Entende ele que “a ‘proclamação do barro’, longe de ser uma apologia da natureza e da matéria-prima do universo, reveladora da unidade de sua criação, era a verificação patéti-

ca do *multiverso*, do caos como essência da vida”. Diz mais que, se é ela uma apologia do instinto, é também a passagem do poeta para a utopia da paz e do amor, “como sentido da *chave* para decifrar a *pedra* e para redimir o *barro*”, anunciando-lhe a terceira fase, iniciada com o “Salmo para Órgão e Orquestra”.

Livro importante, para a carreira do Poeta e para as nossas letras, *Proclamação do Barro* foi como uma irrupção de sangue num tecido que se esclerosava, comprometido por modismos tão preocupados com equívocas e rebarbativas inovações formais que se esqueciam de *dizer* o Homem a se lhes esconder por detrás. Ou o soletravam numa desaprendida língua.

O “Nó Górdio”, primeira parte do livro, continua os anteriores; nele se exaspera a auto-procura, procura em corpo e alma, insista-se. Nessa diretriz, enfileiram-se poemas de altíssima expressão, como a generalidade dos que integram “Razão Elegíaca”, destacadamente a “Ode do Libertado”; poemas de quem leu Pessoa e Whitman, para poder ser mais entranhadamente original.

Já em “Nó Górdio” instaura-se, franca, a rebelião (“O Retrato ou *Libertas Quæ Sera Tamen*”):

*E como não permitem que eu me invente
touro pastando brisa e grama,*

*vento com a fúria da vingança
e o fôlego de um boi que nunca investe.*

Quero a minha verdade!

Da rebelião individual, individualista, marcha para a revolta solidária em “O Homem Urbano”, segunda parte da *Proclamação*:

*Chegou meu tempo de imprecação e de vômito,
porque a náusea do mundo me devora.
 (“A Náusea”.)*

Esquemmatizando, o esteticismo/misticismo de *A Chave e a Pedra* cedeu vez ao corporalismo, ao vivencialismo de *Proclamação do Barro*: libertarismo, revolta, romantismo. Se esses dois livros constituem os pólos da poesia de Mendes Viana, menos, talvez, pelo que toca à forma, antes pelo conteúdo poemático, formalmente a grande linha divisória será traçada pelo seguinte.

Romantismo e Barroquismo

À dicção romântica predominante na *Proclamação* sucede o barroquismo de *O Silfo-Hipogrifo* (1972), em cujas asas ascende o Poeta “a momentos da maior grandeza” (Tristão de Athayde), a um espiritualismo renovado, vivido, vivenciado, sofrido. Prosseguirá essa linha *Embarcado em Seco*. Em ambos esses livros, veria outro bardo, Moacyr Félix, ressaltar “o coração de um poeta aprisionado: prisioneiro que sabe agora só dentro de si os uivos da liberdade”. *O Silfo-Hipogrifo* culmina a terceira fase, cujo início Tristão de Athayde (“Apresentação do Poeta”, pp. xv e xvii) coloca em 1969, com a publicação do “Salmo para Órgão e Orquestra”, a que se refere com palavras admiráveis pela vigorosa e precisa apreensão de uma particular verdade poética:

O formidável poder verbal do poeta se manifesta, nesse poema, em todo seu esplendor. Confirma a técnica apurada com que soube dedilhar *toute la lyre*, sendo ao mesmo tempo manso e rebelde, descritivo e desabusado, elegíaco e prometéico, apolíneo e dionisiaco, na sua ansiedade de tudo tocar, de tudo sentir, de participar em tudo, de perder-se no universo, em suas paixões, em seus estrumes, em seus horrores.

Adquire então, diz o crítico ilustre, a poesia de Fernando Mendes Vianna “uma dimensão transcendental e mística, que a eleva ao nível de seus grandes predecessores” (Murilo Mendes e Jorge de Lima, explicita). Um misticismo –sublinhe-se– que não repele a realidade do corpo e suas exigências (a propósito da relação corpo-alma, leia-se e releia-se a belíssima “Canção do Coração”).

Em contraponto à *Proclamação*, o *Silfo* compõe-se de poemas em geral metrificados, entre eles muitos sonetos.

Fala Tristão de Athayde em “formidável poder verbal”. Diria até que, detentor de tão extraordinário vigor, arrisca-se o Poeta, por vezes, a fazer dessa força a sua fraqueza. Mesmo, porém, quando se entrega ao excessivo, como que desejando comprimir num poema toda a extensão desse poder, salva-o da queda a asa de seu Pégaso.

Em *O Silfo-Hipogrifo* esse poder ressurge armado de impressionante parafernália. O primeiro poema, “A Crise”, sozinho, quase esgota o arsenal de recursos: a aliteração, a rima interna; o jogo de cognatos; a criação vocabular (por justaposição, neste passo: “luztreva”); sinéreses e diéreses, inclusive translineares (do verso 14 para o 15); síncope; a pausa métrica (verso 11); o verso prolongado, isto é, o terminado em proparoxítone, contadas as sílabas métricas até a última postônica, que passa a ter, assim (à inglesa), valor de quase-tônica, ou subtônica (verso 24); ligações ou pontes métricas, vale dizer, sílabas finais de um verso computadas cumulativamente no seguinte – fenômeno respiratório, dependente do modo de ler e encadear os versos, peculiar a uma poesia oral (versos 28 e 29). E mais a anáfora, a homofonia, a ironia, o sarcasmo em outros poemas, o exercício medieval de “Treno”, etc.

É de 1979 *Embarcado em Seco*. Onipresente, o Mar. Mar que é o tempo e a eternidade, vida-morte, Pai-Mãe, o Cosmo, abismo, mistério, a

integralidade do ser – em comunhão com o Universo visível e invisível. Tônicas: a autoprocara, o desentendimento com o mundo.

Registra Moacyr Félix, nas abas, “o artesanato endurecido em versos quase que barroca-mente lapidados, com suas explosões epicamente a se rebelarem dentro do encolhimento de espaços temáticos, com sua saudade de mar e de profundidade”; “a habilidosa manipulação de palavras em meio a uma turbilhonante riqueza imagística”.

Tem o Poeta, na “Primeira Ode Talassocrática”, para o mar as seguintes palavras: “catedral inexcitavelmente gótica e inexcitavelmente barroca”, aplicáveis com propriedade a esse veio de sua poesia.

Também Almeida Fischer, na grande obra crítica que é a série *O Áspero Ofício*, destacando os poemas longos de *Embarcado em Seco*, nomeadamente as “Odes Talassocráticas”, registra-lhes, além da “fluência extraordinária”, do “ritmo largo e correto”, a “linguagem bastante trabalhada viril, poderosa como o mar”, esse mar a que seria “um cântico nostálgico” o livro quase todo. Em artigo no *Suplemento Literário do Minas Gerais* e na revista *Colóquio Letras*, acerca de *Marinheiro no Tempo*, dirá Almeida Fischer que aí se enfeixam “alguns dos mais belos e ousados poemas da literatura brasileira contemporânea”, frisando que “a ousadia do poeta se manifesta de muitas maneiras, não apenas por seus arranjos vocabulares inusitados, mas por sua própria visão de mundo sem qualquer censura estética”. É esta, para o consagrado crítico, uma poesia que “surpreende sempre o estudioso de arte poética e o prende, talvez por seu anseio de apreender o caos do mundo de nossos dias, em todas as suas manifestações, por mais delirantes e insólitas”, através de poemas “muito bem realizados dentro de uma linguagem poética de alta qualificação, sem dúvida das mais ricas e expressivas da poesia de nosso tempo”.

No ano seguinte ao de *Embarcado em Seco*, Fernando Mendes Vianna publicaria, em *Poesia Viva* 2, sob o título *O Órfão Explosivo*, poemas dos livros anteriores de mistura com inéditos, dentre os quais nomeio “Oratório do Corpo”. A propósito desses poemas caberá, melhor talvez que de referência aos anteriores, dizer da coexistência de dois aspectos em certo modo opostos do Poeta: a direiteza romântico-realista, que pode bem ilustrar a leitura de “Pastoral” e de “Oratório do Corpo”, e a barroca luxúria, sinuosa e pletórica, patente em “Epitalâmio” – para ficarmos na temática amorosa. Outros momentos dessa coexistência de contrários em Fernando Mendes Vianna foram, aliás, objeto de trabalho intitulado “Um Barroco Moderno”, que publiquei na *Revista de Poesia e Crítica* (n.º 6) e adaptei para leitura em programa criado pelo escritor Aluizio Valle, na Rádio MEC de Brasília. Citados, com a devida precedência, alguns dos críticos maiores do Poeta, creio que posso reproduzir também algo dos meus comentários de então, conseqüência da leitura deles:

Se a estréia de Fernando Mendes Vianna, em 1958, com *Marinheiro no Tempo e Construção no Caos*, já patenteava uma vocação, seu segundo livro, *A Chave e a Pedra*, dois anos posterior, mostrava-nos um poeta extraordinário: correto, sem ranços formalistas; intenso, sem desbordamentos; e profundamente humano, em sua emocionada perquirição dos mistérios do eu e do destino. Data desses inícios a preocupação, que se revelará constante, com a psicologia do poeta e a natureza da poesia.

Conquistada, com as produções reunidas nesse denso volume, a plena mestria no poema curto, reaparece o Autor, em 1964, com *Proclamação do Barro*, que inclui composições de fôlego mais largo, de artesanato às vezes menos policiado, mas cujo conjunto lhe acrescenta a já signifi-

cativa importância. Obra mais ampla e menos homogênea que *A Chave e a Pedra*, parece-nos a que melhor caracteriza o Poeta, exibindo-lhe quase todo o espectro, com suas inegáveis altitudes e os desequilíbrios inevitáveis numa poesia de permanente oscilação entre as rigorosas construções estéticas e o livre fluxo da angústia de ser no mundo.

Definamos mais amplamente o sentido desse pêndulo –entre os pólos do profano e do sagrado– e veremos configurar-se o barroquismo de Mendes Vianna, um barroquismo temperado no vinho romântico-simbolista e que se acentua em *O Silfo-Hipogrifo*, de 1972.

Não existe arte sem disciplina. Os desregramentos que às vezes se permite ou se impõe o artista pressupõem o conhecimento da norma. O contrário é a indisciplina da ignorância, ou da impaciência, cômodo e fatal equívoco a que se têm rendido, entre nós, alguns talentos. Parafraseando Antero de Quental: é preciso ser disciplinado até na (ou para a) indisciplina.

O autor de *Embarcado em Seco* é um temperamento indisciplinado, mas longa e amorosamente retemperado na disciplina de sua arte. A síntese desses contrários é a modernidade do seu barroquismo.

Completando essas observações de 1979, recordo ainda umas poucas palavras com que, no prefácio que tive a honra de fazer à antologia que levou o título *Marinheiro no Tempo*, me referia a uma das correntes de sentido mais impressionantes dessa poesia:

Penso, afinal, que a poesia de Fernando Mendes Vianna é a cordilheira visível de uma íntima luta de libertação. Um sustentado grito de liberdade.

Poesia, acrescento, em cujas ressonâncias adivinha-se a luta do homem por atingir a pureza que pressupõe o mandamento do *Livro da Sabedoria do Vizir Ptahhotep*, por ele traduzido nos *Poemas do Antigo Egito*:

Obedece a teu coração enquanto vivas.

Liberdade, acrescento ainda, que se vai construindo, na sua plenitude estelar, através de uma ferrenha ascese poética e de uma constante guerra consigo mesmo pelo autoconhecimento, associadas com rara propriedade.

O Último Vão

Fernando conhece tudo de seu mister. Sabe o que fazer com as idéias –que entram na circulação sangüínea do poema sem o transformar em panfleto–, segura nas mãos as rédeas da metáfora (e nele a metáfora mostra, não raro, um vigor quase selvagem), permite-se jogar, sem se perder nos desvãos do acaso, um jogo luxuriante e luxurioso com a palavra. Ele brinca amorosamente com as palavras. Não se trata de um brincar vão, ou infantil, senão de um lúdico tratar de ânsias e essências, de idílios e de dramas, de pensamento e sensualidade, e o resultado desse jogo é sempre um artefato poético de profunda e faiscante beleza.

A rosa, símbolo poético e místico universal, é presença notória nesta poesia. A essa dupla função simbólica Fernando acrescenta, com grande sabedoria expressiva, as próprias circunstâncias. Retomando-o no livro derradeiro, desde o título, mas particularmente no soneto de abertura, “Arte Poética”, ele nos mostra a identidade fundamental entre a aorta-ninho de si mesmo e *A Rosa Anfractuosa* de sua arte, entre a pétrea rosa

do espírito que luta por abrir-se ao sol do cimo e a chaga jucunda e amorosa do viver, dualismo pedra-flor, ária-garra, condor-canário, anjo-animal, que realiza a luminosa síntese no cristal do poema – se me é concedido jogar livremente com as metáforas poderosas do Poeta.

Esta *Rosa Anfractuosa* é a expressão da encarniçada luta do ser consigo mesmo, por se compreender e desabrochar em plenitude. Isso inclui a meditação sobre a natureza do poema, expressão do ser, como a do “Soneto ao Poema – I”, de que transcrevo os primeiros versos:

*Obrigado, poema, alavanca de paciência,
potentíssimo palimpsesto, frágil pluma,
pólvora de pólen que explode o pó
e ala o corpo e sua urna plúmbea,
lançando ao mar a areia da ampulheta!*

Comparecem aqui procedimentos freqüentes em sua poética. Parece que ele quer superpor todas as metáforas possíveis, esgotar a lista dos parônimos, o elenco das repercussões fonético-semânticas das palavras-chave, explodindo em assonâncias e aliteraões, numa sorte de confrágioso expressionismo verbal. É como se desejasse esgotar a taça... Diante de caso como este, pode o leitor, à primeira vista, ficar atônito e pensar em exibicionismo virtuosístico vazio. Mas atente à significância de cada verso, de cada imagem, de more-se nos meandros da frase, e desembocará, recompensado, na síntese espraçada do verso que encerra o fragmento, essa esplêndida

boca do abismo onde a sibila fala.

A poesia de Fernando Mendes Vianna, em *A Rosa Anfractuosa*, continua pródiga em imagens extraordinárias, como esta, de “Suíte Crepuscular”:

*Quase imperceptível, manso felino
disfarçado,
desce o crepúsculo sobre nós.*

Mantém-se vívida a magia vocabular dos livros anteriores, como em “Maio”:

*Gaia e lúcida luz,
maio me embriaga.*

Ironia e auto-ironia, dramática e bem-humorada, encontramos, por exemplo, nos poemas icáricos “Canções do Poeta” e “La Chute d’Icare”.

O diálogo consigo mesmo, com seus anjos e demônios, que ora lhe segredam crença, ora tranqüilo cepticismo, conduz, em “Canção Curva”, a uma comovente apóstrofe ao *grande e ignoto Maestro*:

*Melhor não cantar.
Melhor não gritar.
Melhor ficar mudo
e surdo. E ouvir-Te tocar.*

Panorâmica e Conclusão

Freqüentam toda a obra do Poeta os temas explorados ou anunciados no livro de estréia: o mar e o tempo, a vida e a morte, o corpo e a alma, o eu e o amor.

O primado do corpo, uma das dominantes de seu terceiro livro, prefigura-se em “Tema e Variações”:

*O único mar é o sangue, o único céu.
O corpo traça uma áspera fronteira.*

Em “Sê Apenas” —como o anterior, de *Marinheiro no Tempo*— o corpo já reclama seus direitos, em termos

tais que chegam a insinuar uma visão reificada da mulher:

*Sê apenas um carinhoso bicho doméstico,
mudo, roçando-se na minha tristeza.*

.....
*Estou sedento de ternura muda,
ternura animal, pura,
íntegra.*

.....
*Dá-me o teu corpo
e não devolvas minha carícia com palavras.*

A impressão dissipa-se com a leitura de outros poemas, que nos mostram a mulher e o homem complementarmente unidos na jornada comum.

Parecerá, às vezes, que a ênfase dada ao corpóreo reflete um modo de pôr-se em comunhão com o Universo. É o que me sugere “Momento na Praia”, de *A Chave e a Pedra*:

*Cansado de egoísmo, ergotismo e erotismo,
abandono-me, estendo-me na praia e olho o mar.
Vem o sol e acende minhas luzes,
vem a aragem e espalha-me no ar.*

Poderíamos arrolar, nos volumes que enfeixam esta poesia, um número talvez grande de temas aparentes. Analisando-os, porém, vemo-los reduzir-se a umas poucas constantes: as amarras urbanas/sociais, a saudade/anseio de um mundo mais alto, a fremente busca de si mesmo...

É natural, pois, percorram essas páginas, à maneira de *leitmotive*, uns tantos vocábulos com cargas metafóricas aproximadas. São metáforas de liberdade: o mar e o vento, o cavalo, o touro, o tigre, as aves. (Metáfora de prisão/conformismo: o boi.)

Não são imagens de total equivalência; matizam-se, ao contrário, de aspectos distintivos. Assim, o mar e o vento são símbolos mais próximos da espiritualidade; o cavalo e o touro, da corporeidade, da força animal.

Replena de vida, na sua ambivalência corpóreo-anímica, ainda de outro ponto de vista é possível registrar duas vertentes na poesia de Mendes Vianna, a primeira compreendendo a prospecção subjetiva e as manifestações amorosas, e a segunda a preocupação místico-religiosa.

Àquele corresponderia um comportamento romântico; a esta, um comportamento barroco.

Romantismo e barroquismo são, também, notas correspondentes a fases do Poeta. O primeiro dá o tom a *Proclamação do Barro*; o segundo a *O Silfo-Hipogrifo*.

O Alto, o Barro. Entre eles, o pêndulo. A tentativa de uni-los, numa síntese. Então, os poemas de conteúdo espiritual, mas forma altamente sensual.

Daí, conforme disse, “um barroquismo temperado no vinho romântico-simbolista”. Com sobrelevação, digo-o agora, da face romântica desse temperamento.

A interação desses dois pólos –dois comportamentos que refletem um modo peculiar de ser– e a síntese lograda em intensidade e modernidade estão entre os elementos que singularizam o perfil de Fernando Mendes Vianna em nossas letras.

Tal é, em suma, o seu perfil humano e poético, registrados, e superficialmente comentados, os aspectos que desejei sublinhar na obra deste “grande e difícil poeta”. Mero depoimento

de quem habituado ao mergulho nesse mar, ao impacto sempre novo dessa importante, densa, humaníssima e bela poesia: bela no vôo, bela na tentativa de conquista do Alto e ainda –tragicamente– bela na frustração de pertencer à terra.

Fernando Mendes Vianna é um dos mais legítimos temperamentos poéticos e uma das mais refinadas vozes de nossa geração. Forma, com destaque, entre os que, neste tempo chão, testemunham a altitude e a permanência da Poesia.

CONTOS

AMOR PROIBIDO

Paulo Castelo Branco

Quando meninos, eram vizinhos de casa. Kalil e Naim estudavam na mesma escola, jogavam futebol e conversavam longamente sobre o futuro. Ficavam sentados numa mureta que dividia o pequeno jardim das casas.

Kalil cuidava de uma pequena horta, enquanto Naim havia transformado a área do jardim em canteiro de flores.

Um ajudava o outro nas atividades e trocavam suas plantações. Enquanto Kalil oferecia verduras e legumes, Naim retribuía com arranjos de flores variadas.

Os pais de ambos adoravam a amizade e os incentivavam à leitura e às pesquisas sobre a rica história dos antepassados.

Kalil e Naim tinham 12 anos de idade e faziam aniversários quase na mesma data; um no dia 31 de dezembro e o outro em 1º de janeiro. Faziam a comemoração juntos com os pais e amigos. Festas simples, como era comum antes da guerra começar.

As notícias de protestos contra o ditador ficaram constantes, e a repressão das forças policiais do governo contra a população se tornavam violentas causando prisões, torturas, mortos e feridos.

Na escola da pequena cidade, em que viam as crianças, os rumores de guerra civil cresciam. Pais, professores e políticos convocavam os moradores a decidirem o que fazer se os conflitos se estendessem pelo resto do país.

Os meninos, apreensivos, não mais brincavam nas ruas. Depois de cuidar das tarefas e da manutenção das plantações, se recolhiam dentro de casa lendo, criando brincadeiras, rezando e conversando. Debatiam sobre a guerra civil, es-

perando que logo tudo terminasse. Assistir televisão, para eles, era proibido, para protegê-los das cenas escabrosas que dominavam a programação diária.

Os adultos filtravam as notícias, afirmando que as informações eram de que as grandes potências estavam instando os revolucionários e as forças do governo a formalizar o fim do conflito.

As tentativas foram infrutíferas. No país fragmentado surgiu um grupo de fanáticos religiosos que interpretavam o Islã de forma equivocada e desejavam implantar um califado em áreas desprotegidas pelo governo que se dedicava a enfrentar os inimigos.

A cidade de Kalil e Naim foi uma delas. Durante a ocupação da área pelo novo grupo, o governo reagiu com bombardeios atingindo mais civis do que os adversários. O medo tomou conta de todos, e a tragédia se instalou em poucos dias.

Numa noite, a cidade ficou às escuras e silenciosa. Um míssil atingiu um dos prédios ocupados pelos insurgentes, que eram contra tudo e todos. No ataque, a casa de Kalil foi destruída e seus pais mortos. Neste dia, o jovem só escapou porque dormia no quarto de Naim. Pela manhã, a tristeza tomou conta dos amigos. Choro, orações e os corpos sendo levados para o cemitério nas mãos de moradores.

A solidariedade dos vizinhos acolheu Kalil. A casa de Naim, de cômodos pequenos, obrigou a divisão do espaço pelos dois amigos. A pequena cama de solteiro servia para tornar a amizade mais próxima.

O grupo, dito religiosos, destituiu o prefeito e seus auxiliares, executando-os cruelmente na praça da cidade. Homens encapuzados usavam longas e afiadas facas para decapitar os prisioneiros.

A brutalidade passou a ser a lei. Quem desobedecesse aos preceitos religiosos exigidos eram executados. Mulheres, até então relativa-

mente livres, passaram a usar burcas. O silêncio fazia parte da vida comum. Nada de televisão, rádio, redes sociais ou outros meios de comunicação.

Passaram-se dois anos com sustos diários por bombardeiros; ora realizados por revolucionários contra o governo, ora pelo próprio governo. Do espaço, bombas e mísseis; em terra, terror e tristeza. Parecia que aviões do governo, seguindo para locais onde se concentravam lutas intensas, na passagem, deixavam cair duas ou três bombas de pequeno poder ofensivo, mas que tornavam a vida mais difícil. Kalil e Naim treinavam lutas marciais e planejavam defesas e fugas para ocasiões que considerassem perigosas.

Os dois amigos se consolavam com o trágico destino que tolhia suas vidas ainda no esplendor. Kalil às vezes se irritava com as forças dos militares do governo. Naim dizia que a vida era melhor quando a ditadura existia. Kalil retrucava que, se seguissem a ordem dos insurgentes, poderiam, ao longo do tempo, moderar ânimos e retornar aos costumes milenares que existiam antes da intromissão de governos estrangeiros. Naim ponderava que, num sistema democrático a ser instalado após a queda do ditador, tudo seria como na Europa e nos Estados Unidos. As divergências entre os dois foram aumentando e só cessavam quando iam dormir. Amedrontados, se abraçavam, faziam orações e pediam ao seu deus que os mantivesse unidos para sempre.

O pai, ao vistoriar a casa à noite, ouvia sussurros como se os meninos estivessem conversando em voz baixa para não incomodar a família.

Mesmo com a instalação do novo regime, a cidade funcionava. Na escola, tanto Kalil, quanto Naim apresentavam bons resultados e não tinham problemas com os guardas fortemente armados que patrulhavam as ruas. Já o pai de Naim não se conformava com o controle que o governo exigia das mulheres. Fora repreendido pelo che-

fe da guarda que o avisara que na próxima vez que reclamasse respeito à esposa seria castigado. Controlou-se durante meses até que sua esposa foi destrutada por um militar de passagem pela cidade. O militar empurrou a mulher, e o pai reagiu esmurrando o homem. Outro soldado, do outro lado da rua, atirou no casal, matando-os.

Os jovens, amedrontados e desiludidos, deixaram a escola e passavam os dias orando para que a intervenção dos revoltosos acabasse logo. Só saíam às ruas para conseguir alimentos. Dia após dia sentiram que estavam unidos pelo resto da vida. Dormiam juntos, trocavam carícias sentindo algo diferente e inusual em seus costumes.

Certo dia, Naim levantou-se para preparar o café da manhã. Khalil não estava na cama, e o amigo imaginou que estivesse verificando o ambiente hostil do lado de fora. Naim chamou Khalil, mas não recebeu resposta. Voltou ao quarto e, sobre um caixote que servia de criado mudo, encontrou um envelope. Abriu e leu um breve bilhete que dizia: Meu amor e companheiro eterno. Cansei de ficar trancado em casa sem poder nos proteger. Vou juntar-me às forças religiosas para lutar por nossas tradições. Chega de ditadura! Kalil.

Naim ajoelhou-se chorando e orou por horas, até a noite chegar. Ali, prostrado no pequeno tapete, adormeceu. Ao amanhecer, voltou a chorar, mas sentiu que precisava retomar a vida e decidiu que fugiria da cidade, e iria ao encontro do exército que lutava contra a ditadura e contra os fanáticos religiosos.

No front, tanto Kalil como Naim se destacaram como destemidos e, logo, alcançaram funções de lideranças entre a tropa. Longos meses se passaram com a ajuda de nações estrangeiras que abasteciam de armas cada grupo, as baixas entre os fanáticos foram crescendo. Kalil se transformou num executor de sentenças de morte de revolucionários e forças aliadas ao governo do di-

tador. Aparecia nas telas de televisões com suas vestes negras e sua adaga em punho. Mostrava-se orgulhoso do seu desempenho. A luta era fratricida e cruel.

Naim também galgou postos entre os revolucionários e tornou-se piloto de aviões-caça. Seu trabalho era cuidadoso para não atingir a população civil. Podia matar centenas de pessoas em suas missões, mas não sentia a terrível luta de Kalil que combatia em terra; seu coração era insensível aos massacres.

Naim, em seu caça, foi abatido pelos fanáticos. Escapou saltando de paraquedas. Foi aprisionado por um grupo de militantes. Todos de rostos cobertos. De amarradas, olhos vendados e agredido com socos e espetadas de punhal, Naim foi colocado numa trincheira já ocupada por outros prisioneiros. O mal cheiro era insuportável. Não havia água ou comida.

Na primeira noite, acordou com uma mão que o acariciava. Coração palpitante, lembranças

e saudade. Kalil retirou-lhe as vendas. Os olhares se cruzaram, e a chama do amor renasceu.

Em silêncio, aos beijos, lágrimas e dores, se amaram loucamente. Foram alguns minutos de prazer e amor.

Adormeceram abraçados. Ao clarear do dia, guardas os flagraram. Aos gritos de infiéis, após torturas físicas que causavam dores imensas, com os olhos vendados foram levados para execução. Subiram uma estreita escada em círculos. Subiram degraus intermináveis até o topo de um minarete.

Um ao lado do outro, foram despidos, vendas arrancadas, tiveram seus órgãos genitais seccionados e sentiram o corte frio na garganta; em seguida foram do minarete. Só ouviram o coro de militares: - Infiéis! Infiéis! Infiéis!!!

Despencando, cabeças pendentes, olhos nos olhos, deram-se as mãos e planaram em direção à liberdade e ao infinito.

FRAGMENTOS

Anderson Braga Horta

ÊXTASES

Os êxtases da poesia e da música me aproximam de Deus. Mas o sentimento de Deus não é privilégio do poeta. Tão próximo do divino quanto qualquer artista, ou qualquer santo, está o homem comum; pois não há êxtase maior, na natureza, que o propiciado pelo amor entre um homem e uma mulher.

E quem pode afirmar que o orgasmo humano é maior, é melhor, é mais alto, é mais completo, é mais perfeito, é mais sublime, é êxtase maior que o do animal? No orgasmo a racionalidade não está envolvida. Nele os animais da escala superior se igualam. Por ele todos nós, homens e bichos, participamos do Nirvana.

TEMPO E REALIDADE

A percepção do fluir das horas me lança às vezes, de chofre, num fluxo filosofante *malgré moi*. É que o fato mesmo de um instante suceder a outro, do devir, da seqüência no tempo, o fato mesmo do tempo me deixa confuso: fluir é a realidade, mas, contraditoriamente, sinto/penso que a realidade, em última instância, é o atemporal, o eterno, o sem-fluxo, o sem-movimento, o pleno em-si-mesmo. É claro que isso me lembra a antiga, oriental noção de *maia*, de que todo este heraclítico rio em que estamos mergulhados é, de fato, não a *realidade*, porém mera ilusão. E isso me prostra num tremendo não-à-vontade de me sentir à margem do rio e, ao mesmo tempo, exterior ao eterno (se isso faz algum sentido...).

A FIGURA DO HERÓI

Todo herói passa por um processo de mitificação, que consiste basicamente na cristalização das qualidades maiores e no esquecimento ou desprezo das qualidades e atitudes corriqueiras, próprias do patamar de toda a humanidade. O herói, visto sem a aura de seu heroísmo, é um homem comum, com virtudes e defeitos, com altos e baixos, com as necessidades e fraquezas inerentes a cada um de nós. Visto com essa aura, distingue-se a sua figura e se diamantiza nas qualidades mais altas, obliteram-se as debilidades que o tornam irmão e igual de todos os homens, exalta-se-lhe o espírito pelo vulto de suas atitudes superiores. Vemo-lo na concentração de suas excelssitudes, na sua exemplaridade. Todo mito tem pés de barro – a sua base humanal. Por isso é fácil desmerecê-lo, bastando mirar em suas botas, desviando os olhos de seus pináculos. Mas, em verdade, e afortunadamente, é difícil destruí-los, pois –se são legítimos, e não farsantes aproveitadores da credulidade das massas– a sua concentração de luzes é forte bastante para manter neles fixo o olhar dos homens.

JOGOS

Num salão de bilhar, alguém diz: “Quinze!”, referindo-se aos pontos que acaba de perfazer. Em mesa próxima, sem atentar para a coincidência, alguém repete: “Quinze!”

Coincidência... Mantenho? Sim, na acepção própria da palavra. No sentido de acaso, não – mostram-me inequivocamente décadas de observação do fenômeno, na prática do jogo de sinuca.

O que ocorre numa das mesas está estreitamente ligado ao que se passa nas outras. Há uma correlação sensível entre as tacadas. Se não é acaso, nem mera coincidência, que nome se lhe poderá atribuir? Sincronicidade? sincronismo? (Jung, Koestler...)

Uma sorte de solidariedade?

Há muitas “coincidências” que parecem formar um *conjunto* regido por leis que desconhecemos.

Insinua-se uma determinação translúcida para o fato, não tenho dúvida. Determinismo absoluto? ou algo que pode ser subjetivamente quebrado, mercê da perícia superior de algum dos jogadores, por exemplo? Ou será que a superioridade de um modifica os termos da equação, em vez de dissolvê-la?

Não por acaso falo em equação. Penso que há uma relação matemática entre os lances; relação que, equacionada, nos faria entender talvez, além do estritamente lúdico, o mecanismo instaurador de um jogo maior.

GRAMATIQUESES

Li nalgum lugar crítica à expressão “veja só”, em que o “só” é condenado por inútil e, portanto, errado. E penso nos excessos a que leva um gramatiquismo sem lastro de leitura, ou de vivência, a exigir da língua um comportamento maquinais. Deviam os que se preocupam com essas questões ter em mente que a língua não é um sistema rígido, um mecanismo inflexível, como um relógio, cujas peças funcionam automaticamente; mas uma coisa viva e, como tal, cheia de sinuosidades, indecisões, volubilidades... Sua elasticidade é fruto mesmo da base analógica, sem a qual a comunicação seria impossível.

Precisamos de palavras que ajam como fatores de ligação, e não me refiro aos conectivos, mas àqueles vocábulos que, aparentemente sem função na frase, em verdade a azeitam e tornam maleável, palavras-lubrificantes que dão ao discurso, especialmente à fala, a fluidez e o calor próprios dos seres vivos que o proferem. Na expressão impugnada, se quisermos ser de uma lógica matematicamente pura, também a palavra “veja” é desnecessária, já que atua tão-só como elemento introdutor de uma idéia que poderia expressar-se diretamente, sem a vaselina dos idiotismos lingüísticos.

QUEM FAZ AS REGRAS?

O gramático não inventa as regras de linguagem (com a parcial exceção, infelizmente, das formulações ortográficas...). As normas são deduzidas da língua geral do povo, historicamente formada, estruturada e lapidada pelos escritores maiores ao longo do tempo, cristalizada em épocas que se convencionou chamar clássicas e daí por diante normalmente sujeita a modificações em escala menor, no que respeita à estrutura. Compete ao gramático ordená-las, comentá-las, estudar-lhes a trajetória diacrônica e o *status quo* sincrônico, não lhe cabendo acrescê-las, diminuí-las ou alterá-las a seu bel prazer. Compete-lhe, pois, defini-las. Nessa tarefa, pode eventualmente ser menos feliz: o texto em que as condensa pode não abranger a totalidade do fato lingüístico a que se referem, ou, ao contrário, permitir-lhes um indevido dilatamento. Nesses casos, é importante identificar a má definição e ajustar a redação da norma à realidade lingüística observada.

O DOCE DITONGO

Disse algum estrangeiro pouco dotado para as línguas (no que foi imediatamente secundado por alguns basbaques lusófonos) que o ditongo ão (e, decerto, os seus plurais, ãos, ães, ões) é uma catástrofe da língua portuguesa (forte demais — quase uma impossibilidade lingüística — e feio de meter medo). Sempre me deixou de pé atrás essa bobagem. O ão nunca foi repudiado pelos nossos poetas. Pelo contrário, é, ao lado do *ar*, um dos mais frequentes apoios fônicos usados para pontuar as rimas paroxítonas e dar, assim, melhor equilíbrio rítmico à estrofe.

Quem inventou essa tolice era, decerto, um desses *malfalantes* que o pronunciam como um ã quase sem nasalidade (ou sem nenhuma), quase um á, seguido de um *o* não reduzido, isto é, não igualado ou aproximado ao *u*, em emissão praticamente desditongada.

Corretamente pronunciado, especialmente se com a característica malemolência tropical, o ão, em verdade, soa belo, suave, doce e musical, e é de considerar, malgrado a opinião de pedantes e brocoiós, uma riqueza e uma das belezas próprias de nosso idioma.

DA LÓGICA LINGÜÍSTICA

O fato gramatical não é necessariamente lógico, porque o fato lingüístico nem sempre o é. Tomemos para exemplo a expressão “uma coisa dessas”. O pronome, ainda que plural, na generalidade das vezes refere-se a um fato singular. Daí, decerto, ser o falante pensante tentado a “corrigir”, como neste diálogo:

– Mamãe, hoje eu me distraí e cuspi no chão da escola.

– Filho, como você pôde fazer uma coisa *dessa*?

Entenda-se que a preposição *de* tem, aí, o valor de *como* e a “correção” já não parece tão descabelada.

Em verdade, o que se deve entender é que, na prática –viva a sabedoria popular!– a teoria é outra.

A mania de “matematizar” a língua (coisa impossível), de contê-la nos limites da lógica, tem virado praga. Expressões como “risco de vida” são impugnadas e “passadas a limpo” com inquietante leveza. O certo seria “risco de morte”, não?

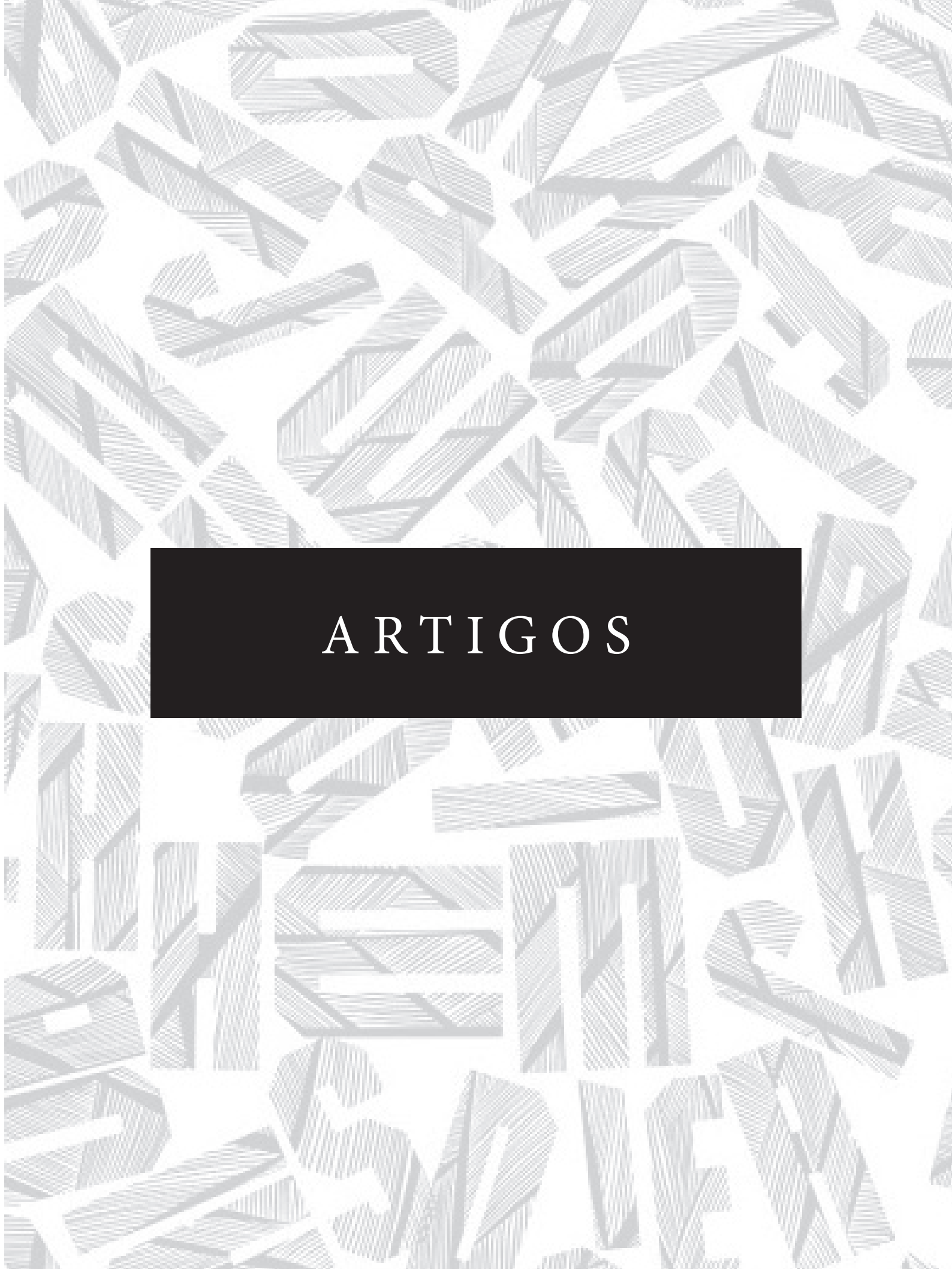
Errado, ora! Primeiro porque se o bombeiro em seu mister arrisca a vida, se assume o risco de perder a vida, compreende-se que o objeto do risco é a vida – e daí, naturalmente, risco de vida. Segundo porque, já sabemos, as expressões idiomáticas não estão nem aí para quem as deseje interpretar analiticamente. Elas podem ter sentido até contrário ao literal.

Que nos diz a isso o leitor? Pois sim? Pois não?

MAS O QUE É O POETA?

O poeta é um louco que submete sua loucura a uma certa disciplina. Há poetas mais loucos do que disciplinados, e há-os mais disciplinados que loucos. Sem a loucura não há poesia; sem disciplina a poesia não se torna visível.

O poeta é aquele que vê ou vislumbra um regato cristalino, de águas cantantes e cachoeiras irisadas, e tenta aprisionar num artefato essa visão. Para isso fabrica uma taça, ou um copo, de maior ou menor riqueza e acabamento. Se não consegue pôr-lhe uma pouca daquela água, será esse vaso admirável pelo material, pelo artesanato, mas não se terá o fenômeno poético. Para tanto, é preciso que o vaso contenha água. Alta poesia estará no vaso que não apenas transborde, mas que induza o tomador privilegiado a ver, sentir, beber as águas originais.



ARTIGOS

JOSEPH CONRAD PELO ESPELHO DE TRÊS ROMANCES

Lourival Serejo

A bibliografia deixada por Conrad, formada por romances e contos, reflete toda a intensidade da sua vida como marinheiro, em todos os mares por onde navegou, suas aventuras e suas experiências. O relato do que ouviu e viveu. Os perfis dos seus personagens são traçados por ele com atenção para os meandros psicológicos de cada um.

Nas obras de Conrad, há sempre uma lição sobre algum tema que nos faz pensar e duvidar. O estilo fluente é movido pela carga de vida que marca cada história contada. O amor que o marinheiro Conrad tinha pelos navios (barcos ou brigues) era tão grande que ele fala dessas embarcações como seres vivos, com alma, descreve-os como se estivesse referindo-se a pessoas humanas. Para o leitor conferir a certeza dessa informação, vale a pena transcrever alguns textos tirados de algumas obras:

A escuridão avultara em torno do navio como uma emanção misteriosa das águas mudas e solitárias. Escorei-me de encontro à murada e tentei escutar as sombras noturnas. Nem um som. Meu navio era como um planeta avançando vertiginosamente longe da órbita em um universo de absoluto silêncio.¹

Navios gostam de atenção. Eles querem atenção no seu manéjo; e se pretendermos manejá-los bem, eles devem ser bem atendidos na distri-

buição do peso que lhes pedimos para carregar pelas vicissitudes de uma travessia. O navio é uma dócil criatura cujas idiossincrasias devem ser respeitadas, para que ele angarie prestígio para si e para nós em seu existir turbulento.²

A visão de navios atracados em algumas das antigas docas de Londres sempre me sugeriu a imagem de um bando de cisnes no pátio inundado de horríveis prédios de apartamentos para alugar. [...] O menor sopro de vento se esgueirando pelos cantos dos edifícios das docas agita esses cativos agrilhoados a sólidas escoras. É como se a alma de um navio ficasse impaciente com o confinamento.³

Sim, a embarcação quer ser tratada com sabedoria. É preciso tratar com muita consideração os mistérios da sua natureza feminina e assim ela ficará fielmente do nosso lado na luta incessante contra forças das quais não é vergonhoso perder. É uma relação muito séria a que um homem mantém com seu barco. Ele tem os seus direitos como se respirasse e falasse; e, na verdade, há navios que para o homem certo farão qualquer coisa, exceto falar, como se diz.⁴

Józef Teodor Konrad Korzeniowski nasceu em 3 de dezembro de 1857, em Berdichev, na Polônia, então sob o domínio russo. O local do seu nascimento hoje pertence à Ucrânia. Seu pai, Apollo, era escritor revolucionário contra o governo moscovita. Essa postura política levou a família ao exílio.

Com a morte dos seus pais, passou a morar com seu tio Tadeusz Bubrowski, que se tornaria seu protetor por toda a vida.

1 CONRAD, Joseph. *A linha de sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 80.

2 CONRAD, Joseph. *O espelho do mar*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 54.

3 *Id.* p. 96.

4 *Id.* p. 57.

Apesar de ter conhecido o mar só aos dezesseis anos de idade, sempre alimentou o desejo de ser marinheiro, ideal que começou a se concretizar em 1874, em Marselha, onde se tornou aprendiz de marinheiro, chegando, anos depois, a conseguir ser aprovado e reconhecido como capitão. A partir daí, como disse Humberto de Campos, em seu soneto Miritiba, foi “um doido lutar por terra alheia”.

Em 1878, mudou-se para a Inglaterra, onde adotou a língua inglesa como seu veículo de expressão. Ao receber a cidadania inglesa, em 19 de agosto de 1886, adotou o nome de Joseph Conrad. Nesse mesmo ano, abandonou a vida marítima e dedicou-se inteiramente à literatura. Faleceu em 3 de agosto de 1924, em sua residência, na Inglaterra, depois de enfrentar tantos e tantos perigos pela vida afora.

Conrad escreveu romances, contos e ensaios. Dessa vasta bibliografia, destaco os seguintes livros: *A loucura de Almayer*, *Um pária das ilhas*, *O negro Narciso*, *O coração das trevas*, *Lord Jim*, *Os herdeiros*, *Os duelistas*, *Juventude*, *O fim das forças*, *A linha de sombra*, *Tufão*, *Nostromo*, *Sob os olhos do Ocidente*, *O espelho do mar*, *Um registro pessoal*, *Freya das sete ilhas*, *A flecha de ouro*, *O resgate*, *O agente secreto*, *Vitória*, e *Amy Foster*.

Dessas referências, pinçarei apenas três de suas obras para tentar interpretar melhor o estilo desse escritor. Alguns leitores podem contestar: por que somente esses três? Deveria ter falado de *Vitória*, *O agente secreto*, *A flecha de ouro*, ou do famoso conto *Amanhã*. É difícil conseguir unanimidade num rosário de tantas obras de um autor tão notável como Conrad. Começarei, portanto, com *Lord Jim*.

LORD JIM

Em conferência sobre o “O romance realista e o romanesco”, publicada na revista *Revera*, do Instituto Vera-Cruz, Milton Hatoum afirma que:

Lord Jim, à semelhança dos grandes romances, é uma lição sobre a arte narrativa. Jim é um marinheiro que sonha com grandes feitos e aventuras. Há algo de romanesco em seu espírito aventureiro, que espera a ocasião propícia para alcançar a glória.⁵

Nesse livro nos deparamos com o drama ético de Lord Jim, o qual o acompanhará por toda a vida. Como imediato (ou comandante?) de um navio, o *Patna*, foge com os outros tripulantes, supondo que a embarcação estava naufragando, com mais de oitocentos passageiros à bordo, todos a caminho de Meca. O navio é resgatado por outro, que o conduz a um porto. O episódio é levado a julgamento e a conduta dos fujões é sancionada por um tribunal marítimo e repudiada em todos os portos. Lord Jim morreu, muitos anos depois, sem se libertar desse pesadelo que acabou com a sua carreira e com seus sonhos.

Antonio Candido, em uma série de ensaios sobre as obras de Joseph Conrad, analisa a conduta de Lord Jim como consequência do *isolamento*, *da ocasião* e do *homem surpreendido*. “Para ele (Joseph Conrad), diz o crítico, o homem surpreendido é um ser em crise, submetido a uma prova decisiva de individualidade”.⁶

Lord Jim não conseguiu reprimir a tormenta que se atirou sobre ele por toda a sua vida. Sua conduta foi julgada perante um tribunal marítimo. Sem a credibilidade e sem a honra necessá-

5 <http://site.veracruz.edu.br/instituto/revera/index.php/revera/issue/view/3/showTo>. Acesso em 20 de 02. 2018.

6 CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, p. 69.

rias para exercer o comando de qualquer navio, passou o resto da vida vagando como uma alma penada, trabalhando nos serviços mais abjetos para punir-se. Recuperou-se, muito tempo depois, numa ação heróica, mas o seu pesadelo só acabou com a sua morte.

A pena de Lord Jim foi perpétua, porque nunca se apagou da sua memória a gravidade da sua conduta desonrosa, descumprindo seu dever ético de manter-se solidário com os passageiros, no momento crucial que estavam passando.

O CORAÇÃO DAS TREVAS

A bordo do navio *Nellie*, no estuário do Tâmesa, ao anoitecer, um aventureiro chamado Charles Marlow,⁷ o mesmo narrador do drama de Lord Jim, começa a desfiar uma longa história que consumiu a noite inteira, até o nascer do dia seguinte. Parece que ele vivia engasgado com tanta coisa para contar, a ponto de surpreender os ouvintes com o impacto de um arremesso verbal: “E mesmo assim, tem sido um dos lugares mais sombrios do mundo”.

Depois do silêncio que se fez, ele começa a narrar a viagem pelas entranhas de um rio africano em busca do lendário senhor Kurtz, um explorador educado na Inglaterra que se empenhara na selva em busca de marfim e desapareceu sem notícias. O que se constatou mais tarde é que esse poderoso senhor havia dominado os selvagens com sua personalidade e ali se instalara definitivamente.

Quando *O coração das trevas* foi adaptado ao cinema, num cenário vietnamita, por Francis Coppola, o senhor Kurtz foi representado por

Marlon Brando, o que tornou a personagem ainda mais real.

É essa aventura de Marlow que Joseph Conrad transformou nesse magistral romance, lançado em 1902 e que continua figurando entre as grandes obras da literatura inglesa. O autor demonstra, nessa obra, o poder da concisão e a força da descrição. É um romance com menos de cem páginas que ganhou notoriedade universal por essas qualidades e pela sua engenharia literária.

Aquela “selva invisível” tinha um coração que se mantinha ativo pela correnteza dos rios que penetravam seu mistério, tão bem expressos em suas palavras:

O vapor avançava vagarosamente ao largo de um furor negro e incompreensível. O homem pré-histórico estava nos amaldiçoando, orando por nós, dando-nos boas vindas – quem poderia dizer? Estávamos distantes da compreensão do que nos cercava; nós deslizávamos como assombrações, fascinados e secretamente aterrorizados, como homens sadios diante de uma rebelião entusiástica em um hospício. Não compreendíamos, pois estávamos muito distante e não podíamos lembrar, pois viajávamos na noite das primeiras eras, daquelas eras que se foram e que dificilmente deixaram algum sinal, mormente uma lembrança.⁸

Naveguei rio acima um pouco, e depois rio abaixo; dois mil olhos acompanharam as evoluções do feroz demônio do rio, chapinhando, espancando, batendo na água com a sua terrível cauda e derramando fumaça negra no ar.⁹

Com descrições desse teor, Conrad consegue fazer o leitor comungar com ele o pavoroso

7 Marlow é o nome fictício de William Charles Olmeijer, conhecido por Almayer, comerciante contrabandista, natural de Java.

8 *Id.*, p. 47.

9 *Id.* p. 83.

ambiente do interior daquela selva hostil e cheia de perigos imprevistos e mistérios insolúveis.

NOSTROMO

Esse romance, um misto de aventura e política, contém lições de moral e de comportamento.

Trata-se de uma história passada em um país imaginário da América Latina – a República de Costaguana – onde surge uma cidade, Sulaco, ao fundo de um golfo de difícil acesso. Ali, um idealista inglês, Charles Gould, revitaliza uma mina de prata que fora do seu pai. Toda a província de Sulaco e até o próprio país passam a depender da riqueza produzida por essa mina.

Naquela cidade distante, desponta um homem, descendente de italiano, com o estranho nome de Nostromo, que deu nome ao romance, o qual vai protagonizar uma história polêmica com variadas interpretações. Neste livro, o autor aborda com detalhes o tema da corrupção na política latino-americana.

O estilo e a arquitetura do romance lembram Vargas Llosa. Muitos críticos consideram seu melhor romance. É o mais denso, mais profundo, não há dúvida.

O escritor colombiano Juan Gabriel Vásquez escreveu um romance em que narra a história da construção do Canal de Panamá, com o seguinte título: *História secreta de Costaguana*. Segundo a talentosa ficção do autor, Joseph Conrad encontrou-se, em Londres, com José Altamirano e ouviu deste todas as suas aventuras durante a construção do Canal de Panamá. Desse relato teria se apropriado, indevidamente, Conrad para escrever *Nostromo*. Vásquez é autor de uma breve biografia de Joseph Conrad.

No referido romance de Vásquez, Conrad aparece como personagem e é tratado, com mais

frequência, como “o jovem Korzeniowski”. Em outras passagens, é citado como Joseph K. (coincidência ou não?).

Em suas obras, Conrad se revela inteiro, em sua vida e em sua arte. As descrições do mar, dos navios, das almas dos navios, dos portos e das suas aventuras prendem o leitor pelo entusiasmo que o texto revela, como pela capacidade do autor em conduzir o leitor pelas águas agradáveis da leitura. Conrad notabilizou-se como um estilista e consagrou-se como um dos melhores escritores britânicos do seu tempo.

Os livros de Joseph Conrad são plenos de vida, da vida de aventuras que viveu, das dificuldades que enfrentou e das histórias que ouviu. A ele aplica-se com precisão a versão de Clarice Lispector sobre o porquê de ser escritora: “Não sou eu quem escrevo; são meus livros que me escrevem”.

Não há dúvida de que as obras de Conrad são autobiográficas. Em cada uma delas há um pedaço da sua vida. Mas foi em *O espelho do mar* e *Um registro pessoal* que ele reuniu seus dados pessoais, suas impressões e suas aventuras com o específico objetivo memorialístico, ainda que repletos de omissões. Sobre essa constatação, transcrevo, a seguir, o que diz seu biógrafo Juan Gabriel Vásquez:

De hecho, sus propias reminiscencias, esos dos libros inmensos que son *El espejo del mar* y *Cronica personal*, resultan tan esquivos, tan indirectos, tan *laterales* como una novela: Conrad, el novelista indirecto por excelencia, manipula memoria, autobiografía y mera ficción para llevar a puerto sus intenciones, modifica la realidad en el proceso de recontarla.¹⁰

10 VÁSQUEZ, Juan Gabriel. *Joseph Conrad, el hombre de ninguna parte*. Bogotá: Panamericana, 2004, p. 10.

Apraz-me, por fim, consignar que, ao dedicar-me a este ligeiro estudo, tive a surpresa de encontrar a convergência de Joseph Conrad e Italo Calvino, outro autor da minha preferência e dedicação. Em seu livro *Um eremita em Paris*, Calvino conta que, em 1947, para concluir sua licenciatura em Letras, elaborou uma tese de literatura inglesa sobre Joseph Conrad.¹¹ Em sua obra *Por que ler os clássicos*, no capítulo *Os capitães de Conrad*, ele analisa o escritor e algumas de suas obras, indagando, em certa passagem, ao leitor: “Quem conseguiu, como Conrad nessas prosas, descrever os instrumentos de trabalho com tanto apuro técnico, com amor tão apaixonado e com uma tal ausência de retórica e esteticismo?”¹²

BIBLIOGRAFIA

- CANDIDO, Antônio. *Tese e antítese*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- CALVINO, Italo. *Um eremita em Paris*. Lisboa: Teorema, 1990.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CONRAD, Joseph. *Lord Jim*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CONRAD, Joseph. *Nostromo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- VÁSQUEZ, Juan Gabriel. *Joseph Conrad, el hombre de ninguna parte*. Bogotá: Panamericana, 2004.

11 CALVINO, Ítalo. *Um eremita em Paris*. Lisboa: Teorema, 1990, p. 165.

12 _____ *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.183.

João Gostoso no céu

Carlos Machado

O poeta e professor Júlio Machado me enviou um e-mail mostrando que descobrira mais um de meus muitos homônimos. Esse recém-descoberto xará estava num pequeno recorte do *Jornal do Brasil*. Data: 16 de dezembro de 1925. A notícia dá conta de que um carregador de feira livre “conhecido pelo vulgo de ‘João Gostoso’” desaparecera na lagoa Rodrigo de Freitas. O registro foi feito no 30º Distrito Policial do Rio de Janeiro pelo comissário Carlos Machado.

João Gostoso, claro, não era outro senão o personagem do “Poema tirado de uma notícia de jornal”, de Manuel Bandeira (do livro *Libertinagem*, 1930), um dos textos paradigmáticos do modernismo. Estimulado pela novidade, comecei a pesquisar na internet e encontrei um artigo no qual o também poeta e professor Heitor Ferraz Mello revela ter encontrado a verdadeira página inspiradora do poema de Bandeira.

Essa página está no semanário *Beira-Mar*, um jornal de bairro do Rio de Janeiro voltado para a população *cilense* – moradores do CIL, sigla de Copacabana, Ipanema e Leme. A data: 25/12/1925. Conforme Ferraz Mello destaca, não há dúvida de que Bandeira extraiu seus famosos versos dessa publicação: praticamente todas as palavras do poema estão contidas ali.

Entre a notícia do *Jornal do Brasil* e a matéria do *Beira-Mar* passou-se mais de uma semana. A primeira falava no desaparecimento do carregador. A outra, mais extensa e em tom de crônica, já registra a localização do corpo no fundo da lagoa. Pelo que se pode deduzir, é provável que ninguém soubesse o nome civil do afogado, que deve ter sido enterrado como o indivíduo “conhecido pelo vulgo de ‘João Gostoso’”.

*

O acesso às duas notícias desviou minha atenção para um pequeno detalhe entre elas: o *Jornal do Brasil* descreve João Gostoso: “de cor preta, com 40 anos presumíveis”. A outra publicação, assim como o poema que inspirou, não faz referência à cor do homem. Então comecei a pensar: embora eu nunca tenha parado para refletir sobre isso, ao ler o poema de Bandeira, sempre tive certeza de que João Gostoso era um homem negro. Creio que isso deve ocorrer com qualquer brasileiro que leia o “Poema tirado de uma notícia de jornal”. Por quê?

Esse pensamento me levou a outro conhecido texto de Bandeira, “Irene no céu” (de *Estrela da manhã*, 1936). Nesse caso, ao contrário, a cor da pele de Irene aparece logo no primeiro verso: “Irene preta/ Irene boa/ Irene sempre de bom humor”. Aí está o retrato completo de Irene. Os versos seguintes saltam para o momento em que ela chega à porta do céu.



Na história de João Gostoso, não se diz que ele é preto, mas — brasileiromente — todos sabemos que ele é. Do mesmo modo, no perfil de Irene, não há referência ao que ela faz, além de ser boa e bem-humorada. Mas será que alguém tem dúvida de que se trata de uma velha criada, dócil e subserviente? Aliás, sua atitude submissa fica demonstrada no próprio poema, quando Irene se dirige a São Pedro, o porteiro do céu católico: “— Licença, meu branco!”

A diferença central entre Irene e João Gostoso está justamente aí. Ela, pode-se apostar, deve ter sido serviçal de mil e uma utilidades na casa de seus patrões, cuidando de tudo e de todos, sem nunca emitir um só lamento. Uma figura sem vida própria, simpática, mansa e doméstica. Para os donos da casa e os donos da sociedade em geral, uma confortável continuidade das relações escravistas. João Gostoso, ao contrário, era um homem das ruas, falastrão, inconveniente, escancaradamente infeliz. Esse não entraria no céu dos patrões, nem mesmo se pedisse licença.

Link do Heitor Ferraz Mello:

<https://blog.globaleditora.com.br/entrevistas/quando-uma-noticia-ganha-a-eternidade-de-um-poema/>

Os recortes dos jornais são ambos da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional.

* **Carlos Machado** é jornalista e poeta, autor de livros como *A mulher de Ló* (Patuá, 2018) e *Tesoura cega* (Dobra, 2015). Edita o site *Alguma Poesia* (www.algumapoesia.com.br).

TERIA SIDO SUICIDIO?

Na Lagôa Rodrigo de Freitas

Em deploravel estado de embriaguez, aquelle homem maltrapilho vagava pelo Leblon, causando riso, pelo disparate das suas phrases e dos seus gestos e piedade, pela desgraça toda que envolvia aquella alma desgarrada.

Em frente ao Bar Vinte de Novembro, o infeliz cantou e dansou e a seguir tomou a direcção da Lagôa Rodrigo de Freitas.

Ao guarda civil n. 954, de ronda no Leblon, o menor Atamiro Francisco dos Santos, de 14 annos e residente na Pedra do Bahiano n. 18, contou que viu ali, no canal que liga a Lagôa Rodrigo de Freitas ao mar, um homem de 40 annos presumiveis despir-se e atirar-se á agua, não mais apparecendo.

Immediatamente, o rondante communicou-se com a delegacia do 30º districto, tendo o commissario Dr. Carlos Machado partido para o local.

Ahi, com o auxilio do capataz da Colonia Z 14, Antonio Alvaro Dias de Carvalho, do pescador Antonio Daniel da Silva e do guarda civil n. 954, foi retirado effectivamente do fundo da lagôa o corpo de um homem que foi reconhecido como sendo o do individuo mais conhecido por "João Gostoso", carregador da feira livre e residente no morro da Babylonia, em um barracão sem numero, o mesmo que perambulava embriagado, no Leblon.

Com guia do 30º districto o cadaver foi removido para o necroterio do Instituto Medico Legal.

A policia acredita que João se tenha suicidado, tendo arrecadado a roupa do mesmo, no local.

A Latência Sensual Consciente

Linhares Filho

São de nossa autoria a denominação, a caracterização e a identificação em escritores, do processo da latência sensual consciente, formulado numa teoria, o qual identificamos mais profundamente em narrativas da chamada segunda fase evolutiva da ficção de Machado de Assis e em três contos de Eça de Queirós, que, no caso em apreço, antecedeu-se a Machado, ao escrever “Singularidades de uma Rapariga Loura”, de 1874. Tal teoria está exposta sobretudo nos nossos livros *A Metáfora do Mar no Dom Casmurro* e *Ironia, Humor e Latência nas Memória Póstumas*, relacionados na bibliografia deste trabalho.

Poderosas pistas para a formulação de nossa teoria são os pensamentos de três autores: Afrânio Coutinho, Barretto Filho e Wolfgang Kayser. Afrânio incluiu o simbólico entre os motivos fundamentadores da ficção machadiana.¹ Barretto Filho expendeu esta opinião:

A obra de Machado de Assis, nas suas reservas, nas suas alusões parece muitas vezes uma linguagem cifrada, que dá a impressão, a cada passo, de ter um alcance maior do que a sua significação aparente. O sorriso amargo que sempre trouxe na face tem um ar de desafio, como se propusesse um problema e nos convidasse à sua solução.²

Kayser observa: “por mais profunda e verbosa que seja, por exemplo, a descrição da ‘borboleta preta’ por Brás Cubas (cap. XXXI), sentimos nitidamente que este objeto tem um significado ulterior.”³

Leodegário A. de Azevedo Filho já aponta um significado subjacente nas cantigas trovadorescas de Pero Meogo em torno do relacionamento sexual-amoroso.⁴ E Lêdo Ivo, no seu livro *Poesia Observada*, analisa o poema “Água Forte”, de Manuel Bandeira e escreve: “um poema cuja escabrosidade só é perceptível pelos exegetas, e estes assim mesmo sujeitos aos erros oriundos de interpretações gratuitas.”⁵ Trata-se, afinal, da descrição velada de um órgão sexual feminino em estado de menstruação.

No poema “Lira do Amor Romântico /ou a eterna repetição”, de *Amar se Aprende Amando*, Carlos Drummond de Andrade usa uma linguagem cifrada para representar variações do relacionamento sexual-amoroso. Destarte, ali o lição representaria a glândula; a água, a intimidade feminina; e os peixes, as reações psicofísicas da mulher.⁶

No nosso livro *A Metáfora do Mar no Dom Casmurro*, apresentamos algumas reincidências do símbolo sensual do mar na Literatura Brasileira, e são estes os autores que ali estudamos com exemplificações: Manoel Bandeira, Jorge de Lima, Lêdo Ivo, Geir Campos, Francisco Carvalho e Clarisse Lispector.⁷

Entendemos que em grande parte da ficção machadiana da segunda fase existem duas camadas narrativas que se conectam: uma patente, realista, e uma latente, naturalista e ao mesmo tempo simbolista, de um peculiar Simbolismo. É da simbólica machadiana que mais intensamente se gera a sensualidade, a ironia, o *humour* e a tragicidade da narrativa em estudo.

No *Dom Casmurro*, impõe-se um relacionamento entre a expressão “mar da Glória” e dois antropônimos: “Capitolina”, de que se derivou o

1 COUTINHO, A. (1966). p.111

2 BARRETTO FILHO. (1947). p.229

3 KAYSER. (1967). p.333

4 AZEVEDO FILHO. (1974).

5 IVO, Lêdo. (1978). p.194

6 LINHARES FILHO (2002). p.92-96

7 LINHARES FILHO (1978). p. 84-87

hipocorístico “Capitu”, e “Glória”, que denomina a mãe de Bentinho. Como sabemos, a escolha dos antropônimos e topônimos da ficção de Machado não é gratuita. Vale-se o autor, alterada ou cumulativamente, da etimologia (aspecto diacrônico), do estado sincrônico, da motivação fonológica, da significação histórico-cultural dos antropônimos e topônimos, que passam a constituir-se em valores semânticos ou símbolos para a construção da estrutura profunda da narrativa ou, antes, do *entre-texto*⁸ desta.

O nome “Capitolina” esclarece a sugestão intencional do autor, ao utilizar a expressão “mar da Glória” e, afinal, toda a semântica marinha e latente do livro em análise. “Capitolina” é nome adjetivo que significa “do Capitólio; que diz respeito ao Capitólio”, que é o “templo dedicado a Júpiter e cidadela da antiga Roma”, tendo o sentido figurado, dicionarizado, de “glória, triunfo, esplendor”.

Podemos concluir que, se os órgãos genitais de Capitu, a Mulher, são um mar de glória, Da. Glória, a Mãe, é, pela grandeza da maternidade, que por meio dos órgãos genitais dá origem à vida, também um mar de glória. Contudo, por sabermos da atitude pessimista da obra machadiana negar a vida, haja vista o capítulo “Das negativas” nas *Memórias Póstumas* (“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”), bem como passagem de “O delírio” de Brás Cubas, na qual a Natureza, a grande Mãe, origem da vida, se confessa “mãe e inimiga”, e, ainda, pela própria transformação, no *Dom Casmurro*, do mar glorioso num mar de perfídia, deduzimos que também no *entre-texto* de tal livro há uma grande ironia consciente à vida, a qual se entrevê na antítese entre a derrota do narrador-personagem (qualquer que fosse a conduta de

sua mulher) e o significado do próprio nome da genitora de Bentinho e, ainda, entre aquela derrota e a concepção de que os órgãos genitais de Capitu são um mar de glória.

Cremos que o nome Escobar haja sido escolhido pelo romancista sem fundamento na etimologia ortodoxa, mas em alusão ao rio Cobar, em cujas margens o profeta Ezequiel recebeu a vocação de Deus para pregar (veja-se a introdução a essa profecia: 1,1-4). Dirigindo-se as águas dos rios para o mar e chamando-se Ezequiel o filho de Capitu, sugerir-se-ia que o menino proviesse de Escobar, denunciado este pela expressão “és Cobar”. Escobar seria, ou o seu sêmen, por metonímia, um rio que corresse para o mar de Capitu, entendendo-se que a personagem homônima do profeta se originasse de Escobar, como a vida profética do Ezequiel bíblico se originou às margens do rio Cobar, metonimicamente desse rio. Observe-se a insinuação maliciosa de José Dias, chamando o menino de “Filho do homem” como Deus denominava o profeta, recebendo o agregado, por isso, a reprovação de Capitu, que assim se traía, conforme suscita a visão de Bentinho.

Explicando mais a razão do mar significar no *Dom Casmurro* os órgãos genitais femininos (o que implica simbolizar o mistério poético da vida apesar do negativismo do autor), e confirmando o *entre-texto* que vamos desvendando, lembramos a informação cultural de teor evolucionista de que o mar geográfico é tido, sendo parte da Natureza, como a origem imediata da vida. Suscita o autor que a Mulher, por meio de sua função genital, que é mar, representa a Natureza, que, no seu potencial dialético e absurdo, é prazer e dor, mãe e inimiga, benefício e traição, vida e morte.

O humorismo das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* anuncia-se logo nas palavras preliminares sob o título de “Ao leitor”, escritas

8 Cf. PORTELLA, E. (1974). Tensão entre texto e pré-texto ou entre língua e linguagem. Equivale ao poético ou ao tema.

pelo “autor defunto”, entre as quais se lê sobre a “Obra de finado”: “Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio”.⁹

O humorismo das *Memórias Póstumas*, que se estende em maior ou menor intensidade à maior parte da obra machadiana, a partir de 1881, possui características ora de ironia, ora de *humour*. Acreditamos que a latência sensual de tal obra, latência que consideramos seja, em maior escala, consciente, é cheia de “causas secretas”, de ambiguidade, de segundas intenções, o que torna essa obra extremamente *aberta* segundo a compreensão de Umberto Eco.¹⁰

Comprova-se a intencionalidade da latência não só pelo fato do autor sugerir ocultar processos e incitar o leitor a descobrir enigmas, mas também pela constatação de certa frequência de ocorrências do discurso ficcional, nas quais se correlacionam vários símbolos, frequência essa que nos leva a crer, sem prejuízo da intuição artística, na consciência da arquitetura de uma espécie de polissignificação, a cuja interpretação chegamos, sentindo-nos dirigir pelo escritor. Torna-se, pois, de suma importância em Machado de Assis a leitura do aspecto paradigmático da narrativa numa dimensão profunda ou, usando-se a teoria de Eduardo Portella, uma leitura do *entre-texto*.

Julgamos que a chave mais sensacional que Machado de Assis nos fornece das atitudes de toda a sua obra de latência consciente, insinuando o comportamento do analista ao decodificá-la, se encontre neste depoimento, escrito no cap. LXXXII – “O bibliômano”, das *Memórias Póstumas*:

Olhai: daqui a setenta anos, um sujeito magro, amarelo, grisalho, que não ama nenhuma outra cousa além dos livros, inclina-se sobre a página anterior, a ver se lhe descobre o despropósito; lê, relê, treslê, desengonça as palavras, saca uma sílaba, depois outra, mais outra, e as restantes, examina-as por dentro e por fora, por todos os lados, contra a luz, espaneja-as, esfrega-as no joelho, lava-as, e nada; não acha o despropósito. (OC, p.582)

Afrânio Coutinho afirma que “a obra de Machado de Assis é fundada sobre três grandes motivos: o humorismo, a tragicidade e a simbologia”.¹¹ Podemos adicionar a esses aspectos a sensualidade, sobretudo numa camada subjacente, a nosso ver constituída mais intencional que preterintencionalmente. O símbolo valoriza o sensual, levando este, o humorismo e a tragicidade à plenitude estética. Justifica-se a insistência de sensualismo na parte latente de narrativas machadianas precisamente por esse constituir um campo fértil para a exploração do tragicômico.

Segundo Bergson, “O riso deve ter uma significação social.”¹² Para muitos pensadores, sociólogos como Jankelevitch e Paulhain, o riso possui uma função corretiva dos atos sociais e humanos. No entanto, o humorismo em Machado não apresenta com nitidez essa missão pragmática; pelo contrário, parece mais lúdica. Não traz objetivo moralista, não conduz a vontade de edificar, mas de destruir, lançando-se indiretamente maldição contra o Autor ou o suposto Autor do universo. Pois a essência da filosofia ficcional de Machado é o ódio entranhado à existência, a negação da vida pelo que de imperfeito e infeliz esta encerra.

Muitas vezes Brás Cubas parece dirigir sua ironia e seu *humour* contra si mesmo, no entanto é contra Deus e/ou contra a Natureza que em

9 ASSIS, M. de. (1962). p. 511. Daqui por diante, convencionamos a abreviatura “OC” para aludir ao volume da *Obra completa* do autor relacionada na bibliografia.

10 Cf. Eco, U. (1971). Em resumo aquela que traz uma pluralidade de significados para um só significante.

11 COUTINHO, A. (1966). p.111

12 BERGSON, H. (1980). p. 14

verdade os dirige. Zombando de todos e de tudo, Brás Cubas zomba particularmente do leitor desde a ameaça de dar-lhe piparote até chamá-lo de obtuso.

Buscamos acima de tudo, na presente análise, o intrínseco literário, seguindo os ditames da Crítica Estética. Adotamos, pois, os métodos da interpretação literária (Hermenêutica em sentido amplo), ajudando-nos com a Retórica, a Semântica, a Estilística e a Etimologia.

No nosso ensaio *A Metáfora do Mar no Dom Casmurro* comentamos as insinuações de Machado de Assis sobre os seus processos e o desafio ao leitor, examinamos casos de anomalias sugeridas como os de Eugênia e Marcela, analisamos símbolos marítimos, o do dinheiro e o dos calçados na ficção do escritor, e apresentamos várias teorias não extrínsecas, mas estéticas, em que se baseia a nossa análise da latência sensual consciente nas mais importantes produções machadianas e em alguns escritos de Eça de Queirós (“Singularidades de uma Rapariga Loura”, “Um Poeta Lírico” e “José Matias”).

A Dor humana, motivo do tema das *Memórias Póstumas*, é, metonimicamente, ou seja, por contiguidade, representada aí por uma dor específica, a do conflito sexual, refletido sobretudo nos símbolos: o emplasto, a política e a solda da opinião.

Sabemos que Rubião e Brás Cubas não seguiram, aquele por não a entender, este por desprezá-la, a filosofia do Humanitismo de Quincas Borba, novo Pangloss pelo otimismo leibniziano e homoafetivo sugerido, com a sua teoria do benefício, que não era solidariedade humana, nem cristianismo, nem austeridade epicurista, mas uma indignidade masoquista disfarçada em conformação com o sofrimento, como suscita Machado com a latência consciente. Contra o otimismo de Leibniz, o pessimismo de Schopenhauer.

A significação etimológica de Virgílio, de origem latina, segundo alguns autores, “é discutida”.¹³ Mário de Freitas, por exemplo, assim a considera sem indicar o significado do nome. Janete de Andrade registra a significação de “varinha, raminho”.¹⁴ Nadia Maggi consigna “Virgilius, verga, vara, vareta”.¹⁵ Chegamos a aceitar uma falsa informação de que Virgílio proveria de *vir-vigilis* com síncope, do que resultaria o conceito de homem vigilante numa dedução que hoje vemos fugir a toda lógica das normas etimológicas. Interessante, porém, é que a idéia de homem vigilante, que se modifica na compreensão de mulher vigilante ou vigilância, liga-se à sugestão fonológica e semântica do nome “vigília”, diante do designativo da personagem Virgília. Esse entendimento vai ao encontro do significado etimológico de Virgílio como “varinha, verga, vara, vareta”. O combate psíquico ou vigília representa-se pela etimologia dos nomes Virgílio, Virgília, pois uma varinha pode ser um instrumento de luta.

Pelo contexto simbólico do livro, Virgília quer, realmente, dizer mulher vigilante ou vigilância.

Virgília (ou a vigilância) conforme deduções ligadas ao etimológico e ao contexto do livro, representa uma espécie de *superego*, que não se liga ao inconsciente, como na psicanálise, mas ao consciente. Não é somente mulher, mas está no íntimo de Brás Cubas e simboliza o apego exagerado, inquieto, vigilante, que o solteirão da Gamboa muitas vezes demonstra ter à integridade viril. A ideia de combate psíquico prende-se ao verso virgiliano *arma virumque cano*, escrito “muitas vezes, ao acaso” por Brás Cubas, verso que, por sua vez, lembrou ao pai de Brás Cubas o nome da noiva do filho, Virgília. No capítulo III, “Genealogia”, das *Memórias*, sugere-se o de-

13 FREITAS, M. de. (1965).

14 ANDRADE, J. de. (1994).

15 MAGGI, N. (1994).

ver de Brás Cubas regenerar com a conduta viril, a seu modo, o nome da família de tanoeiros (moralmente indignos segundo a latência intencional do contexto).

Sendo Brás Cubas um homem preocupado, no enredo subjacente, com a sua própria virilidade, insurge-se contra a conformação físico-moral da Obra Criada ou da Natureza, (nisto como um representante da filosofia negativista, de niilismo absoluto de Machado), e ainda no enredo implícito não quer aceitar-, o que denota, pelo absurdo da rejeição, um estado de conflito e insegurança da masculinidade-, que o indivíduo do sexo masculino, pelo menos ele, Brás Cubas, possua partes parassexuais semelhantes às da mulher. Assim, por vários aspectos examinados em nosso trabalho *Ironia, Humor e Latência nas Memórias Póstumas*, o narrador-personagem desse livro sugere que o emplasto seria um frustrado e burlesco remendo anal, com que corrigiria a Natureza.

Sabemos que esse narrador, ao cuidar do seu invento, adoece de pneumonia e morre (quer dizer, torna-se um vivo-morto):

Senão quando, estando eu ocupado em apurar a minha invenção, recebi em cheio um golpe de ar; adoeci logo e não me tratei. Tinha o emplasto no cérebro; trazia comigo a idéia fixa dos doudos e dos fortes. (OC, p.516)

Insinua-se, burlescamente, que tenham sido ventosidades o golpe de ar que fez Brás Cubas adoecer de morte. Acrescenta o narrador personagem: “[...] e creio haver provado que foi a minha invenção que me matou”. (OC, p.116)

A humorística e frustrada invenção do emplasto assemelha-se à solda da opinião pública. Refere-se a solda, no nível patente da narração, à reputação do Lobo Neves como homem que fosse respeitado pela mulher. No plano latente, porém, a solda relaciona-se ao bom juízo que o público deva fazer do comportamento moral do Lobo Neves, já que o narrador-personagem suge-

re possuir aquela personagem tendências para o homoafetividade passiva, o que comprovamos no ensaio. O símbolo do livro na afirmação “e estava fechado o livro da vida sem nenhuma página de sangue” liga-se, pelo contexto latente da narrativa, ao da solda. Esta se prende ao símbolo da política, que se relaciona com o que representam os números 13 e 31, assinaladores dos dois atos de nomeação do Lobo Neves para presidente da província.

As curvaturas e a concavidade do algarismo 3 representam as partes parassexuais do Lobo Neves, formas semelhantes às do livro aberto. A nomeação do Lobo Neves como presidente da província no dia 13 não é aceita por ele não por superstição, mas porque o algarismo 1, como se sugere pelo contexto, sendo representante, pela sua configuração, do falo do secretário Brás Cubas, posiciona-se erradamente. Aceitaria a nomeação do dia 31, em que os algarismos se posicionam de modo certo, segundo a concepção simbólica da latência sensual consciente. Vejam-se as consequências do ato de tal nomeação no nosso ensaio sobre as *Memórias Póstumas*.

As superstições de Dona Plácida são simbólicas e relacionam-se à latência sensual consciente.

A expressão “flor dos homens” forma subjacentemente uma metáfora sensual e equivale à “flor da hipocondria”, que em Brás Cubas humoristicamente “recolheu-se ao botão para deixar a outra flor menos amarela, e nada mórbida, - o amor da nomeada, o emplasto Brás Cubas”. (OC, p. 548) A expressão “o amor da nomeada” liga-se ao respeito pela opinião, portanto à solda. Em Quincas Borba, a “flor dos homens” seria a “Escrófala da vida”. (OC, p.573) A expressão “maior número” do cap. “A solda” identifica-se com o zero e equivale à “flor dos homens”.

A ponta do nariz e o chapéu constituem-se em símbolos sensuais e humorísticos dos mais

explorados por Machado, representando o nariz o falo, e o chapéu, pelo recurso da hipálage, representando os órgãos genitais femininos e sobretudo as partes parassexuais masculinas e femininas. O conto “O Segredo do Bonzo” ratifica a representação que indicamos para o nariz, que nas *Memórias Póstumas* apareceria simbolizando o falo nos seguintes capítulos: IV, XVIII, XXVI, XXIX, XCVII, CXV e CXVII. O conto “Capítulo dos Chapéus” confirma com a crônica de 04 de julho de 1883, publicada em *Balas de Estalo*, o símbolo indicado para o chapéu, que apareceria representando o que apontamos nos seguintes capítulos das *Memórias Póstumas*: XI, LIX, LXXVII, LXXXVIII, CIV, CXVI, CXXVII, CXXXVII e CXLII.

Os conselhos ambíguos do pai de Brás Cubas a este no capítulo XXVIII- “Contanto que...” lembram o conto “Teoria do Medalhão”, texto zombador do maquiavelismo e em que o pai, pelos símbolos e a ambigüidade do contexto, sugeriria ao filho, escabrosamente, normas da “política” do homoafetividade. E *Esau* e *Jacó* prima pela simbólica política.

O onanismo representar-se-ia nas *Memórias Póstumas*, entre outras coisas, pela atitude do faquir (cap. XLIX), pela pêndula (cap. LIV) e o movimento de rotação (cap. CL). A Ordem Terceira do cap. CLVII- “Fase brilhante”, simbolizaria, pela ironia machadiana, uma terceira opção de função sexual, em que o benefício é uma ajuda anormal conforme as sugestões do contexto. E a palmatória de Ludgero Barata representaria, segundo o raciocínio da hipálage, as partes parassexuais de “ossudo e calvo” desse “guerreiro célebre” (da etimologia do seu nome, proveniente do germânico). Conforme a mente do travesso menino Brás Cubas ou do adulto narrador-personagem, essas partes parassexuais, simbolizadas pela palmatória, realizavam o *compelle intrare* das lições que Ludgero “incutiu no cérebro”

(símbolo da glândula) de Brás Cubas. A barata que se prende ao nome de Ludgero, constitui-se no símbolo caricato da, por assim dizer, passividade sexual ativa da personagem, pois tal inseto, mesmo o macho, se relaciona sexualmente por suas partes traseiras.

Concluimos que a latência sensual consciente sublinha e redimensiona a ironia e o *humour* do escritor.

Comprova-se a grande experiência psicológica de Machado de Assis, humorista e trágico, que como poucos soube compreender a condição humana, interpretar a Dor existencial, manipular com tamanho arrojo e destreza o simbólico, enfim se manifesta com tanta grandeza e verdade artísticas quer no espaço da fala quer no do silêncio.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- ANDRADE, Janete de. *Êtimo dos nomes próprios*. São Paulo: Editora Thirê, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *As cantigas de Pero Meogo: estabelecimento crítico dos textos, análise literária, glossário e reprodução fac-similar dos manuscritos*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1974.
- BARRETTO FILHO. *Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- BERGSON, Henri. *O riso*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- COUTINHO, Afrânio. *Machado de Assis na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: São José, 1966.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FREITAS, Mário de. *Dicionário de nomes próprios*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1965.

GOMES, Eugênio. *O enigma de Capitu*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.

IVO, Lêdo. *Poesia observada: ensaio sobre a criação e matérias afins*. 2ed. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. Coimbra, Arménio Amado, 1967.

LINHARES FILHO. Linguagem e filosofia de Machado de Assis. In: *O Caboré*. Fortaleza, 2 (2): 48-56, jun. 1967.

_____. *A metáfora do mar no Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

_____. *Ironia, humor e latência nas Memórias Póstumas*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1992.

_____. *O amor e outros aspectos em Drummond*. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

MAGGI, Nadia. *Origens e significados de nomes para o seu bebê: mais de 8 mil*. São Paulo: Nova Sampa, 1994.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1958.

PORTELLA, Eduardo. *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

Dada a exiguidade necessária do espaço do presente ensaio, deixamos de provar com argumentos e exemplos a maioria das afirmações aqui feitas, e que poderão parecer estranhas, levianas ou gratuitas ao leitor. Este, porém, encontrará a comprovação delas nos trabalhos do autor indicados na bibliografia.

A escrita literária na contemporaneidade brasileira

Ronaldo Costa Fernandes

Falar sobre a contemporaneidade é sempre difícil. É preciso que o tempo passe, algumas obras permaneçam, vários críticos escrevam sobre o período. A melhor lupa, no caso da literatura, não é aquela que se vê de perto. O melhor instrumento para observar uma determinada época é justamente se afastar para ver melhor. Uma imagem, sugerida por um psicanalista, mostra que, se você ficar de cara para a montanha, não verá a sua grandiosidade que só pode ser apreciada se você se distanciar dela. Ficar de cara para a rocha da montanha é o presente. Afastar-se para ter a dimensão de sua altura, forma e dimensão, corresponde a estudar o passado.

A literatura acompanha os costumes, a cultura de sua época, a maneira de pensar e de se expressar o momento em que vivem os autores. A ficção hoje produzida no Brasil apresenta todas as características da contemporaneidade. O que temos hoje? Manifestações pelo respeito à diversidade, ao multiculturalismo, às minorias. A defesa do grupo LGBT, a afirmação da negritude e as reivindicações do feminismo. Estas manifestações não são de hoje, algumas delas se mostram centenárias. Em romances do século XIX já aparecem o descontentamento da mulher aprisionada em seus espaços físicos e de manifestação da sua individualidade. São aparecimentos tímidos, mas podemos afirmar que tentam entender o processo psicológico e o cerceamento de sua liberdade. Ainda no século XIX, vemos manifestações literárias absolutamente tímidas e dúbias

em relação à negritude que só terá uma voz, no século seguinte, com Lima Barreto.

A produção da literatura hoje produzida no Brasil mostra que há espaço para várias manifestações sociais. Há uma literatura que buscar apresentar o negro em sua verdadeira face e expressão. Em recente publicação, um jovem autor ambienta seus contos na comunidade da Rocinha, seus personagens são negros e pobres, representando não apenas uma parcela da população, mas também oferecendo uma visão mais realista e próxima da realidade vivida pelos moradores das favelas. Outra vertente mostra a narrativa homoerótica que, a bem da verdade, não é novidade na literatura brasileira, se considerarmos o primeiro romance gay das Américas, um amor entre marinheiros, um negro e outro branco, ainda no século XIX. O romance se chama *O bom-crioulo*, exemplar da literatura naturalista brasileira, de autoria Adolfo Caminha. Nos anos de 1970, apareceram várias narrativas com a temática homoerótica e, entre seus autores, podemos apontar o hoje autor de teledramaturgia Aguinaldo Silva, que inclusive manteve um jornal com a mesma temática, e outros inúmeros autores, dos quais posso me lembrar de um mais significativo: Caio Fernando Abreu.

É natural que a literatura brasileira expresse a inquietação da sociedade, mostre os conflitos e aprofunde a análise do comportamento de personagens que são marginalizados. Da mesma forma, vê-se o número crescente de autores negros ganhar o espaço da crítica e dos leitores como Conceição Evaristo. E temos fenômenos até mesmo, no meu ponto de vista, altamente minoritários, como por exemplo o romance *A resistência*, de Julian Fucks, filho de exilado político argentino, fugido da mais perversa ditadura da América Latina, com 30 mil mortos, atrás apenas da ditadura de Pinochet.

Muitos anos atrás trabalhei com o escritor Márcio Souza. Ele era presidente da Funarte, órgão do Ministério da Cultura, e eu dirigia a coordenação de Brasília. Descobri que o amazonense Márcio Souza, autor de *Mad Maria*, que virou minissérie da TV Globo, e de *Galvez Imperador do Acre*, era judeu. Numa das nossas conversas, perguntei por que ele não escrevia sobre os judeus na Amazônia, o que traria uma novidade para a literatura brasileira. Ninguém escrevera até então nada de substancial, em termos de ficção, sobre os judeus numa região conhecida nossa tão diferente do que se costuma identificar nos judeus em São Paulo ou no Rio Grande do Sul. Lembrei-lhe que Moacyr Scliar tinha colocado como personagens de sua ficção, conto e romance, judeus e seu mundo místico e mágico. E que a junção do caráter brasileiro com a tradição judaica terá um bom resultado.

Não pareceu ao escritor amazonense que utilizar o judeu na Amazônia fosse uma boa saída ficcional. Um pouco mais tarde, surgiram os romances de Milton Hatoum. Este coloca os árabes, seus ascendentes, na sua ficção. Tem aí, um dado da nossa pós-modernidade: uma minoria étnica em nosso amplo espaço amazônico.

Não insisti mais com Márcio Souza. Primeiro porque cada autor tem sua temática própria, exclusiva. Em segundo lugar, porque penso que os autores não escolhem suas ficções, mas são tomados por elas. Eles não a procuram, mas, ao contrário, são procurados por elas. O mundo mágico da ficção amazônica de Márcio Souza invadiu-o desde sempre e seria difícil eleger uma temática que ele não se sentisse bem para ficcionalizar ou não estivesse motivado para fazer um romance.

Desculpem ser um pouco didático e recordar as características do pós-modernismo. O pós-modernismo, que é o que hoje estamos vivendo, como todo mundo sabe, se caracteriza pela mul-

tiplicidade de temas, da representatividade das várias vozes das minorias e o desaparecimento de um discurso único. O discurso único da modernidade do século XX era principalmente a vanguarda, ou seja, a subversão dos cânones estabelecidos. Então o aparecimento de James Joyce, o surrealismo, o dadaísmo e outros ismos do século passado, tinham esse discurso por excelência.

Com o pós-modernismo, esta atitude de vanguarda desapareceu para dar lugar a um discurso múltiplo. Próprio do pós-modernismo é utilizar, por exemplo, na arquitetura, vários elementos estéticos como curvas barrocas, alinhamentos neoclássicos e por aí vai. Na literatura, a apreensão de vários discursos permitiu a multiplicidade e a diluição da vanguarda.

Durante o século XX, muitos foram os autores que conseguiram alcançar um grande público com experiências formais ousadas. Temos então William Faulkner, nos EUA, na América Latina, Borges e Mario Vargas Llosa, na França, o *nouveau-roman* e Beckett.

Nos anos 70, no Brasil, cito Raduan Nassar com seu *Lavoura Arcaica* e *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão. Livros ousados e difíceis, não fazendo média com o grande consumo e o mercado editorial.

Contudo, penso que a pesquisa estética, a busca de novos caminhos, uma nova linguagem para o romance, não deve ser incompatível com a proposta pós-moderna de acolher as manifestações das minorias ou de grupos marginalizados. A busca pela inovação sempre dominou a literatura. E hoje, que as mídias sociais nos conectaram, que as notícias nos chegam de imediato, a literatura de hoje arrasta o passo. Fatos e notícias de todas as partes do mundo nos chegam *on line* ou são acompanhadas no mesmo instante em que ocorrem. A circulação de novidades surge com uma rapidez impressionante. Então me leva a pensar que, depois as experiências do século XX,

nada mais novo nos ocorreu, nem mesmo propostas inovadoras são lançadas, todos apegados ao mercado. Num mundo de intensas transformações, as artes de uma maneira geral, ou voltam-se para linguagens já utilizadas ou se rendem a uma pasmosa e

Não basta ser audacioso apenas no conteúdo forte e de denúncia. Ou mesmo uma proposta de reconhecimento das desigualdades e particularidades das minorias. É preciso também que essa proposta de conteúdo seja acompanhada por uma forma nova.

É próprio da pós-modernidade o pastiche, a paródia, o uso de elementos conservadores e mesclados, um apaziguamento das vocações transformistas em termos estéticos que dominou a trajetória da arte e literatura. Mas é preciso também provocar esta acomodação da forma com a inquietação da denúncia, da expressão das minorias e da necessidade de apontar a diversidade dos comportamentos dentro de uma sociedade mais plural.

Não falei aqui da poesia que é escrita hoje em dia. Creio que o tema é bastante extenso para que faça parte de um apêndice de um comentário sobre a prosa contemporânea. A poesia, acredito, se apresenta de modo mais complexo, mais intrincado e está há mais tempo apresentando expressões da minoria. A pós-modernidade brasileira na poesia é bem diferente da que ocorreu e ocorre na expressão literária dos romances publicados no Brasil nos últimos tempos. A produção poética brasileira dos últimos anos não é pior nem melhor do que os romances lançados no mesmo espaço de tempo. É apenas de mais difícil localização, análise, devido à sua capilaridade de distribuição, ao seu caráter não comercial e à pluralidade de manifestações.

Mallarmé, Krishna e Arjuna: uma tríade revolucionária

Angélica Torres Lima

Após 122 anos de sua publicação na revista francesa *Cosmopolis* e de uma enormidade de estudos de renomados escritores e de acadêmicos do mundo todo, o poema *Um Lance de Dados* (*Un Coup de Dés*, 1897) continua representando um desafio à compreensão cultural dos tempos modernos, projetado por Stéphane Mallarmé. Da inteligência e habilidade poética ou da megaconsciência simbolista de Mallarmé surgiria no fim do século 19 uma concepção de escrita moderna, mas também uma versão literária das teorias da física e da matemática que, se remetia ao futuro, ao mesmo tempo, calcava-se na sabedoria do antigo Oriente.

Não é mais necessário enfatizar que *Um Lance de Dados* tornou-se um divisor de águas para a literatura contemporânea. A exploração de modelos tipográficos e o desalinhamento das palavras na página, além da fragmentação sintática, as pausas, as elipses, as relações atonais sinalizadas à leitura oral – para resumir o método de composição que o poeta chamou de “subdivisões prismáticas da ideia” –, fundavam artimanhas que provocavam a razão e libertavam o imaginário diante do conteúdo aparentemente obscuro do poema, numa alegoria que faria tombar a comodidade das velhas e estéreis certezas na poética vigente na Europa, bem como a muralha da cultura tecnológica e científica moderna.

Um século depois, veríamos que a poesia metafísica de Mallarmé renunciava não só a modernização da plataforma guttemberguiana, que se desdobrou, aos últimos suspiros, até os anos 1970, como também vaticinava a passagem desta,

nas décadas seguintes, para a virtual, que iria se consolidar e se estender no mundo rumo ao novo milênio, quando a web levou a leitura a perder o eixo tradicional de referência da esquerda para a direita e de cima para baixo, permitindo ao olhar uma livre, abrangente, urgente, quase simultânea apreensão das informações na página.

Na verdade, o voo que levou o poeta a cruzar tão longa distância no tempo – em se tratando da forma que caracteriza a revolucionária feição de *Um Lance de Dados* – ganhou também impulsos e contornos conceituais da fonte milenar da literatura hindu por ele sorvida. São conhecidos o seu contato e a inserção nesse universo via *Contos e Lendas da Índia Antiga*, que, oriundos de diferentes textos tradicionais, foram traduzidos e publicados, respectivamente, pelo primeiro tibetanólogo europeu e sua esposa Mary Summer, entre 1862 e 1878.

Por encomenda de sua amiga de vida toda, a atriz Méry Laurent, o poeta aceita, em 1893, a tarefa de refazer a estrutura narrativa de quatro dos onze textos daquela coletânea e o livro vem a lume sob o título de *Contes Indiens*. Aliás, as traduções de textos literários do Oriente surgem na Europa a partir do século 18 e já no início do século 19 aparecem traduzidos, em alemão, francês e inglês, partes dos *Upanishads* (o *Vedanta*, o final dos *Vedas*, o mais antigo texto da filosofia do hinduísmo) e do *Mahabharata*, a epopeia de onde foi extraído *Nala e Damayanti*, um dos contos retrabalhados por Mallarmé.

Esse conto parece ter chamado especial atenção do poeta, uma vez que o jogo de dados, elemento central da trama de *Um lance de dados*, sobressai-se no enredo, arrastando o personagem Nala, vítima do vício do jogo, a grandes dificuldades existenciais e perdas materiais. Mas não parece haver registro do que mais Mallarmé possa ter conhecido do *Mahabharata*, um dos mais importantes textos sagrados da Índia, constituí-

do de mais de setenta mil versos em sânscrito; no entanto, a concepção da estrutura cenográfica transcendental de seu poema encontra afinidades com a de outro, também oriundo do mesmo épico clássico: o *Bhagavad-Gita*.

O Canto do Senhor no lance dos dados

O poema místico-filosófico *Bhagavad-Gita* (*O Canto do Senhor*), escrito por diversos autores hindus no século 4 a.C., gira em torno da batalha ocorrida entre dois clãs. Krishna, a suprema divindade, buscou reconciliar os dois partidos, rompidos na disputa ao trono do rei, que o legou ao sobrinho primogênito e não ao filho de caráter duvidoso.

Ardis, traições e tentativas de assassinato levaram Krishna a arbitrar uma escolha aos dois clãs. Ao ver todo o seu exército perfilado junto ao filho do rei, a divindade decide apoiar o campo adversário, inteiramente entregue à sorte de Arjuna, seu primo e amigo. Krishna assume o posto, embora não de guerreiro, mas de condutor do carro de Arjuna. E, assim, os dois exércitos se reúnem para dar início ao combate.

Obra que não se restringe à religiosidade da cultura hindu, atinente ao patrimônio da humanidade por lidar com aspectos universais do ser humano, o *Bhagavad-Gita* contém os ensinamentos de ascensão da consciência humana à superior, dados por Krishna a Arjuna antes de o combate se iniciar. O cenário histórico dessa batalha é a metáfora que ilustra a luta incorpórea, psicológica, da mente iludida pelo ego a engolfar o indivíduo em um turbilhão de aflições.

Travado com o espírito, simboliza o duelo entre o bem e o mal, o ego e o “Eu superior”, a insistência do controle existencial pela mente e a sabedoria da entrega por meio da abstração meditativa ou do esvaziamento da consciência –

duelo esse que ocorre na recorrente luta interna do ser humano, ora levando-o às trevas, ora o elevando à luz.

Na trama do poema de Mallarmé, um navegante solitário, ou um ancião, um mestre, encontra-se em uma nau lançado em alto e revolto mar. No prefácio, Mallarmé se explica ao leitor: “Pegue um Mestre, coloque-o em um navio que está naufragando e imagine o lance de dados. Ele está nas mãos do destino. É o último desafio que lança ao céu. Mas será ele mais forte do que o acaso?”

Nas duas obras, aliás, vislumbra-se ainda uma cenoplastia alegórica de cerne filosófico identitário, também, em relação a jogos lúdicos e universais. Assim, os dados lançados pelo navegante de Mallarmé, como se em leitura sibilina dos tradicionais oráculos, consultados na antiguidade por Ulisses e outros reis, guerreiros, súditos em geral, encontra ressonância no jogo de xadrez, em relação às escrituras do *Bhagavad-Gita*.

Originário da Índia, onde é chamado *chaturanga*, o xadrez vem a ser um passatempo iniciático, à imagem dessa obra clássica que registra a experiência dos grandes gurus yoguis transmitida oralmente ao discípulo. Graficamente, com suas peças pretas e brancas, o xadrez representa o Campo de Kurukshetra, onde foi travado o combate dos dois clãs e onde o peão, exposto a árduas ofensivas e batalhas, avança gradualmente por transformar-se numa peça de valor superior, granjeando a oitava casa. Na obra de Mallarmé, não por acaso os dados lançados e o número derivado da partida são também a chave para a elucidação da trama, e condizentes tanto ao conteúdo quanto ao que o poeta buscava em relação a uma nova forma de arquitetura para a poesia.

Com a expressão metafísica, herméutica e rica em possibilidades interpretativas de

Um Lance de Dados, Mallarmé investiu-se contra a crise pela qual passava o conceito de literatura na Europa industrial do século 19. Considerada extremamente difícil, sua poesia provocaria a tal ponto a sociedade literária de então, que, Marcel Proust, em 1896, publicaria o manifesto *Contra a Obscuridade*, dirigido a ele e seus adeptos e ao qual o poeta desprezaria com a antológica frase: “Há contemporâneos que não sabem ler”.

Mas, se marco que renunciaria a virada da produção poética do século XX, raia que viria a ensinar uma nova e ampla fonte de inspiração e invenções, como poderia o rigoroso trabalho mallarmaico, o apuro de concisão, a liga súbita e exótica dos vocábulos, a visão do universo e do tempo como tecidos de uma nova linguagem, a constelação de toda essa polifonia ecoando naquela ópera cosmogônica serem imediatamente decifrados e assimilados pelos de sua geração? De modo que não se configura de menor importância o esforço em compreender a mensagem do poema como refúgio filosófico de uma consciência humana de mundo em ascese, enfeixado na relação forma e linguagem do projeto de renovação teórico-construtivo por ele proposto.

Aqui, nesta leitura, o poema se permitirá, então, ser apreendido com sua base filosófica posta em paralelo ao poema dos ensinamentos de Krishna (o Mestre, o Eu superior de *Bhagavad-Gita*) transmitidos a Arjuna (o ego, o ancião navegante de *Um Lance de Dados*) – sendo ambos, nos dois poemas, um só ser descaído em dualidade –, clarificando o enigma sobre o qual parece se apoiar Mallarmé. Afinal, não se pode excluir do pensamento do poeta o valor da dimensão espiritual contido no substrato de toda a sua escritura.

O acaso no Gita

Assim como o guerreiro Arjuna, aflito com o acaso que o destino lhe brindara, recebe as muitas lições de Krishna em um tempo compacto antes do início do combate, o conflito do ancião vivido ao longo de *Um Lance de Dados* também se lhe assemelha a uma arrastada agonia, embora não dure longo momento – o tratamento gráfico vanguardista do poema, aliás, acentua a noção desses dois tempos.

A impermanência das emoções, na obra de Mallarmé, jaz no sobe e desce das ondas marinhas e a metáfora nas duas obras se estabelece nesse jogo, em que o navegante/ego reluta em se tornar uno com o Mestre/Eu superior, bem como Arjuna em relação às repetições de Krishna sobre o ponto central da doutrina: à sua volta giram 18 escolas de Yoga, com seus métodos e propósitos que visam, por meio do religare, levar o discípulo a atingir o Nirvana (a completa absorção do Eu, ou espírito individual no espírito universal, de que é uma parte).

É preciso ressaltar não haver fronteiras entre essa concepção e a de outras escolas orientais de sabedoria transcendente. No Taoísmo – a prática do wu-wei, método da filosofia chinesa de Lao Tsé que consiste na ação sem atividade e no silêncio-sonoro, que são o agir e o falar da própria Divindade –, observa-se a afinidade com a estética ocultista do Bhagavad-Gita. Também no Budismo, o legado da arte do desapego material busca levar o iniciado ao despertar para o espírito universal.

No Cristianismo não menos, embora Cristo e também Buda cumpram seu destino no papel de avatares – seres em que o ego está imerso no Eu Superior: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há *muitas moradas (...)*. Vou pre-

parar-vos lugar. E vós sabeis para onde vou e conheceis o caminho. Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; como podemos saber o caminho? Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim. (João, 14:1-7).

Já Mahatma Gandhi sofreu influência direta do poema Bhagavad Gita. Ao primeiro contato com a obra, em 1888, identificou de pronto a doutrina sobre os conflitos existentes no coração humano e procurou adaptá-la à sua norma de conduta, contida nos cânones e princípios da não-violência. Às modificações que imprimiu na tradução para o gujatarí, sua língua materna, Gandhi justificou-se: “Como o homem, o significado das grandes obras se transforma. Ao examinar a história da linguagem, vemos que o significado das palavras essenciais mudou e se expandiu. Isto sucede com o Gita”. Algo similar parece ter se dado com Mallarmé na construção criptográfica de seu Um Lance de Dados.

De início, lê-se no poema:

“JAMAIS mesmo quando lançado em circunstâncias eternas do fundo de um naufrágio SEJA que o Abismo branco estanco iroso sob uma inclinação plane desesperadamente de asa a sua de antemão retombada do mal de alçar o voo e cobrindo os escarcéus cortando cerce os saltos (...)” e encontramos nele um eco da voz de Krishna, no verso 67 do Canto II - Sâmkhya-Yoga (um dos seis sistemas filosóficos da Índia, de esquema eminentemente dualista, no qual se apoia o *Bhagavad-Gita*): *“Aquele cujo espírito se abandona aos sentidos errantes tem em breve seu conhecimento arrebatado, como o navio arrastado pelo furacão sobre o oceano enraivecido”*.

Mallarmé invoca (...) *“O MESTRE fora de antigos cálculos onde a manobra com a idade olvidada exsurto inferindo outrora ele empunhara o leme dessa conflagração a seus pés do horizonte unânime que se prepara se agita e mescla no punho que o estreitava como se ameaça um destino e os ventos o único Número que não pode ser um outro Espírito para o arrojar na tempestade repregar-lhe a divisão e passar altivo” (...).*

A estes versos mallarmaicos, em correspondência fala Arjuna no Canto III – Yoga da Ação / Karma-Yoga, verso 2: *“Com tua linguagem ambígua confundes meu entendimento. Assim, pois, indica-me com clareza o caminho mais seguro por onde eu possa alcançar a bem-aventurança”*, seguindo-se, abaixo, três versos que resumem, ainda deste Canto, a voz de Krishna, como espelho da presença do Mestre em Mallarmé.

Verso 27: *“Todas as ações são efetuadas pelas qualidades da natureza, no entanto, aquele cujo entendimento se encontra ofuscado pelo egoísmo, ao executar uma ação, pensa: ‘Eu sou o autor’”*. Verso 30: *“Entregando-se todas as tuas obras, com o pensamento fixo no espírito supremo, lança-te à batalha sem que em teu coração se aninhem o egoísmo, a esperança e a inquietação”*; verso 42: *“Dizem que os sentidos são poderosos, mas mais poderoso é o pensamento, superior ao pensamento é a inteligência e ainda superior à inteligência é Ele”* (o Eu superior, ou espírito, o Tudo e o Nada e, no caso, o número 1 em maya, a natureza transitória, ilusória, de onde partem todos os demais, da escala positiva e negativa, ao infinito).

Do horizonte unânime e transcendente nas duas obras

Ambos os poemas seguem se elevando paralelamente, até o desenlace da visão do universo como linguagem. Em Mallarmé, o ego permane-

ce se debatendo, hesitando – (...) *“cadáver pelo braço apartado do segredo que guarda antes de jogar maníaco encanecido a partida em nome das ondas uma invade a cabeça escoa barba submissa naufrágio esse direto do homem sem nau não importa onde vã”* (...).

E no *Bhagavad-Gita*, Krishna, o Eu, insiste na doutrina do asceta, como que dialogando com o poeta dos dados, no *Canto IV, Yoga do Conhecimento/ Jnâna-Yoga*, verso 34: *“Aprende a buscar esse conhecimento prostrando-se aos pés dos sábios, interrogando-os e servindo-os; e os sábios, os que veem a verdade, irão iniciar-te na sabedoria”*; e o verso 36: *“Ainda que fosses o maior dos pecadores, cruzarias a salvo o oceano dos pecados na barca do conhecimento espiritual”*.

Adiante, o navegante, sua “inútil testa” (a mente) ancestralmente renitente *“em não abrir a mão crispada (...) legado na desapareição a alguém ambíguo o ulterior demônio imemorial tendo de regiões nenhuma induzido o velho versus esta conjugação suprema com a probabilidade (...) de um embate as águas pelo ancião tentando ou o ancião contra as águas uma chance ociosa Núpcias cujo véu de ilusão ressurto ânsia instante como o fantasma de um gesto vacilará se abaterá insânia JAMAIS ABOLIRÁ”* (...).

Krishna tange então a lição sobre o “ambíguo ulterior demônio imemorial” e sobre a referência a “Núpcias”, ainda no *Canto IV, Yoga do Conhecimento*. Fala Krishna, no verso 5: *“Eu passei como tu, Arjuna, por numerosos nascimentos. Lembro-me bem de todos eles, mas tu não te recordas dos teus (...)”* e complementa no *Canto VI – Yoga do Domínio de Si Mesmo, Atma-Samyama-Yoga*, verso 5: *“Procure o homem elevar o eu através do Eu, não permitindo que este afunde. Porque na verdade o Eu é amigo do eu, que mesmo assim é seu inimigo”* e, ainda, no verso 6: *“O eu é um amigo para o homem cujo eu foi con-*

quistado pelo Eu; mas para aquele que não está de posse do seu eu, o eu é como um inimigo”.

O “ulterior demônio imemorial” reflete-se no arquétipo do diabo, aquele que causa a divisão entre o ego e o Eu, e que “de regiões nenhuma” induz “o velho versus a conjugação suprema com a probabilidade (...) NÚPCIAS (...)”. E em meio ao frêmito dessa contenda junto ao vórtice ou abismo aberto entre mar e céu profundos, o poeta entregue à plasticidade de sua cosmogonia, sem nenhuma pontuação como prancha ou tábua de salvação a auxiliar quem com ele se aventure na voragem daquele mergulho mental, emocional, espiritual, então, em torno insinua-se o esvoaçar de uma “pluma solitária perdida”:

(...) “simples ao silêncio enrolada em ironia ou o mistério precipitado uivado nalgum próximo turbilhão de hilaridade e horror (...) salvo que a encontre ou eflore um gorro de meia-noite e imobilize no veludo enrugado por uma gargalhada sombria esta brancura rígida derrisória em oposição ao céu (...) SE O lúcido e senhorial penacho de vertigem à frente invisível cintila então sombreia uma estatura frágil tenebrosa ereta em sua torsão de sereia o tempo de esbofetear com impacientes camadas últimas bifurcadas uma rocha solar falso de súbito evaporado em brumas que chantava um marco no infinito”(...).

A pluma contraposta ao céu que o velho delirando vislumbra evoca-lhe um sorriso de escárnio, anulando o seu esforço mental ascendente, “em oposição ao céu”, sombreando “o tempo de esbofetear uma rocha solar falso de súbito evaporado em brumas que chantava um marco no infinito (...)”: Mallarmé (*kavi*, literalmente poeta em sânscrito e por extensão, sábio, onisciente) canta, aqui, sua percepção do ego que, vencido pelo Mestre e “evaporado em brumas”, dá lugar à projeção de “um marco no infinito”: o Eu universal.

As palavras de Krishna, no verso 9 do *Canto VIII/ Yoga da Divindade Suprema e Imperecível/Akshara-Parabrahma-Yoga*, reverberam-se nas de Mallarmé: “O Eu supremo é o onisciente, o eterno, o governador soberano, mais sutil que o sutil sustém o universo. Sua forma é inconcebível, é fulgurante como o sol que brilha sobre as trevas”.

“Supõe-se que o espírito individual penetra no corpo por uma sutura conhecida como *Bhrama-randhara*, situada no meio da testa, e que por ela sai para unir-se de novo a Bhrama”, ensinava José Roviralda Borrel (1856-1926), teósofo, filólogo e tradutor de *Fausto* para o espanhol e do *Bhagavad-Gita*.

O êxito estelar

Já a caminho do final, o poeta dos dados contrapõe a dualidade em termos de valores, divaga sobre o número obtido na partida do jogo (o 1: uno: resultado da união do ego com o Eu) e enuncia uma imagética estelar a lançar luz sobre o acaso: (...) “FOSSE êxito estelar SERIA pior não mais nem menos indiferentemente mas tanto quanto O NÚMERO EXISTIRIA diverso da alucinação esparsa da agonia COMEÇARIA E CESSARIA surdindo assim negado e ocluso quando aparentemente enfim por alguma profusão expandida em raridade CIFRAR-SE-IA evidência da soma por pouco **una** ILUMINARIA O ACASO” (...).

O estado meditativo, atingido pelo ancião na imagem da queda da pluma, após o delírio nas águas profundas de seu inconsciente, o leva a divisar o cimo e o abismo como planos análogos, se vistos a partir do nulo esforço humano (do ego), à luz de *maya*. E o poeta considera em seu “EXCETO TALVEZ” o além, que seu brilhantismo, limitado porém pela finitude humana, alcança até o Setentrião, a constelação da Ursa Menor, no Polo Norte.

O cálculo do número cifrado, resultado do lance de dados – o número 1 –, leva o Mestre à ascensão, tornando-se Espírito, divino, sagrado “em algum ponto último”, – assim como levou o poeta Stéphane Mallarmé, em diálogo com as potências criadoras da linguagem, a entreabrir “as portas de uma nova realidade poética”, como registrou o poeta e primeiro tradutor da obra no Brasil, Haroldo de Campos.



“(...) Cai a pluma rítmico suspense do sinistro sepultar-se nas espumas primordiais de onde há pouco sobressaltara seu delírio a um cimo fenelecido pela neutralidade idêntica do abismo NADA da memorável crise ou se houvesse o evento cumprido em vista de todo resultado nulo humano TERÁ TIDO LUGAR uma elevação ordinária verte a ausência SENÃO O LUGAR inferior marulho qualquer como para dispersar o ato vazio abruptamente que senão por sua mentira teria fundado a perdição nessas paragens do vago onde toda realidade se dissolve EXCETO à altitude TALVEZ tão longe que um local se funde com o além afora o interesse quanto a ele assinalado em geral segundo tal obliquidade por tal declive de fogos versus deve ser o Setentrião também Norte UMA CONSTELAÇÃO fria de olvido e dessuetude não tanto que não enumere sobre alguma superfície vacante e superior o choque sucessivo sideralmente de um cálculo total em formação vigiando duvidando rolando brilhando e meditando antes de se deter em algum ponto último que o sagre Todo Pensamento emite um Lance de Dados”.

Consonante ao final apoteótico de *Um Lance de Dados*, no *Canto XI, Yoga da Visão da Forma Universal/Vizvarûpa-Darzana-Yoga*, O *Canto do Senhor* apresenta Arjuna já desperto, com um olho divino dado por Krishna, a fim de poder

contemplá-lo. Verso 17: “*Vejo-te com a fronte cingida pela tiara e armado com a maca e o disco (insígnias de Vishnu), mas mal posso distinguir-Te, pois és por toda parte ao meu redor uma massa luminosa de energia, imensurável, resplandecente como o fogo e como o sol*”. Verso 18: “*Tu és o imortal e o mais sublime de todos os seres que se possa conceber, sustentáculo e morada do universo; pere-ne guardião da lei eterna e causa perpétua de tudo o que existe*” (...).

Obras atemporais

Bhagava-Gita e *Um Lance de Dados* são presentes dados ao relicário do inconsciente coletivo da humanidade. Encerro com a frase de Mallarmé, registrada no prefácio à primeira versão de *Un Coup de Dés*, na revista *Cosmópolis*, em 1897, com que o poeta nos assegura da ciência de ter alcançado, de fato, uma excelsa altitude, esta, que o sagrou perante a literatura do mundo: “Sem presumir do futuro o que sairá daqui, nada ou quase uma arte”.

BIBLIOGRAFIA

BORREL, Roviralta. *Bhagavad-Gîtâ*. SP: Editora Três, 1973.

MALLARMÉ, Stéphane. *Contos Indianos*, trad. Dorothée de Buchard. SP: Hedra, 2006.

CAMPOS, Augusto de. Pignatari, Décio. Campos, Haroldo de. “Um Lance de Dados Jamais Abolirá o Acaso”. In: *Mallarmé*, trad. Haroldo de Campos. 5ª Ed. SP: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

TSE, Lao. *Tao Tê King*, trad. Humberto Rohden. 6ª Ed. RJ: Alvorada, 1987.

UMA CARTA FAKE DE MACHADO DE ASSIS

Edmílson Caminha

Nestes tempos em que virou moda o *fake*, de vídeos encontrados no YouTube às notícias que não deixam em paz Donald Trump, revelo que sou dono de uma carta falsamente atribuída a Machado de Assis. Tenho-a desde 1999, quando o poeta cearense Francisco Carvalho (1927-2013) lançou *Olhos de ressaca*, edição fora de comércio, pequena e elegante, com os dez magníficos sonetos que compusera em resposta à provocação de Bentinho, no capítulo LV do *Dom Casmurro*. Ao seminarista adolescente, ocorrera o primeiro verso de um soneto: “Oh! flor do céu! oh! flor cândida e pura!”, a que logo sobreviera o derradeiro – “Perde-se a vida, ganha-se a batalha!” – com a variante de sentido oposto, “Ganha-se a vida, perde-se a batalha!”

Gostei tanto dos poemas de Francisco Carvalho que imaginei a alegria e a emoção com que os leria o criador de Capitu. Usei, até, escrever ao contrerrâneo uma cartinha à *la manière de* Machado, com que o autor de *Dom Casmurro* acusaria o recebimento dos *Olhos de ressaca*. Mande-i-a, com pedidos de desculpas pelo atrevimento aos dois, ao poeta e ao romancista. Na escuridão da campa, o Bruxo deve ter esboçado um sorrisinho irônico, resposta que mereço pelo despropósito da petulância... Eis a carta, vinda a público pelas mãos do falsário que a engendrou:

Rio de Janeiro, 18 de maio de 1902

Prezado Senhor Francisco Carvalho:

Fosse eu o filósofo de que tantos me acusam, diria que até as macacoas têm o seu encanto. Como esta gripe importuna, a que a irreverência carioca já nomeou de “Tiazinha”... Não fosse por ela, só à boca da noite abriria o envelope que me chegara de Fortaleza, por entre convites do Instituto Histórico, correspondências do Ministério e uma comunicação impertinente do meu senhorio. De todo, não exagero em dizer que o mais prazeroso me veio do Ceará, com os belos sonetos enfeixados sob o título *Olhos de ressaca*. Quer dizer que o poeta me pegou na palavra, tomando como se não fossem brincadeira os versos de que falo em *Dom Casmurro*...? Consola-me, doravante, uma certeza: se a história de Bentinho não for lá grande coisa, ao menos terá proporcionado à literatura brasileira os primorosos versos que me lisonjeiam e me emocionam.

Recebo-os de Fortaleza, o que me alegra mas não surpreende, pois não foi de lá que surgiu *A metáfora do mar no Dom Casmurro*? Bela surpresa me fez o professor Linhares Filho, a mim, que me julgava o único vivente a saber que as águas em que se afoga o nadador da manhã são mesmo o abismo fundo de Capitu, o vórtice feminino em que todos nos matamos para da morte renascer... Não admira, assim, que do Ceará me venham às mãos os sonetos que tanto me comovem; do berço de Alencar, o fraterno amigo que dissimulou, na prosa de *Iracema*, alguns dos mais sublimes versos de que se pode orgulhar a nossa literatura; da terra que deu à luz a “Padaria Espiritual”, essa invenção deliciosa dos “padeiros”, cuja vocação para a pândega só não é maior do que o admirável talento que os faz credores do nosso aplauso e da nossa admiração. Natural, pois, que os seus *Olhos de ressaca* me alcancem de Fortaleza, essa “grande flor atlântica, plantada mais em nós do

que no chão”, segundo o achado belíssimo do poeta Artur Eduardo Benevides.

Se não tenho o prazer de conhecer Francisco Carvalho ao menos de chapéu, conheço-o já de nome, pois (somente agora o revelo) fui um dos privilegiados eleitores do *Quadrante solar*, membro do júri que tão justamente lhe destinou o grande prêmio de poesia da Bienal Bromil de Literatura. Ainda ontem, falava-me da sua brilhante carreira literária o jovem Sânzio de Azevedo, quando comigo esteve aqui no Cosme Velho: disse-me do *Memorial de Orfeu*, da *Pastoral dos dias maduros*, d’*As verdes léguas*, d’*As visões do corpo* e de toda a grande obra com que o prezado amigo ilustra a poesia cearense e enriquece a literatura brasileira.

Quando teremos a satisfação de recebê-lo no Rio? Considere-se intimado, desde agora, a partilhar conosco o chá da Academia, cujos biscoitos, segundo as más línguas, aproveitam mais do que a obra de alguns acadêmicos... Sedentário por comodismo e por gosto, dificilmente irei a Fortaleza, em atenção do seu amável convite. Dependesse de Carola, tomaríamos um pacote e mês que vem arribaríamos aí, para saborear a deliciosa cajuína com que tão gentilmente nos presenteou o ilustre Rodolpho Theophilo.

Que mais para dizer? Que lhe sou eternamente grato pelos irrepreensíveis *Olhos de ressaca*, com que já me compensou de haver escrito o *Dom Casmurro*. Nunca me interessou a glória da posteridade, mesmo porque, como percebeu o jornalista Otto Lara Resende, ao tempo dela todos estaremos mortos... Daqui a cem anos, poucos se lembrarão de um certo Machado de Assis, e menos ainda de que escreveu a história dos amores e desamores de uma tal Capitu. Não faz muito, recebi de Manuel Bandeira, pernambucano que me chamou a atenção, meia dúzia de poemas em que brilha feito diamante

um verso perfeito: “A vida é vã como a sombra que passa...” E a obra também, acrescento eu. Obrigado, ainda uma vez, pelos impecáveis sonetos que lhe possa ter inspirado nossa trêfega Capitolina. Se não representar incômodo, rogo-lhe o obséquio de transmitir meu abraço ao contista Moreira Campos (a quem devo a honrosa homenagem de se admitir “machadiano”) e ao nosso Rei Artur, como permite que o chame na intimidade o mui merecidamente eleito Príncipe dos Poetas Cearenses.

Do amigo penhorado e leitor atento,

Machado de Assis

Podem acusar-me de falsificador, mas de exagerado não! Os sonetos de Francisco Carvalho são mesmo antológicos, a exemplo do que se intitula

FLOR DA TERRA

*Oh! flor do céu! oh! flor cândida e pura!
Eu quero a flor da terra e não dos astros.
Ver-te a nudez abaixo da cintura,
sentir o odor de relva dos teus rastros.*

*Quero inundar-te com meu vinho branco,
morder teus seios, devassar as coxas.
Plantar uma touceira de agapanto
no teu jardim de digitális roxas.*

*Bebe-se o amor numa ânfora de limo.
Chegada a primavera dos gametas,
meu cio de centauro te estraçalha.*

*Já treme a luz em seu dourado cimo.
Lençóis e aromas sangram nas gavetas.
Ganha-se a vida, perde-se a batalha.*

POESIA
NORTE-AMERICANA
CONTEMPORÂNEA

Por
Alberto Bresciani
(Seleção e tradução)



Robert White Creeley nasceu em 21 de maio de 1926, em Arlington, Estados Unidos, e faleceu em 30 de março de 2005, aos 78 anos, em Odessa, também nos Estados Unidos. Professor universitário, é considerado um dos maiores poetas norte-americanos. Sua poética foi de grande influência para os movimentos a ele contemporâneos e posteriores, inclusive para a Geração *Beat*. Creeley destaca, em sua poesia, os ritmos e, ao mesmo tempo, servindo-se de poemas minimalistas, recria o cotidiano. Recebeu diversos prêmios em vida.

FIM

Fim da página,
fim desta

companhia – minúsculo
caderno que manteve

minha mente sob controle,
deixe o mundo

aberto para mim
dia após dia,

palavras para dizer,
coisas por ser.

END

*End of page,
end of this*

*company – wee
notebook kept*

*my mind in hand,
let the world stay*

*open to me
day after day,*

*words to say,
things to be.*

A CONSPIRAÇÃO

Você me manda seus poemas,
eu lhe mandarei os meus.

Coisas tendem a despertar
mesmo por comunicação aleatória.

Subitamente vamos
proclamar a primavera. E zombaremos

dos outros,
de todos os outros.

Eu também lhe mandarei uma fotografia
se você me mandar a sua.

THE CONSPIRACY

*You send me your poems,
I'll send you mine.*

*Things tend to awaken
even through random communication.*

*Let us suddenly
proclaim spring. And jeer*

*at the others,
all the others.*

*I will send a picture too
if you will send me one of you.*

MEIA-NOITE

Quando a chuva para
e o gato desce
da árvore
para ir

embora, quando a chuva para,
quando os outros vêm para casa, quando
o telefone para,
o gotejar da água, a

possibilidade de um telefonema
em qualquer tarde de domingo.

MIDNIGHT

*When the rain stops
and the cat drops
out of the tree
to walk*

*away, when the rain stops,
when the others come home, when
the phone stops,
the drip of water, the*

*potential of a caller
any Sunday afternoon.*

O HOMEM FELIZ

Quem o amaria
se você não tivesse um metro

e oitenta, um rosto corado, um
rosto sorridente. Você

andaria a noite toda, toda
a noite, e ninguém, ninguém

olharia para você.

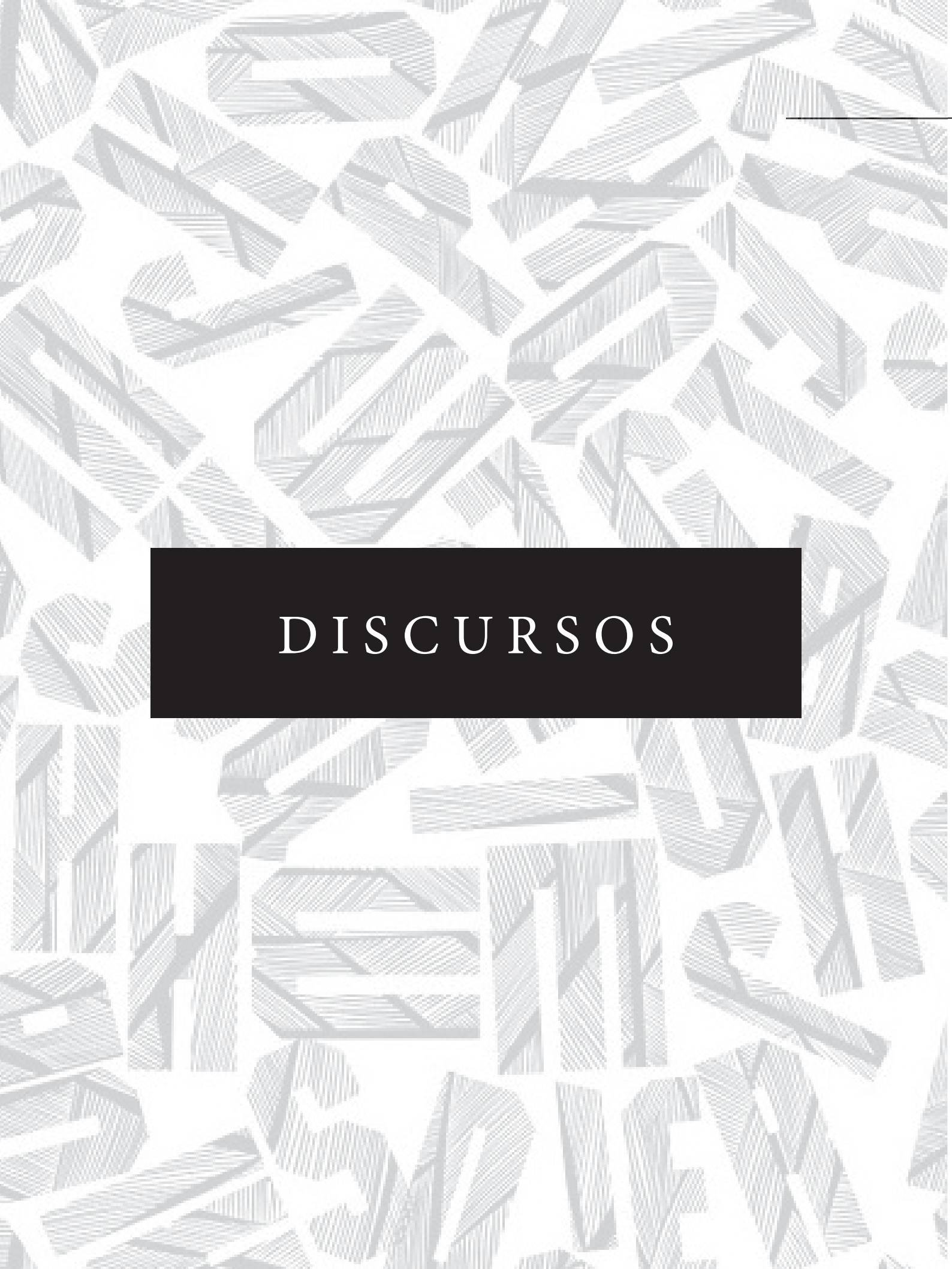
THE HAPPY MAN

*Who would love you
if you were not six*

*feet tall, a ruddy face, a
smiling face. You*

*would walk all night, all
night, and no one, no one*

would look at you.

The background of the entire page is a complex, abstract pattern. It consists of numerous overlapping, three-dimensional geometric shapes, primarily rectangular prisms or cubes, rendered in a light gray color. These shapes are oriented in various directions, creating a sense of depth and movement. Overlaid on these shapes are patterns of fine, parallel lines, some of which are arranged in a halftone or dot grid pattern, adding to the visual complexity. The overall effect is a dense, textured, and modern aesthetic.

DISCURSOS

POSSE DE EDMÍLSON CAMINHA

Senhor Presidente da Academia Brasileira de Letras,
Carlos Fernando Mathias de Souza;
Senhora Presidente da Associação Nacional de Escritores,
Kory Bolívia;
Senhoras e Senhores titulares da Academia Brasileira de Letras,
a quem saúdo na pessoa do acadêmico que me receberá,
Fabio de Sousa Coutinho;
Senhora Verônica Lustosa e filhos,
Raquel, Sara e Carlos Eduardo, com os respectivos cônjuges,
que tornam viva em nosso coração a presença do grande homenageado desta noite,
Lustosa da Costa;
Ana Maria, minha mulher, por cujo amor desejaria fosse verdadeira
a ilusória imortalidade acadêmica;
Minhas filhas – Mariana, Ana Carolina e Maria Eugênia –,
as obras de que me orgulho, como coautor;
Minha mãe querida, Dona Mosinha, e meu irmão Luiz Cláudio,
que aqui representam os que não podem estar conosco;
Meus amigos e colegas, alguns chegados de longe,
presenças que recebo como honrosa homenagem:

A honra que tenho, ao assumir a Cadeira número 24 da Academia Brasileira de Letras, não é maior do que a tristeza com que o faço, como sucessor do meu conterrâneo, meu amigo e meu colega Lustosa da Costa.

Candidatei-me com a intenção assumida de que o Ceará (berço, também, do historiador Adirson Vasconcelos, titular insigne da Cadeira 12) não perdesse um dos assentos que ocupa nesta Casa, em memória de um jornalista e escritor que engrandeceu a imprensa brasileira e se distinguiu nas letras cearenses.

A tamanha responsabilidade, some-se a de não desmerecer um patrono ilustre como o crítico literário, historiador, jornalista e educador José Veríssimo. Paraense de Óbidos, onde nasceu em 1857, aos 20 anos começa a publicar, na imprensa de Belém, artigos literários, estudos sociológicos e ensaios de economia sobre a Amazônia, com saber a que se compara o de Euclides de Cunha e de poucos mais, entre os grandes conhecedores da floresta que vale por um mundo. Não por acaso, Veríssimo vai a Paris em 1889, para apresentar, no X Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, um trabalho sobre o homem de Marajó e a antiga civilização amazônica. Ainda naquele ano, publica a primeira série dos *Estudos brasileiros*, a que se juntará a segunda, cinco anos mais tarde.

Em 1891, transfere-se da provinciana Belém para o Rio de Janeiro, e logo aceita dirigir o externato do Ginásio Nacional, depois Colégio Pedro II. Na capital da recém-proclamada República, vê efetivar-se o destino que o consagrava ao pensamento, ao estudo e à produção literária, com o que se tornará um dos mais importantes críticos da literatura brasileira no último decênio do século XIX e nos primeiros do século XX, laudado por Sílvio Romero e pelo cearense Araripe Jr.

Entre 1901 e 1907, José Veríssimo lança as seis séries dos seus *Estudos de literatura brasileira*, que esperaram mais de 70 anos para voltar às livrarias, enfim coeditadas, de 1976 a 1979, pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, e pela Editora da Universidade de São Paulo. Aos seis volumes

originais, acrescentou-se um sétimo que faz ainda mais rica a nova edição, com os “Últimos estudos de literatura brasileira”, publicados em jornais e revistas e alguns inéditos, organizados pelo autor para publicação *post mortem*, como deixara estabelecido.

Na substanciosa introdução com que abre a primeira série dos *Estudos de literatura brasileira*, o professor João Alexandre Barbosa adverte para as arriscadas pontas de uma leitura apenas histórica: que não se apliquem aos velhos textos “as rotulações metodológicas que a evolução do pensamento crítico foi estabelecendo”, tampouco os leiamos de maneira “simplesmente arqueológica, aderente ao discurso do passado”. Isto é: compreenda-se José Veríssimo diacronicamente, com olhos, valores e interesses atuais, sem, no entanto, ignorar a época, os meios de publicação (jornais e revistas), o método crítico com que trabalhava e os leitores para quem escrevia. As outras seis séries desses *Estudos* têm esclarecedoras apresentações de Vivaldi Moreira, Oscar Mendes, Letícia Malard, João Etienne Filho, Melânia Silva de Aguiar e Luiz Carlos Alves.

Ronald de Carvalho destacou a “honestidade escrupulosa” de José Veríssimo, incapaz de louvações gratuitas e de conceitos falsos. Para ele não havia o homem, o amigo, o colega, mas somente o escritor, a despeito do prestígio social ou da fama literária. Era “incorruptível”, como o enaltece Wilson Martins na sua *História da inteligência brasileira*. Conta Brito Broca que o paraense desancou sem dó um romance de Goulart de Andrade, companheiro de jornal, “embora assim o fizesse depois de consultá-lo sobre o que preferia: a crítica desfavorável ou o silêncio”. E observa, espirituoso, que o nome “Zé Veríssimo” transformava-se para muitos no trocadilho “Se-veríssimo”... A oposição, entretanto, mantinha-se sob ataque: não fosse bastante a desavença com Laudelino Freire, Sílvio Romero o afrontava com

insultos como “escrevinhador de décima ordem”, “criticastro das tartarugas” e “tucano empalhado da crítica brasileira”, alusões zoológicas à naturalidade amazônica do desafeto.

De 1895 a 1899, José Veríssimo responderá pela direção e pela editoração da terceira fase da importante *Revista Brasileira*, correspondente a 19 números que, como bem notou Wilson Martins, eram um ponto de encontro em que os colaboradores podiam dialogar, não *apesar*, mas *por causa* das divergências que havia entre eles. Em dezembro de 1896, a sala de redação do periódico, na carioca Travessa do Ouvidor, acolheu os convidados para o primeiro encontro preparatório da criação da Academia Brasileira, que se daria no ano seguinte. Entre os sócios fundadores, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Joaquim Nabuco e Machado de Assis, o primeiro presidente, que acabaria por, de maneira simbólica, dar nome à Casa. Das 40 cadeiras, coube a de número 18 ao nosso homenageado, que não sem razão escolheu por patrono alguém que, como ele, fora jornalista, crítico literário e historiador, o maranhense João Francisco Lisboa. Empossaram-se sucessivamente na Cadeira o Barão Homem de Melo, Alberto Faria, Luís Carlos Monteiro de Barros, Pereira da Silva, Peregrino Júnior e Arnaldo Niskier, o atual ocupante. Em 19 anos de vida acadêmica, Veríssimo pronunciou apenas um discurso de recepção, quando saudou, em 1898, o filólogo João Ribeiro.

Lamentável o esquecimento a que nosso patrono relegou, na Academia, a convivência dos contrários de que foi mentor na *Revista Brasileira*: inconformado com a eleição do político Lauro Müller, Ministro das Relações Exteriores, para a vaga do Barão do Rio Branco, afastou-se definitivamente do meio acadêmico em 1912. Não obstante o gesto radical, a instituição denominou “José Veríssimo” o relevante prêmio de ensaio e erudição que concedeu até 1994, a brasileiros

ilustres como Leodegário Amarante de Azevedo Filho, Reynaldo Valinho Alvarez, Raymundo Faoro, Josué de Castro e Vasco Mariz.

Em 1916, José Veríssimo falece na cidade do Rio de Janeiro, aos 59 anos incompletos. Sobre ele, disse a professora Maria Antonieta Raymundo Moisés: “Modesto, tímido, retraído como homem, como crítico era duma inteireza inatacável e duma objetividade por vezes cortante e árida. (...) Defendia um tipo de crítica serena, objetiva, feita com o apoio na intuição e no gosto pessoal, mas atenta à essência dos fatos e dos elementos concretos contidos na obra literária, e considerando esta sempre em relação com um patrimônio moral e estético nacional.” Justifica-se, pois, que pertença à história da literatura brasileira, como grande intelectual, como analista rigoroso, que deu ilustração e mérito à crítica, tantas vezes ingrata, de autores e obras, que Almeida Fischer tão sabiamente chamou de “áspero ofício”.

Na Cadeira que hoje passo a ocupar, havia, entre o patrono José Veríssimo e o acadêmico Lustosa da Costa, pelo menos três pontos em comum: ambos eram jornalistas, escritores e apaixonados pela história da terra onde nasceram. Com uma particularidade, que já convém esclarecer: embora orgulhosamente se dissesse filho de Sobral, um dos municípios importantes do Ceará, Lustosa realmente veio ao mundo em 1938 na paraibana Cajazeiras, de onde se mudou, aos quatro anos, para o lugar que amaria até morrer, sobre o qual escreveria, depois, não ser uma cidade, mas “uma saudade chorando baixinho”.

Criança ainda, nele se manifestou a vocação da imprensa, em especial da reportagem política: gostava de ouvir o que os mais velhos conversavam, sobre as lutas pelo poder que dividiam as lideranças sobralenses. Na meninice dos nove anos, chegou a escrever um diário, em que comentava bastidores de campanhas, estratégias

de partidos e violentas eleições disputadas voto a voto.

Maior de 18, despede-se da província interiorana e enfrenta a capital, para cumprir vitoriosa carreira em uma das mais brilhantes gerações do jornalismo cearense. Foi, na década de 1960, editor chefe dos jornais *Correio do Ceará* e *Unitário*, além de comentarista político da Ceará Rádio Clube e da TV Ceará, todos órgãos dos Diários e Emissoras Associados, do poderoso Assis Chateaubriand. Em 1974, transfere-se para Brasília, onde, até 1988, trabalhará como repórter do jornal *O Estado de S. Paulo* e do *Jornal da Tarde*, além de assinar coluna política no *Correio Brasileiro*, que com alta nobreza nos acolhe nesta noite. A partir de 1985, será também colunista do *Diário do Nordeste*, de Fortaleza.

Tão próximo esteve dos palanques que acabou por não resistir ao apelo das urnas: em 1966, candidatou-se a deputado federal pelo MDB cearense – o mais votado em Fortaleza –, e a suplente de senador em 1978. Graças a Deus, foi derrotado nas duas ocasiões: eleito, poderia honrar o Parlamento, mas perderíamos um talentoso profissional do jornalismo, um excelente cronista, um admirável escritor. O que quase acontece com relação à Igreja, como confessou em deliciosa crônica: “Fui seminarista. Não dei no couro, porém, para funcionário do sobrenatural, agente do Céu aqui na terra. Foi ruim. Porque, afinal, meu sonho é (sempre foi) ser bispo de Sobral. Não desejava ser outra coisa na vida. E olhem que não seria desses bispos moderninhos, incrementados, camisa aberta ao peito, braços nus, calça jeans, chinela japonesa, não. Queria ser como o bispo conde Dom José Tupinambá da Frota, com muita pompa e circunstância, cheio de pesadas correntes de ouro, arminhos, muito roxo, o pessoal me beijando a pedra do anel, de joelhos, como era naquele tempo. Seria bispo indulgente, muito in-

dulgente com as mulheres bonitas no confessional. Principalmente as pecadoras.”

Como, felizmente, não lhe couberam a mitra episcopal nem mandatos em Brasília, Lustosa da Costa pôde publicar 28 livros, com distinção para *Sobral do meu tempo*; *Cartas do Beco*; *Fortaleza, meu amor*; *Clero, nobreza e povo de Sobral*; *Louvação de Fortaleza*; *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares*; *Amigo do peito*; *No après-midi de nossas vidas* (cuja apresentação assinei, por generosidade do autor); *Rache o Procópio!*; *Foi na seca do 19*; *Como me tornei sexagenário*; *O Senador dos Bois*; *Sobral, cidade das cenas fortes*; *Dicionário do Lustosa*; *Ao cair da tarde*; *TT das madrugadas*; *Um Brasileiro muito especial* e *Sobral que não esqueço*. As obras *Clero, nobreza e povo de Sobral*, *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares* e *Foi na seca do 19* (com o título *Amor em tempo de seca*) tiveram edições portuguesas, lançadas em Lisboa.

Em 1987, ao comentar *Fortaleza, meu amor*, escrevi sobre Lustosa: “Sem dúvida, é a memória sua vocação maior. E poucas vezes, como no seu livro, terá sido ela mais bem compreendida: ‘Nas memórias – declara o cronista – você é o centro do mundo, o umbigo do universo. Pode jogar de baixo do tapete erros, fraquezas, até crimes. Colocar, na janela, acertos, virtudes, tudo o que lhe convier. (...) Porque você reescreve a História, a seu favor. Fala apenas dos chifres que meteu nos outros, nunca de quanto lhe doeu ter sido passado pra trás.’ Registre-se, porém – observo eu –, que suas lembranças se mostram sempre em função do *outro*; dos fatos, das pessoas, dos lugares – um memorialismo ‘centrífugo’, digamos. O que nos poupa da terrível maçada de ler o que autores, ingênuos e presunçosos, julgam interessar a todo mundo, quando vale apenas para si próprios.”

Com talento incomum para a ficção, nosso homenageado escreveu novelas e contos, entre os quais escolheu os reunidos em *Foi na seca do 19*, e

um primoroso romance, *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares*, no qual revela a maestria técnica de um García Márquez. Mais do que tudo, porém, era cronista, por vocação e destino. A graça do que se conta e o frescor do estilo são próprios de uma das grandes linhagens do gênero na literatura brasileira, a que pertencem Antônio Maria, Sérgio Porto, Aldir Blanc, Mário Prata, Humberto Werneck e o cearense Milton Dias, que poucos têm a prazerosa ventura de conhecer.

Nos férteis domínios da crônica, alguns temas são particularmente caros ao escritor: antes de qualquer um, Sobral, o berço que adotara com fervor de amante. Se, nas palavras de Luís da Câmara Cascudo, “o melhor produto do Brasil ainda é o brasileiro”, posso garantir que o melhor de Sobral são os sobralenses, que enriquecem com vida e bom humor os textos de Lustosa. Como certo político, sobre quem escreveu o livro *O Senador dos Bois*, que tentou reformar uma promissória em poder da Mãe de Jesus: “Ainda comboieiro, mocinho, tangendo sua tropa de burros carregados de mercadorias entre Granja e Sobral, Paula Pessoa sonha alto. Faz um pedido à sua madrinha, Nossa Senhora. Quer ser Senador do Império. Ferrar dois mil bezerros por ano. Viver até os oitenta. Chega lá. No fim da vida, vai à Igreja e, diante da imagem da santa, pede um aditivo: ‘Nossa Senhora, está certo que amanso mais de dois mil bezerros por ano. Sou Senador do Império. Hoje completo oitenta anos. Mas, minha madrinha, oitenta anos é tão pouquinho...’” Conta o autor que a Virgem foi indulgente e lhe deu mais quatro anos de lambuja.

Outro conterrâneo pitoresco é lembrado por Lustosa da Costa no saboroso livro *inconfidências@indeletáveis.com.br*, em que Paulo Elpidio de Menezes Neto reúne a correspondência eletrônica que trocou com amigos: “Rezam as lendas que, certa feita, o automóvel em que José Maria Montalverne se locomovia de Sobral para

Fortaleza sofreu pane e ele bateu à porta de humilde choupana, pedindo abrigo. E apresentou-se, requisitando guarida: ‘— Aqui é José Maria Montalverne, bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, gerente da fábrica de tecidos de Sobral, presidente do Palace Clube, presidente do Lions Clube de Sobral.’ Sufocada, a dona da casa recusou: ‘— Não há lugar para tanta gente, não.’ E bateu-lhe a porta na cara.” Prova de que se a carência de títulos é prejudicial, o excesso também pode ser...

Entre as mulheres, uma, bairrista de causar inveja a Lustosa, não deixou por menos a informação de que os sobralenses não podiam fazer depósitos nem saques no Banco Central, e desdenhou: “Um banco que não tem agência em Sobral?! Então não deve ser importante, não...” Em outra crônica, certa senhora, vítima da obesidade, prometera doação de vulto à Igreja de São Francisco, caso perdesse a gordurama. Flagrada por uma amiga a empanturrar-se de doces, respondeu à censura merecida: “Ora, não prometi dar todas as minhas joias a São Francisco, se emagrecesse? Pois bem, você acha que ele vai ganhar na garapa? Tem de me emagrecer eu comendo do bom e do melhor! Tem de ser no milagre!”

Muitas vezes, Lustosa da Costa se disse apreciador fiel do mais puro malte escocês, a exemplo de Fernando Sabino, quando afirmou: “Não bebo álcool, bebo uísque”. Sobre como degustar essa linfa em que se converte o ouro, escreveu, com o saber de experiência feito: “O uísque deve ser sorvido em companhia leve, longe dos sectários, dos fanáticos, dos obsessivos, afastado dos que querem prolongar, na mesa do bar, o expediente do trabalho ou problemas profissionais. Dos que pretendem impor-nos sua opinião. Dos que falam muito alto, por exibicionismo, por falta de educação. Cumpre buscar por companhias leves, saudáveis, que privilegiem o lado ameno da vida. Cujas conversas tenham sal, senso de humor,

que te enriqueça, que não te jogue no colo problemas e dramas.”

Nenhuma paixão do cronista, porém, maior do que as mulheres, obras de arte em forma de gente, com a brancura do mármore, o moreno do bronze ou o negror do ébano, irresponsáveis quando muito jovens, pois ignorantes da própria beleza, mas senhoras de si ao saber o quanto desnorream os homens, capazes de confundir santos, deflagrar guerras e promover a paz no mundo. Lustosa exaltou-as a princípio com desejo, com afã, depois com placidez, com a serena atitude que o encontro da mulher definitiva nos leva apenas a contemplar as que se dão ao próximo. Em “Minha amada piauiense”, evoca uma delas: “Maria Helena foi amor, cheio de sobressaltos, à sombra das mangueiras do Aeroporto Pinto Martins. Eu, solteiro de segunda mão. Ela, filha de professora que, em sonetos bissextos, exaltava a pureza dos lírios e condenava a lascívia das rosas. Não podia dar certo. Não deu. Investi tudo naquele amor que me desassossegava e me trazia em festa o coração. Até que um dia, sem que esperasse, ela me trocou por um solteiro de fato. No domingo, vi-a na praia, reclinada nas pernas do aviador que a paquerava. Ela, com quem trocara beijos tórridos na sexta-feira. Doeue, como doeue. Fiz aquele papelão. Não tive a menor classe. Passei o recibo, esbravejei, insultei, agredi, de puro despeito e total frustração. A moça casou-se e se mudou. Supus fosse muito feliz, assistindo à novela das seis. Enganei-me. Não era. Um dia voltou. Direto para meus braços, morta de arrependida de não haver casado comigo. De sua cegueira na época, de seu erro irreparável. Era o que me dizia. Seu sentimento era tão intenso que me considerei o escolhido para aquele resgate. O único, claro. Aquele com quem ela, de fato, devia ter casado. Por acaso, porém, caiu-lhe a caderneta de telefones e ali estava eu, é certo. Na boa companhia de outros namorados dos tempos em que o namoro

esbarrava em certos limites. E ainda hoje não sei se começou ou terminou por mim sua revisitação, sua peregrinação aos amores pretéritos.”

Reconheça-se que o prosador também escreveu sobre os homens, embora sem muita disposição, e de maneira não exatamente favorável: “Em verdade, em verdade vos digo. O marido possui muitas utilidades. É facilmente transportável. Dependendo do seu humor, pode ser levado a festas, batizados, velórios, terreiros de macumba, casa de cartomante. Serve para comprar o pão quentinho e leite, se acorda cedo. Sem falar em que é confortável entrar nos clubes e nas festas a bordo de um marido. No mínimo, diminui o número de cantadas que a casada recebe em comparação com as descasadas, o que facilita o relacionamento com outras mulheres. A não ser, advirto, que o marido seja do time dos que se embriagam cedo e se descuidam da vigilância sobre o patrimônio.”

Viajante aplicado, em eterna luta contra o medo que lhe causavam os aviões, Lustosa da Costa realizou, entre 1993 e 1994, o belo sonho de viver com a família 14 meses em Paris, a buquinar pela *rive gauche* e a frequentar restaurantes chiques como Le Train Bleu, na Gare de Lyon, que tão afetuosamente indicou, a Ana Maria e a mim, para que nele comemorássemos nossos 25 anos de casamento.

Com meu fraterno amigo, partilhei a fascinação pela pátria dos nossos ascendentes, que ele não se cansava de enaltecer: “Houve tempo remoto em que, todos os anos, ia a Portugal. Era uma festa. Principalmente gastronômica. Não tem regime que aguente. Portugal, pra mim, é série infundável de restaurantes nos quais sempre se come bem. Principalmente nos de terceira classe, o prato vernáculo: sem papagaiadas, sem estrangeirismos. Como o Eça relatou e o Dário Castro Alves [cearense, então embaixador do Brasil em Lisboa] anotou.” Assim, evocamos nesta noite a

terra portuguesa para sentir a presença do nosso homenageado, como se fôssemos navegadores a singrar o Tejo à procura dos Lustosas, dos Costas e dos Caminhas que venceram o mar-oceano para fazer o Brasil.

No ano 2000, elege-se Lustosa para a Cadeira número 24 da Academia Brasileira de Letras, anteriormente ocupada pelo goiano Bernardo Élis, que tive a satisfação de entrevistar, o vigoroso romancista de *O tronco*, o notável contista de “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois”, a propósito do qual o grande Guimarães Rosa declarou que “ninguém, em país nenhum, nenhum tempo, parte alguma, escreveu coisa melhor”.

Em 2004, meu antecessor recebe uma das maiores homenagens que lhe poderiam ser prestadas: a inauguração, na sua querida Sobral, da Biblioteca Municipal Lustosa da Costa, justo reconhecimento de uma vida inteira dedicada aos livros, ao prazer de ler, ao ofício de escrever. Os setenta anos do cronista são comemorados, em 2008, com o lançamento de duas substanciosas biografias, assinadas por Cherlanyo Barros e Luíza Helena Amorim.

Ainda bem de saúde, teve o raro privilégio de ouvir o necrológio de si mesmo: “Quando vou entrar no novo restaurante de comidas do Mediterrâneo, ‘Abajour da Adi’, um conhecido que degusta seu cachimbo na calçada, para não perturbar os outros fregueses, me cumprimenta e, como há muito não me vê, me dá os pêsames pelo ‘falecimento do nosso querido Lustosa da Costa na Europa’. Está comovido e explica por quê: ‘Gostava muito do Lustosa’. Aceitei o agradeci os cumprimentos. Podia haver-lhe dito que realmente andei raspando o travessão em Paris, mas escapei graças à perícia de seus cirurgiões. Ia, porém, desmobilizar a compunção e o sentimento do amigo. Sem jeito, calei, para não o decepcionar, preferindo continuar morto a seus

olhos. Logo, porém, dele me despedi e entrei no restaurante, sobrevivente de mim mesmo.”

Jornalista de renome, escritor celebrado, foi, sobretudo, exemplo de amigo, prestante, fiel e generoso, como se lê no *Dicionário do Lustosa*: “Vim de longe, e meu anjo da guarda evitou me perdesse pelos caminhos. Não fui muito longe. Não juntei bens de fortuna. Preferi viver como rico a morrer rico. Optei por ser milionário de amigos, e é riqueza que jamais me confiscarão. Tenho muitos e todos bons. Porque sempre fui interessado, só querendo amigos superiores a mim. Assim, só me aproximei de quem melhorou, me ampliou por dentro, fugindo sempre de quem apequena, diminui.” Sem razões para merecer tão nobre amizade, fui dos poucos recebidos, no aconchegante apartamento de Verônica e Lustosa, para o deleite de um jantar *en petit comité* em torno de ninguém menos do que Pilar e José Saramago. Nessa noite inesquecível, profetizei, em conversa com a charmosa admiradora por quem se apaixonara o romancista, que seria ele o primeiro escritor da nossa língua a receber o Nobel de Literatura, mesmo que para tanto, contestava minha cética interlocutora, o Estado português nada fizesse, e até agisse contra, descontente com a audaciosa ficção de *O evangelho segundo Jesus Cristo*.

Falecido aos 74 anos, em 3 de outubro de 2012, meu antecessor ilustre é afetuosamente lembrado pelos 41 amigos que o enaltecem na coletânea *Permanente Lustosa*, há poucas semanas lançada em Fortaleza. Para os que tivemos a honra da sua amizade e o privilégio do seu convívio, dele ficou a lembrança de um homem bom, um cidadão reto, um escritor incomum. É o sentimento com que homenageio Lustosa da Costa, ao empossar-me na Cadeira número 24 da Academia Brasileira de Letras. Despeço-me reconhecido aos familiares e amigos a quem devo a grande emoção desta noite; ao Acadêmico Fabio de

Sousa Coutinho, intelectual brilhante, amigo fraterno, pelo discurso com que certamente se excederá ao me receber nesta Casa; ao jornal *Correio Braziliense*, na pessoa do Vice-presidente Executivo dos Diários Associados, amigo de quem me orgulho, Evaristo de Oliveira; aos colegas que me elegeram, entre os quais, permitam-me a revelação e a inconfidência, um que também votou no conclave que fez do Cardeal Bergoglio o Papa Francisco: trata-se de Dom Raymundo Damasceno Assis, ex-Arcebispo Metropolitano de Brasília e atual Arcebispo Metropolitano de Aparecida, titular da Cadeira 33 do instituto acadêmico de que agora sou parte; foi dele o primeiro voto que recebi, pelo correio. A todos, sinceramente, só posso retribuir com GRATIDÃO, “essa palavra-tudo”, como escreveu o cronista Carlos Drummond de Andrade.

Muito obrigado.

RECEPÇÃO DE EDMÍLSON CAMINHA POR FABIO DE SOUSA COUTINHO

Num conto seminal da literatura minimalista moderna, o francês Paul Valéry sentenciou: “Era uma vez um escritor... que escrevia.”

Senhor Presidente da Academia Brasileira de letras, Dr. Carlos Fernando Mathias de Souza; Senhora Presidente da Associação Nacional de Escritores, Professora Kori Bolívia; ilustres confrades, senhoras, senhores, acadêmico Edmilson Caminha,

O formidável homem de letras que hoje ratifica o seu ingresso nesta casa de cultura escreve ininterruptamente há quase cinco décadas.

Nascido em Fortaleza, pérola do solo nordestino que nos orgulha a todos os brasileiros, Edmilson Sobreira Caminha Júnior foi alfabetizado, na segunda metade da década de 1950, em grupo escolar da capital potiguar, onde seu pai, militar da Aeronáutica, estava baseado. Em breve, fascinado com as inesgotáveis descobertas propiciadas por suas leituras, foi inoculado pela paixão livresca, passando a ler em regime equivalente a uma diuturnidade.

De leitor precocemente inveterado, logo viria a extravasar sua vocação inarredável: em 1966, aos 14 anos de idade, tornou-se colaborador do jornal *O Povo*, redigindo resenhas de livros que o fascinavam e comentários sobre assuntos e fatos de interesse geral.

Era o início de uma trajetória de escritor, que seria assinalada pela publicação de uma dezena de obras, nos campos da crônica, da biografia, da crítica e da epistolografia, e, na área de redação parlamentar, pela produção de cerca de dois mil

discursos, independentemente de partidos e filiações políticas, ou de seitas e credos professados por quem os solicitou. Foi, assim, até aposentar-se da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados, um fecundo e caudaloso “ghost writer”, um incansável profissional da retórica.

Tal faceta de sua competência foi pressagiada, na primeira infância, quando, levado por seu avô materno, Raimundo Calixto de Mello, participou de comício na cidade de Aracati. Naquela memorável ocasião, um amigo da família tomou-lhe nos braços, pôs-lhe na mão uma peixeira, fez-lhe subir ao palanque e dizer, na inocência dos três anos de idade: “Povo de Aracati, cambada de gente sem-vergonha: quem não votar em Juarez Távora, eu capo com esta faca!”

As urnas de 1955 não sorriram para o general udenista, antigo expoente da Coluna Prestes. O vencedor do pleito foi aquele que, a partir de então, seria consagrado, no Ceará e em todos os rincões do País, como o grande Presidente Kubitschek. Prudentemente, contudo, os parentes do juvenilíssimo e inflamado orador o levaram de volta para Fortaleza, providência urgente que evitou a consumação de trágico, inédito e dilacerante processo de controle de natalidade em terras cearenses.

Na cidade natal, nos mais de trinta anos que se seguiram ao quase sangüinário episódio de Aracati, e em Brasília, há vinte e tantos, Edmilson Caminha se firmou como escritor, sem apegos a ideologias ou às paixões mercuriais dos portadores de peixeiras, dando sempre razão a Millôr Fernandes, para quem “livre pensar é só pensar.” e, também, a Antonio Carlos Villaça, que, em preciosa carta, lhe alertou sobre a missão do escritor:

Ser escritor é antes e acima de tudo uma posição diante da vida. Independentemente do ato de escrever. Uma opção. Uma escolha. Um estilo.

Ser artista é não aliar-se nunca às forças poderosas deste mundo, é ser livre. É dizer não, non possumus, às forças do dinheiro, do poder, da mediocridade.

De fato, Vossa Excelência, acadêmico Edmílson Caminha, é um autor com absoluto domínio do instrumental literário, que sabe trabalhar o texto para causar encanto e espanto. Encanto resultante de gestual beleza, espanto pela magreza, retilinidade e despojamento de seu discurso.

Sua vigorosa fatura de cronista, enfeixada, inicialmente, no impecável *Inventário de crônicas*, de 1997, confirma, de sobejo, que Vossa Excelência é, antes de tudo, um artista que percebe que hoje é impossível criar uma página esquecendo-se de que ela é, precipuamente, uma obra de arte de linguagem e forma.

Artesão insaciável, meticuloso, exato, é sua vida inteira que Vossa Excelência põe no que escreve, exigindo de si com rigor, obstinado rigor. E eis aí a razão de minha admiração e felicidade: a matéria-prima de seus textos nada mais é que o veículo da palavra, a crença inabalável no espaço da literatura, sendo esta o lugar em que a linguagem se torna “aquilo que deve ser”, na enunciação irretocável de Italo Calvino.

Ao se avizinhar a realização da Copa do Mundo de 2014, ilustro o que venho de afirmar com os parágrafos inaugural e final da crônica “O naufrágio do Titanic”, implorando que ele não se repita no ano que vem, na mesma Cidade Maravilhosa. Ouça-se Edmílson Caminha, literariamente exemplar, da primeira à última frase:

O Brasil já viveu uma tragédia. Não me refiro à Guerra do Paraguai, à revolta de Canudos, ao golpe de 64. Falo de uma com tempo marcado para acontecer: 16 de julho de 1950. Um dia, apenas; hora e meia, para falar a verdade. Não

derramou sangue, mas feriu lá dentro – dói ainda hoje.

(...)

Em 16 de julho de 1950, perdemos um jogo que não podíamos perder, que não soubemos ganhar. Nas arquibancadas do Maracanã, 200 mil brasileiros sentiram o sol escurecer, a terra cair, o coração parar, a morte em vida. Eu também estava lá, incrédulo e triste, embora só viesse a nascer dois anos depois.

Na crônica, gênero literário que desenvolveu com refinada maestria, Caminha cultiva os exemplos imortais de Rubem Braga, Marques Rebelo, Nelson Rodrigues, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto, Vinicius de Moraes, Otto Lara Resende, e dos atualíssimos Humberto Werneck, Luis Fernando Verissimo, Affonso Romano de Sant’Anna, Danilo Gomes, Ana Miranda, Zuenir Ventura, Eduardo Almeida Reis e outros luminares.

A extrema relevância da obra dos cronistas, que expressam, com bom humor, leveza e argúcia, as misérias, agruras e, também, as conquistas e façanhas do cotidiano, surge de bela perspectiva anímica, votada ao engrandecimento humano dos leitores. como sintetizou Rubem Braga, o maior de todos os cronistas, ao lhe ser pedido que definisse o gênero, “se não é aguda, é crônica.”

Mas há um escritor que encanta, emociona e deslumbra Caminha mais do que qualquer outro, seja como cronista, seja como poeta. E tamanha veneração literária se revela, às escâncaras, no estúdio de trabalho de Edmílson Caminha, orgulhosa e ostensivamente caracterizado como um valioso templo de culto ético e estético àquele que Alceu Amoroso Lima apontou como a mais alta voz brasileira na poesia de língua portuguesa, Carlos Drummond de Andrade.

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos,

A vivência que decorre dos exercícios genuínos de louvação já mereceu a reflexão de Bento Prado Júnior, que, em passagem particularmente inspirada de mais um entre tantos ensaios lapidares, diagnosticou: “O narcisismo é inimigo natural da inteligência; a simpatia pelo outro, ao contrário, sendo condição de compreensão de si mesmo, é também regra de método nas ciências da cultura.”

Além da práxis humanista desse entendimento magistral, uma fluente e invulgar apologia das virtudes intrínsecas da alteridade, sinto-me próximo de Vossa Excelência, acadêmico Edmilson Caminha, por uma multifacetada circunstância existencial, que se traduz na fortuna de ser seu contemporâneo, no privilégio de ser seu leitor, na honra de ser seu confrade e, por último, mas não menos pontual, na alegria de ser seu amigo.

Ao lado da esposa, Ana Maria, e das três filhas, Mariana, Ana Carolina e Maria Eugênia, Vossa Excelência conquistou, gerou e usufrui o convívio afetivo num lídimo harém tropical, o que instala situação psicológica seguramente causadora de inveja branca entre os remanescentes de segmento antropológico outrora majoritário.

Acadêmico Edmilson Caminha:

Nesta data festiva, neste ambiente a um tempo solene e fraternal, Vossa Excelência entrega à Academia Brasiliense de Letras as luzes de um intelecto abençoado, a força de uma densa erudição e a pujança de uma sólida formação humanística. Que não haja dúvida: Vossa Excelência bateu à porta certa. Ela se abriu em movimento com uma única interpretação possível: seja muitíssimo bem-vindo.

Obrigado.

POSSE DE DANILO GOMES

Sr. Presidente da Academia Brasiliense de Letras, Ministro Carlos Fernando Mathias de Souza; Sr. Vice-Presidente, Ministro Roberto Rosas; Sr. Presidente da Associação Nacional de Escritores – ANE, Dr. Fabio de Sousa Coutinho, nosso anfitrião, por nímia gentileza; Sr. Presidente da Academia de Letras do Brasil, Dr. Flávio René Kothe; Srs. acadêmicos; meus familiares e amigos.

Estimulado por um grupo de colegas, candidatei-me à cadeira nº VI desta Casa, na sucessão do ilustre e inesquecível poeta, prosador, jurista e magistrado Dr. Romeu Barbosa Jobim. Renovo meus agradecimentos a todos os confrades que sufragaram meu modesto nome.

A cadeira que tenho a honra de assumir tem como Patrono um dos maiores poetas do arcadismo brasileiro, Tomás Antônio Gonzaga. Ele nasceu na cidade do Porto, em Portugal, em 1744, filho do magistrado brasileiro, carioca, João Bernardo Gonzaga, e da portuense Tomásia Isabel Clark. Morou em Recife e Salvador. Formou-se em Direito, em Coimbra, onde escreveu um *Tratado de Direito Natural*. Voltando ao Brasil, tornou-se Ouvidor da Comarca de Vila Rica, em Minas Gerais. Ali conheceu a jovem Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, então com 17 anos, por ele imortalizada como Marília, a Marília de Dirceu. Escreveu em Vila Rica, hoje Ouro Preto, a primeira parte de suas *Liras*. Veio depois a obra *Cartas Chilenas*, em que vergasta o despótico Fanfarrão Minésio, o Governador das Minas, Luís da Cunha Menezes. No Prólogo das *Cartas Chilenas*, Gonzaga assim deixa correr a pena:

“Amigo leitor, arribou a certo porto do Brasil, onde eu vivia, um galeão, que vinha das Américas espanholas. Nele se transportava um mancebo, cavalheiro instruído nas humanas le-

tras. Não me foi dificultoso travar com ele uma estreita amizade, e chegou a confiar-me os manuscritos que trazia. Entre eles encontrei as *Cartas Chilenas*, que são um artificioso compêndio das desordens que fez no seu governo Fanfarrão Minésio, general de Chile.” Reporto-me à edição da Martin Claret, que segue a edição crítica de Manuel Rodrigues Lapa.

Implicado na Inconfidência Mineira, como seus amigos poetas Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto, Gonzaga foi preso uma semana antes do casamento. Por três anos, amargou prisão no Rio de Janeiro, na Ilha das Cobras. Depois a Coroa Portuguesa o desterrou para Moçambique. Escreve Sérgio Faraco, na edição de *Marília de Dirceu*, da L & PM Pocket, Porto Alegre, 1998:

“Ao contrário de outros degredados, que morreram no cárcere, foi bem tratado e desempenhou altos cargos. Poderia ter voltado ao Brasil, mas não o fez, decerto por ter sido esquecido pela jovem musa, que até já se tornara mãe solteira. Ou quem sabe ele também se esquecera daquele amor antigo: casou-se com uma ricaça analfabeta, Juliana de Sousa Mascarenhas, e teve com ela uma filha, Ana Mascarenhas Gonzaga. Faleceu em fevereiro de 1810.”

É justo destacar aqui um dos melhores ensaios sobre a obra de Gonzaga. Foi escrito pela professora Lúcia Helena para a edição do volume *Tomás Antônio Gonzaga*, na coleção Nossos Clássicos da Editora Agir.

O fundador desta cadeira nº VI foi o poeta Domingos Carvalho da Silva, muito bem focalizado por Romeu Jobim em seu discurso de posse, na histórica sessão de 10 de fevereiro de 2004. Romeu Jobim foi recebido pelo poeta Anderson Braga Horta. Domingos Carvalho da Silva, um paulistano nascido em Portugal em 1915, deixou uma obra poética muito importante, da mais alta

relevância em língua portuguesa. Sua requintada obra foi muito bem analisada pelo poeta, ensaísta e crítico literário Anderson Braga Horta, ganhador do Prêmio Jabuti. Outros críticos, entre eles Almeida Fischer, também analisaram a muito bem elaborada “ars poetica” de Domingos Carvalho da Silva.

Falemos agora sobre o saudoso Romeu Jobim, de refinada obra, e a quem tenho o privilégio e a subida honra de suceder nesta Academia.

No seu livro *Boa tarde, Excelência!*, Romeu Jobim, no introito, pergunta-se e ao leitor se os textos que ali estão seriam crônicas ou contos. Problema que ele deixava “ao leitor ou crítico”. Lendo o livro, encontrei ambos os gêneros, que, realmente, costumam ser lindeiros. O texto de abertura, “Crente”, afigurou-se-me um conto – e muito bem narrado e concluído com **humour**. O segundo texto, “Deputado”, pareceu-me também um conto, pela sua estrutura, seu cerne de tensão característica do gênero, e com aquele componente de **humour**, que era tão grato ao escritor, castiço na linguagem e rigoroso cumpridor das normas sintáticas.

Já “Manchetes” me pareceu uma verdadeira crônica, na sua leveza graciosa, na sua carpintaria de construção e na sua caracterização desse chamado gênero, jamais menor. O texto “Que é um elefante?” é também uma excelente crônica. Deliciosa crônica é a das páginas 111 e 112, intitulada “Em defesa do álcool”, em que a apurada veia cômica do autor se manifesta com o brilho de sempre.

“Novos tempos” é também uma ótima crônica, enquanto “História de outros tempos” talvez melhor se encaixe no ensaio. Mais que uma simples crônica, esse texto é uma aula de erudição sociológica e antropológica, visto que Romeu Jobim era um homem de aprimorada cultura humanística, um **scholar**, no sentido escolástico.

Páginas de primorosa graça são também “Caso da jaca”, “Tudo muito simples”, “O mundo

encolheu”, “Afetação” e outras. Em meio ao tom coloquial das narrativas e casos, aqui e ali uma referência de cariz erudito, um nome ilustre: Kant, Toynbee, La Fontaine, Freud, Einstein.

Temos Romeu Jobim inteiramente contista no livro *Amanhã cedo é primavera*. Ali estão enfeixados 25 contos de temática variada, alguns de viés urbano, outros com as reminiscências amazônicas de sua infância e mocidade, e que me remetem, nesse último caso, às crônicas da fulgurante Rachel de Queiroz, em suas viagens pela Amazônia, no livro *Mapinguari*, sendo mapinguari um ser exótico como o curupira.

Pelo livro *Amanhã cedo é primavera* constata-se que Romeu Jobim foi, além de primoroso poeta e cronista, também um grande contista. O conto “Daqui a pouco a liberdade” merece ser classificado como realismo fantástico e é uma história amazônica que José Veríssimo e Inglês de Souza assinariam com agrado. O conto que dá título ao livro é, a um só tempo, histórico, dramático e poético – e é um canto de esperança do candango que levantou Brasília do chão goiano de poeira vermelha.

Outro conto amazônico é o que se intitula “Formigas-jacamim”. Este também se enquadra no território do realismo fantástico e, por certo, Gastão Cruls o assinaria de bom grado. Na narrativa “O bate-bate”, o autor escreve: “A Amazônia, como o doutor sabe – começou o dono da casa – tem muitas abusões, crendices e lendas.” E menciona o caso do boto que seduz as moças, da Cobra-Grande ou Boiúna, do Mapinguari (monstro gigantesco com um olho na testa), da Mãe d’Água ou Uiara, do Pé-de-Ouriço.

Homem de alma amazônica, como o saudoso poeta, político e acadêmico Áureo Mello e o também saudoso acadêmico, político e escritor Jarbas Passarinho, Romeu Jobim não deixou que a civilização do Sul sufocasse nele esse passado

de águas e florestas infindáveis, esse sentimento telúrico de volta ao ventre materno da mata fabulosa e assombrosa.

Justiça: humor forense nos encanta pelas narrativas do folclore corrente que dá graça à severa atividade judiciária, que nosso autor tão bem conheceu e exerceu.

Anderson Braga Horta escreveu: “Romeu Jobim é escritor de estirpe machadiana, pela correção e elegância do texto, pela abordagem psicológica e pelos bem dosados toques de humor e ironia.”

No campo da poesia, Romeu Jobim nos legou *Pássaros de meus bosques* (haicais) e *Cantos do caminho*. Este último foi saudado pelo poeta e crítico Santiago Naud, que nele encontrou “elogiável mestria, com autênticas joias do lirismo cintilando o reflexivo e o brejeiro”. Santiago Naud celebrou também, em nosso antecessor, “o domínio culto do idioma” e a elaboração de textos “que somam saber e sabor.”

Romeu Jobim nasceu no Acre, em Campo Esperança, município de Rio Branco, em 25 de fevereiro de 1927. Sua mãe era a acreana Francisca Barbosa Jobim e seu pai o gaúcho Armando de Oliveira Jobim, primo de Plácido de Castro, o célebre líder da Revolução Acreana, que incorporou aquelas terras ao Brasil. Seu pai era também primo do poeta Jorge Jobim, pai de Tom Jobim, compositor e poeta, chamado e consagrado como o Maestro Soberano, e de Helena Jobim, escritora.

Romeu Jobim formou-se em Filosofia e em Direito, no Rio de Janeiro. Concursado, tornou-se redator da Câmara dos Deputados. Foi professor, Juiz e Desembargador do Tribunal de Justiça do DF.

Em 1956, casou-se com a advogada e professora Ruth Silveira, com quem teve três filhas, as gêmeas Adriana e Cristiana e, depois, Rosana. Os genros são Ignácio, Cefas e Marcos. Vários ne-

tos trouxeram mais alegrias ao vovô Romeu e à vovó Ruth.

Meu ilustre antecessor participou de várias antologias de poesia, conto e crônica. Foi um dos fundadores da Associação Nacional de Escritores – ANE e da Academia de Letras do Brasil. Recebeu numerosas medalhas, comendas e condecorações, por seus altos méritos, como a Grã-Cruz da Ordem da Seringueira e a Grã-Cruz do Mérito Judiciário. Era Cidadão Honorário de Brasília. Eu tive a honra e a satisfação de ser seu amigo.

Convidei para receber-me, nesta Academia, o fraternal amigo Napoleão Valadares, escritor de obra já vasta e consagrada, no campo da poesia, do romance, do conto, da crônica, da memorialística, da História, da pesquisa biobibliográfica, ex-Presidente da ANE e diretor do Museu do Escritor. Temos em comum o gosto pela vida rural e pelo estudo da História de Roma e da epopeia de outro Napoleão, o Imperador Napoleão Bonaparte. Muito obrigado, Napoleão Valadares, por ter aceitado meu convite, o que valoriza infinitamente este momento tão alto da minha vida.

Nunca imaginei participar do quadro de titulares da Academia Brasiliense de Letras, onde tive e tenho bons amigos, desde que cheguei a Brasília, há 42 anos.

Senhor Presidente Carlos Fernando Mathias de Souza, é uma honra e uma distinção tê-lo presidindo esta sessão solene, esta reunião de confraternização entre confrades, amigos e familiares. Esta Academia é uma das guardiãs da memória da saga de Brasília e da obra imortal de Juscelino Kubitschek de Oliveira, seus auxiliares e seus candangos, neste generoso e amado solo de Goiás. Pertencer a ela é um importante galardão que guardarei com carinho, para sempre.

Muito obrigado a todos.

RECEPÇÃO DE DANILO GOMES POR NAPOLEÃO VALADARES

Excelentíssimo Senhor Presidente em Exercício da Academia Brasiliense de Letras, Dr. Roberto Rosas, senhores integrantes da mesa, senhores acadêmicos, meus senhores, minhas senhoras.

Hoje, a Academia Brasiliense de Letras empossa um escritor cujo nome emparelha com os de grandes escritores que por aqui passaram. Esta Academia tem em seu quadro nomes que figuram no primeiro plano da Literatura Brasileira. E Danilo Gomes, que ora nela ingressa, está entre esses nomes. Cronista de estilo límpido e conteúdo substancioso, está sempre a nos ensinar com seus textos repletos de informações preciosas, aliadas ao prazer que sempre nos dá a sua leitura.

Danilo Gomes nasceu em Mariana. Conterrâneo, pois, de Cláudio Manuel da Costa, recomendado como clássico pela Academia das Ciências de Lisboa, um dos maiores sonetistas brasileiros, um dos mais importantes poetas da Literatura Brasileira e que foi enforcado em Vila Rica.

Mariana, a única cidade de Minas Gerais no período colonial, é o berço de Cláudio. Depois desse nome, não precisamos citar outros importantes filhos seus, que são muitos.

Ali nasceu Danilo, filho de Daniel e de Maria das Dores. Daniel Carlos Gomes, tabelião com cartório em Mariana, foi prefeito da cidade. Maria das Dores Motta Gomes foi professora primária e diretora do Grupo Escolar Professor Soares Ferreira. E foi também professora do Grupo Escolar Dom Benevides.

O casal teve, além de Danilo, Duílio (também escritor), Darcílio, Daniel, Djalma e Maria de Fátima.

Isso não é um tratado de genealogia. Mas é oportuno dizer que o avô materno de Danilo chamava-se Pedro Teixeira da Motta Júnior, juiz de direito da Comarca de Piranga. Ele e sua mulher, Hilarina Ferreira Costa Motta, avó de Danilo, eram amigos e vizinhos de Alphonsus de Guimaraens e Dona Zenaide. Pedro era primo do cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, que celebrou a primeira missa em Brasília, no dia 3 de maio de 1957, fazendo lembrar a primeira missa do Brasil, na mesma data, 3 de maio do ano do descobrimento.

Os avós paternos são Carlos de Assis Gomes, tropeiro, comerciante, charadista e poeta; e Maria Augusta Teixeira Gomes, do lar, bondosa e querida por todos.

E a família de Danilo se completa com mulher, filhos e netos. Sua esposa, Maria Jeane-te Carneiro Gomes, deu-lhe os filhos Rodrigo e Juliana. Rodrigo, casado com Danielle, tem os filhos Thiago e Taíssa. E Juliana, casada com Henrique, tem Guilherme e Natália.

Danilo passou a infância na terra natal. Menino de cidade interiorana, com incursões pelas fazendas, onde passava férias com a mãe e os irmãos. Daí o telurismo que se encontra em sua obra. Em seu artigo intitulado “No Tempo do Carro de Boi”, por exemplo, ele deixa transparecer essa afeição pelas coisas do campo.

Diz: “Férias inesquecíveis, essas dos fins da década de 1940, começos de 1950, nas fazendas, encantador mundo rural, bucólico, pastoril. Nas claras manhãs do alvorecer de nossas vidas, pulávamos nos carros de boi, para passeios pelas campinas. Eu me lembro do sol e do vento e do agudo chiado ou cantiga do rudimentar veículo. Foram alguns dos meus muitos momentos Casimiro de Abreu... Eu hoje os refaço no silêncio das

noites, num exercício de sonho, alumbramento e fantasia.”

Tomou gosto pela leitura desde criança, por influência da mãe, Maria das Dores, e da tia, Maria do Carmo. As professoras Nívia Maria Santos e Didina Vieira, suas primeiras professoras, também o estimularam a ler.

Fez dois anos do curso ginásial em Cachoeira do Campo, no Colégio Dom Bosco, onde conheceu dois padres italianos que foram alunos do próprio Dom Bosco, em Turim: o padre Francisco Zai e o padre Braz Muzzo; e os outros dois anos do curso ginásial, em Ouro Preto, no Colégio Arquidiocesano.

Juventude em Belo Horizonte, onde fez o curso clássico no Colégio Arnaldo e no Colégio Padre Machado. Direito na Universidade Federal de Minas Gerais, formando-se em 1974. Veio com a família para Brasília no ano seguinte e cursou Jornalismo no CEUB, sendo aluno dos escritores da ANE Aldo Vinholes de Magalhães, Aluísio Valle, Luiz Beltrão e Edson Guedes de Moraes.

Em Brasília Danilo mora com a família desde quando para aqui veio, em 1975. Por 20 anos, foi redator e assessor do secretário de imprensa e divulgação da Presidência da República. Cronista, ensaísta, pesquisador literário, grande leitor de História, tem colaborado em jornais e revistas de diversos Estados. Atualmente, escreve no *Jornal da ANE*, no *Jornal de Letras* e nas revistas da Academia Mineira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Pertence à Academia Mineira de Letras, à Academia Marianense de Letras, à Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, à Associação Nacional de Escritores (de que foi presidente), ao Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, à Academia de Letras do Brasil e, agora, à Academia Brasileira de Letras.

Escreveu os livros: *Escritores Brasileiros ao Vivo* (2 volumes), *Uma Rua Chamada Ouvidor*,

Água do Catete, Antigos Cafés do Rio de Janeiro, Em Torno de Rubem Braga, Augusto Frederico Schmidt, Juscelino Kubitschek e Odilon Behrens.

Vejamos ligeiramente sua obra:

Escritores Brasileiros ao Vivo

Este livro contém entrevistas com grande número de escritores brasileiros. Entrevistas que trazem informações da maior importância sobre a vida e a obra desses mesmos escritores. Encontram-se nele verdadeiras lições de literatura.

Almeida Fischer disse: “As entrevistas estão bem realizadas, as perguntas, embora às vezes condicionadas a circunstâncias de momento, foram elaboradas inteligentemente. Danilo Gomes tem grande experiência no jornalismo literário e bastante sensibilidade para saber quando deve (e pode) ir mais fundo nas indagações, escritor que é, com bom conhecimento dos mistérios da criação.”

Antônio Carlos Villaça acrescentou: “Danilo Gomes tem o dom do entrevistador. A entrevista nele é algo vivo, dinâmico, fluente. Ele tem leveza, elasticidade, naturalidade, as virtudes de que Mário de Andrade gostava. [...] Ele é penetrante e discreto. O segredo da arte é dosar.”

E Edilberto Coutinho concluiu: “De conversa em conversa, o autor de *Escritores Brasileiros ao Vivo* – esta preciosa série de entrevistas, inicialmente publicadas no Suplemento Literário do jornal *Minas Gerais* – vai descobrindo particularidades, que interessam ao leitor, sobre esses escritores, seus hábitos de vida, seus métodos de trabalho, suas preferências, idiosincrasias.”

Uma Rua Chamada Ouvidor

Livro em que Danilo retrata a famosa rua do Rio de Janeiro. Em 1745, a Câmara adquiriu

casas dessa rua para servirem de residências aos ouvidores vindos da Metrópole.

Danilo diz em seu livro: “Longo resultaria transcrever os trechos dos nossos ficcionistas e teatólogos do século XIX em que surge a nossa rua, a esplêndida viela, o beco encantado. Sabê-los-á melhor o leitor no contexto das próprias obras.” Mas assim mesmo Danilo não deixa de informar que José de Alencar e Machado de Assis escreveram e em vários lugares sobre a famigerada rua.

Com base em informação constante do livro *Castro Alves nas Ruas do Rio*, de Gilberto Guimarães, Danilo informa que Castro Alves, quando esteve no Rio de Janeiro a caminho de São Paulo, no período de 12 de fevereiro a 11 de março de 1868, hospedou-se, com sua amante, a atriz Eugênia Câmara, no hotel Aux Frère Provençaux, que ficava na Rua do Ouvidor, nº 126-B, esquina da Gonçalves Dias.

E aqui se encontra a notícia de uma personagem semilendária, chamada Perpétua Mineira, que teria sido namorada de Tiradentes, na Rua do Ouvidor. A história está no capítulo VII do livro *Memórias da Rua do Ouvidor*, do romancista Joaquim Manuel de Macedo.

Em carta a Danilo, Carlos Drummond de Andrade escreveu: “Um abraço de duplo agradecimento: pelas palavras amigas a este velho aniversariante e pela oferta de *Uma Rua Chamada Ouvidor*. Se as ruas têm alma, esta se sentirá feliz pelo carinho com que você a biografou, recordando-lhe os dias de glória. Excelente trabalho! Cordialmente, seu Drummond.”

Aliás, muito antes, Carlos Drummond de Andrade tinha escrito o seguinte poema:

*Entre livros, Danilo Gomes
acha uma razão de viver
São emoções, figuras, nomes,
todo um mundo em constante ser.*

*Ser e viver em cada folha
sente a secreta vibração
do reino ideal de nossa escolha,
que vai além do tempo vão.*

Água do Catete

Catete é o córrego à entrada da cidade de Mariana, onde Danilo nasceu. O Catete é afluente do Ribeirão do Carmo e tem este nome por causa do antigo dono das terras dali, Francisco das Chagas Cunha Catete.

Em *Água do Catete*, Danilo volta a falar da Rua do Ouvidor, na crônica que tem como título “Bem-Amada Rua do Ouvidor”. Nela, cita um trecho do mencionado livro *Memórias da Rua do Ouvidor*, de Joaquim Manuel de Macedo, onde se lê: “a mais passeada e concorrida, e mais leviana, indiscreta, bisbilhoteira, esbanjadora, fútil, noveleira, poliglota e enciclopédica de todas as ruas da cidade do Rio de Janeiro.”

Artur Azevedo, patrono da cadeira que tenho a honra de ocupar aqui na Academia Brasileira de Letras, escreveu:

*Não há rua como a rua
Que se chama do Ouvidor!
Não há outra que possua
Certamente o seu valor!*

*Sendo assim tão mal calçada,
Tão estreita como é,
Pode até ser comparada
Com qualquer beco chué.*

*Mas o caso é que esta rua
Atrações tem sem rivais;
Quem a ela se habitua
Nunca a deixa, nunca mais!*

*Muita gente há que se masse
Quando, seja por que for,
Passe um dia sem que passe
Pela Rua do Ouvidor.*

Antigos Cafés do Rio de Janeiro

Livro que resultou de intensa pesquisa. Uma descrição longa e bem acabada dos cafés da Cidade Maravilhosa, contando a história e indicando as características de cada um, além de ilustrar o trabalho com textos de diversos autores que trataram do assunto.

Os cafés são muitos. E vários deles, famosos. E famosas são as pessoas que frequentavam alguns deles. Quando fala do Café Nice, informa: “Frequentavam o Nice, além de Pixinguinha, Augusto Vasseur, David Nasser, Jorge Veiga, Nássara, Donga, Max Bulhões, Blecaute, Moreira da Silva (O “Moringueira”), Carlos Galhardo, Pandiá Pires, Ozon, Roberto Ruiz, Júlio Louzada, Braga Filho, Sivuca, Araci de Almeida, Vadico, Ataulfo Alves, Nelson Gonçalves, Orlando Silva, Francisco Alves, Mário Lago.”

Em Torno de Rubem Braga

Além dos dados sobre a vida e a obra do grande cronista capixaba, temos neste livro deliciosas crônicas de Danilo. Numa delas, intitulada “Um Poeta Triste que Sabia Rir” (refere-se a Manuel Bandeira), ele fala da tarde de lançamento de uma edição do livro *Quadrante*, que reúne alguns cobras da crônica brasileira. Estavam presentes Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino. E Danilo diz em sua crônica: “E agora dou, não um terceiro testemunho, que isso aqui não é um júri, mas lanço um apelo amplo, geral e irrestrito: quem estiver de posse do meu velho exemplar de “Quadrante”, com os autógrafos do quinteto formado por Bandeira,

Drummond, Braga, Campos e Sabino, favor devolver com urgência. Há obra de vinte anos velho procurando essa preciosidade, que emprestei a alguém que jurou devolver e até hoje, nada.”

Agora não faz 20 anos. Se o lançamento foi em 1968, agora, em 2017, faz 49 anos. Aproveito para reforçar o apelo: Quem estiver com o livro devolva-o a Danilo.

O poeta Anderson Braga Horta escreveu no livro *Sob o Signo da Poesia*: “Danilo Gomes é cronista de linguagem correta e elegante, simples e envolvente, em que forma e fundo se integram sob um halo poético. Assim, é natural que o aproximem de nosso maior cultor do gênero as “afinidades” a que se refere o Velho Braga mesmo, em carta a ele dirigida. Produto feliz dessas afinidades é o livro *Em Torno de Rubem Braga* (Brasília: Signo Editora, 1991; prefácio de Otto Lara Resende), com que o cronista de Mariana homenageia a memória do mestre de Cachoeiro de Itapemirim.”

E Danilo escreveu também um trabalho com o título de *Martins de Oliveira*, que reúne notícias biobibliográficas de Cândido Martins de Oliveira Júnior, poeta, historiador, biógrafo, magistrado, filósofo, romancista, cronista, crítico literário, doutrinador jurídico, professor universitário, presidente da Academia Mineira de Letras.

Escreveu ainda *Mineiridade que Sobrevive ao Tempo* (nos 80 anos do poeta Alphonsus de Guimaraens Filho), publicado em 1998.

E agora, em 2017, publicou *Augusto Frederico Schmidt, Juscelino Kubitschek e Odilon Behrens*, livro em que trata dessas proeminentes personagens do século XX.

Schmidt, poeta, memorialista, editor, empresário e político.

Juscelino, estadista, líder ímpar, construtor da nossa capital.

Odilon, médico, político, colega de Juscelino na pensão de Dona Cota, em Belo Horizonte, quando estudantes.

Neste livro, o autor mostra os laços que ligavam os três grandes homens. Palavras de Danilo: “Schmidt e Kubitschek conheceram Odilon Behrens no início da década de 1920. Os três eram homens afáveis, simpáticos, cordiais, solares. Só o poeta tinha um forte lado melancólico e nostálgico, seu mundo carregado de lembranças dolorosas, órfão de pai ainda em tenra idade, 10 anos. Os três foram amigos até o fim. Agora pertencem à História.”

Edmílson Caminha é categórico, quando diz no artigo “Danilo, Príncipe da Crônica”, publicado no *Jornal da ANE*, em agosto de 2012: “À despretensão e ao frescor do texto de Danilo Gomes, que o inscrevem na mais relevante linhagem da crônica brasileira, junte-se o interesse histórico com que se diferencia da maioria dos colegas, não fosse ele natural de Mariana, a primeira cidade de Minas, cheia de tradições e de memória, onde o passado é de tal maneira vivo que se faz um eterno presente.”

Eu dizia no início que esta Academia tem nomes da primeira linha da Literatura Brasileira. Nomes que outras entidades congêneres certamente gostariam de ter. Nomes como Cyro dos Anjos, Cândido Motta Filho, Abgar Renault, Dinah Silveira de Queiroz, Hermes Lima, Herberto Sales, Bernardo Élis e outros próceres da nossa literatura. A Academia Brasiliense de Letras não precisa de festas badaladas. A festa da Academia Brasiliense de Letras é a qualidade dos seus escritores. Ela precisava de Danilo Gomes. Agora o tem. Que bom, Danilo, você estar aqui. Seja bem-vindo.

(Auditório Cyro dos Anjos, da Associação Nacional de Escritores, 13 de novembro de 2017).

POSSE DE CARLOS HENRIQUE CARDIM

A Quarta Montanha

“No Brasil, há 4 montanhas, a serem conquistadas. Aprimeira educação, a segunda economia, a terceira política, e a mais elevada e íngremes 4, a montanha da cultura”. Pensamento atribuído ao Presidente Juscelino Kubitschek.

A realização plena de uma vida, no Brasil, na visão de JK, passa por 4 conquistas, chegando ao quarto patamar, o planalto da cultura. Realização não para se vangloriar, para posar de superior, mas para poder criar mais livre, poder compartilhar, poder dar e poder receber.

As Academias de Letras, as Academias de Ciências, os Institutos de Estudos estão nesta quarta montanha. Acompanhados, é claro, de suas bibliotecas.

A escalada da quarta montanha leva a um “plateau”, onde existe a possibilidade de ver, de teorizar, como disse Augusto Comte, de formular “doutrina que explicaria o conjunto do passado e obteria (...) a presidência mental do futuro”.

Melhor disse De Gaulle, ao repetir várias vezes, em sua vida pública: “Quando tudo vai mal e quando se procura uma decisão, há que olhar para o cume. Lá não há engarrafamentos”. Este é um dos muitos pensamentos do grande líder francês que estão no seu diálogo com André Malraux, no notável livro “Quando os robles se abatem”. E que esclarecem o De Gaulle interior. É uma obra que tem pouco precedentes, porque Voltaire se esqueceu da conversação que teve com Frederico, assim como Diderot a que teve com Catarina II.

Desta clareza de visão deriva, igualmente, a responsabilidade do intelectual e do político sobre os resultados e consequências práticas de suas idéias. Como sublinhou Max Weber, a ética

da convicção deve estar acompanhada da ética a responsabilidade.

Por falar em responsabilidade do intelectual, lembro aqui a recomendação muito concreta de Ortega y Gasset que todo acadêmico tem o dever de traduzir, ou promover a tradução, de pelo menos 1 livro importante por ano para sua sociedade.

Por fim, sobre o tema da responsabilidade do intelectual, é sempre bom destacar o momento no famoso “Mito da Caverna” de Platão, no qual o indivíduo que saiu da caverna e começa a ver o mundo real, com dores nos olhos ainda acostumado à escuridão, resolve voltar para contar a seus históricos companheiros da caverna as maravilhas dos descobrimentos que está a fazer. Este é um momento de forte generosidade, porque ele poderia ter decidido seguir caminho sozinho e solitário. É o sentimento de compromisso em compartilhar o bem alcançado que o faz dar os passos de volta para contar aos amigos aquilo novo que está conhecendo. “o gesto primário”.

O ato de posse na Academia Brasileira de Letras tem marca própria e especial, por se tratar de cerimônia com dois sentidos ao mesmo tempo.

Primeiro sentido é, como disse Lúcio Costa no seu projeto de Brasília, “gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse, dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja o próprio sinal da cruz”. Posse da cidade-capital. A maioria dos que estão aqui têm duas cidades: a natal e Brasília.

Segundo sentido, é posse em instituição criada há cerca de 50 anos, em 1968, por grupo de intelectuais - Almeida Fischer, Hermes Lima e Cândido Mota Filho, entre outros - para promover o estudo da nossa língua e de contribuir para a elevação cultural do povo brasileiro.

Agradeço, inicialmente, os colegas da Academia Brasileira de Letras pela indicação de meu

nome para integrar o seu convívio. Agradeço em particular o Presidente da AbrL, Professor Carlos Fernando Mathias de Souza e o Padre José Carlos Brandi Aleixo, pela gentileza de aceitar falar em nome da Academia para me receber.

A Academia Brasiliense de Letras tem a missão de ser uma das entidades fundadoras da cidade-capital. Ao fundar, também, funde talentos e aspirações vindas de todos os cantos do país.

A partir do novo centro do país recebe, cria e irradia patrimônio cultural local e nacional.

Vir para Brasília, no meu caso, como somente diplomata, no começo, igualmente, significou vir para o interior profundo do país, e potencialmente ir para o exterior, para o mundo. Dois movimentos em uma só ação.

A Academia, local de amizade, cume da quarta montanha, ponto de encontro de leituras, forja do novo, é também local gerador de tradição. Sinto-me bem ao fazer parte desta tradição.

Como bem disse San Tiago Dantas, “o primeiro requisito da cultura é a memória”.

No mesmo diapasão, quero sublinhar frase de Alceu Amoroso Lima que gostaria fosse o mote principal deste discurso:

“O passado não é o que passou.
É o que ficou do que passou”.

Celebração em ... Moscou!

Quero, inicialmente, explicar aos meus colegas acadêmicos e às amigas e amigos presentes, o motivo do atraso em marcar a cerimônia de minha posse. Nos últimos dois anos, 2015 e 2016, tive 3 cirurgias nos dois olhos: duas por cataratas, e uma terceira por causa de descolamento de retina no olho esquerdo, considerada a mais complicada operação oftalmológica e com risco real de cegueira..

Graças a Deus, e aos médicos Dr. Carlos Eduardo Arieta e Emerson Fernandes de Sousa

e Castro, recomendados pelos amigos Antonio Roberto Batista e Dante Alário Júnior, e, “last but not least”, o cuidado de Rosa, as cirurgias foram exitosas e após convalescência estou em fase final de recuperação.

Em se tratando de reunião na Academia de Letras da capital federal, tomo a liberdade de narrar, neste ambiente de amizade, fato que me ocorreu, após ter confirmado o sucesso na cirurgia de descolamento de retina. O médico liberou-me para viagens, inclusive internacionais, no final de 2015. Fui a Moscou representar o Brasil na Reunião dos Ministros de Ciência e Tecnologia dos BRICS.

Ao final do encontro, resolvi assistir um espetáculo no Teatro Bolshoi, e tive a sorte de encontrar um bom ingresso, na terceira fila da plateia. O programa desta noite era a ópera de Tchaikovsky “Iolanda”. Pouco conhecida esta obra, para meu espanto, trata justamente da questão da visão. É a história de uma princesa cega de nascença, que está prometida para um príncipe, que por sua vez está interessado em outra mulher... Acontece, no entanto, que um companheiro do príncipe se apaixona pela princesa cega, e comela deseja se casar. Confessa isso ao príncipe que compreende a situação, que é também boa para ele, e autoriza e abençoa o casamento de seu amigo.

E eu lá, na terceira fileira, com este enredo, com a música sublime de Tchaikovsky, tocada pela orquestra e o bailado e os cenários do Bolshoi... Encantamento estético e impacto do tema!

Chega ao momento final desta desconhecida e impactante ópera para mim. Mas, aí vem o instante culminante. A cena do casamento. A princesa, após várias tentativas de cura da cegueira, inclusive com um mago do Oriente, tem o diagnóstico da impossibilidade de cura pela medicina, mesmo a esotérica. Somente, diz o mago do Oriente, uma suprema força de vontade da princesa, e a intervenção divina poderá curá-la.

Cena final. Na cerimônia de casamento, a princesa começa a cantar! Tchaicovsky coroa sua obra com forte hino de ação de graças a Deus pelo dom da visão! E eu lá na terceira fila! Não poderia haver melhor celebração para mim que benção do grande compositor russo! Esta coincidência, óbvia com a mão oculta do Senhor, foi para mim uma dádiva gratuita de um verdadeiro milagre em Moscou.

Ao narrar este episódio ao colega Embaixador Marcos Azambuja. Ele, com seu conhecido senso de humor, disse-me: “Que beleza Cardim! Mas esta sua história me faz lembrar resposta do Senador Vitorino Freire, quando foi questionado sobre sua operação de descolamento de retina por jornalista à procura de manchete. Como todo político, Vitorino acreditava que homem público não deve falar de seus problemas de saúde. Assim respondeu à indagante jornalista: “Você entendeu errado o boato. O que tive foi um deslocamento de rotina; e não um descolamento de retina...”

No meu caso tive os dois. Minha viagem à Rússia já era a quarta em quatro anos. Posso dizer que Moscou entrou na minha rotina internacional. Tão firme como os tipos gráficos.

Conheci a Academia Brasileira de Letras (ABrL) pelas mãos de Waldemar Lopes (1911-2006), em 1974. Em visita ao amigo, em Brasília, encontrei-o, em sua casa, preparando o próximo número da revista da ABrL. Fazia a diagramação do texto, ultimava o projeto gráfico da capa e dava uma revisão geral do material. Foi um encontro, basicamente, de dois humildes e entusiastas cultores da edição de livros e revistas.

Waldemar Lopes é um nome metade pessoa, metade instituição como dizia Machado Assis definindo os Senadores do Império. Dispensa maiores apresentações aqui.

A relação de amizade, apesar da diferença de idade, e admiração surgiram a partir de grupo

de estudantes em São Paulo, que eu fazia parte, reunidos em torno de uma entidade nossa: o “Centro Latino Americano de Coordenação Estudantil CLACE”. Um dos membros da entidade, o hoje Professor Eiiti Sato, ganhou prêmio de concurso organizado pela OEA sobre o tema do Pan-Americanismo. Desta data em diante desenvolveu-se entre o Dr. Waldemar Lopes e os componentes do CLACE forte relação de amizade.

Waldemar e eu tínhamos um passado tipográfico. Ele, no município de Quipapá, em Pernambuco, em 1926, na fazenda da família, “Novo Horizonte”, que tinha pequena gráfica - provavelmente caso único no Brasil - onde Waldemar editava um jornalzinho semanário “O Ideal”. Eu, em São Paulo, onde participava ativamente de entidade cultural com colegas jovens, publicávamos vários jornais estudantis, e tínhamos, também, uma pequena gráfica.

Nossa amizade era tão firme como o chumbo dos tipos gráficos.

É motivo de alegria e celebração para mim ter Waldemar Lopes como “padrinho” nesta Casa das Letras de Brasília.

Em 1976, entrei para o Itamaraty, e vim servir em Brasília. A partir desta data, pude desfrutar mais amplamente do convívio com Waldemar e sua esposa Iraci Lopes.

Waldemar era um construtor de encontros no sentido que Romano Guardini expôs em seu livro sobre Sócrates.

Guardini, ao comentar os relacionamentos humanos e a dificuldade de verdadeira comunicação e autêntico diálogo entre as pessoas, destacava a importância dos indivíduos que logram estabelecer em torno de si áreas de real encontro com o outro. Assim se expressava: “Nem todas as personalidades facilitam na mesma medida o que se pode chamar de ‘encontro’, pois esse supõe um caráter especial. Um homem pode possuir qualidades admiráveis, mas tão peculiares, que estabele-

leçam uma barreira entre ele e quem se lhe aproxime. Outros logram influir mais intensamente, mas somente através de suas criações, enquanto eles mesmos, pessoalmente, se retiram de todo. Por outro lado, estão aqueles que cativam, humanamente, mas que, além disso, nada significam”. Para Guardini o homem que possibilita o “encontro” é um tipo raro e não abundante na história, e se caracteriza por “essa força do tocante e do comovedor na mais intensa medida”

Foi por este “tipo raro e não abundante” que tive a sorte de conhecer amigos futuros como Walter Costa Porto, parceiro em tantas empreitadas culturais, editoriais e políticas.

A lembrança de Waldemar Lopes tem tudo a ver com o espírito da Academia de ser ponte entre gerações.

A Cadeira número 11.

A mesa e a cadeira são símbolos marcantes da vida intelectual. O grande mestre Miguel Reale costumava dizer: “Vida intelectual é mesa!”. Esta cadeira, número 11, da Academia Brasileira de Letras, cujo patrono é Farias Brito, já foi ocupada por Hamilton Nogueira, e por José Carlos de Almeida Azevedo.

Hamilton de Lacerda Nogueira (1897 - 1981) nasceu em Campos, no Estado do Rio de Janeiro, em 1897. Formado em Medicina, teve papel de liderança no movimento leigo católico, no Centro Dom Vital. Iniciou a vida política, elegendo-se Senador à Assembleia Nacional Constituinte, pelo então Distrito Federal, em 1946, pela UDN, União Democrática Nacional. Foi Deputado Federal, nas Legislaturas de 1959 e 1963. Integrou o MDB. Escreveu ensaios sobre Jackson Figueiredo, Freud, Dostoiévski, Conrad e uma crítica sobre Macunaíma, elogiada por Mário de Andrade. Poliglota, aos 60 anos começou a estudar hebraico, chinês e dinamarquês, dedicando-se à pintura. Em 1948, indicou o nome de Oswaldo Aranha para o Prêmio Nobel da Paz.

José Carlos de Almeida Azevedo (1932-2010) foi oficial da Marinha do Brasil, Doutor em Física pelo MIT (EUA), Vice-Diretor do Instituto de Pesquisa da Marinha, e Reitor da UnB de 1976 a 1985. Joaquim Nabuco, em Balmaceda, assinala, nos membros da Marinha, “sua simpatia pelas idéias e pelas coisas que ele sabe ser universais, porque as encontrou à volta do Globo, nas diversas escalas do seu navio”. Dedicado ao tema da educação é autor do livro *Omissão da Universidade? Participou ativamente do debate de questões pedagógicas, por meio de artigos nos jornais “Folha de S. Paulo”, “O Estado de São Paulo” e “O Globo”.*

Foi Reitor da UnB, no período de transição política no Brasil, particularmente, na fase comandada pelo Ministro da Justiça Petrônio Portella, sob a liderança do Presidente Ernesto Geisel. Lembro-me o Presidente chileno, o notável político Patricio Aylwin, assinalar que o processo de transição “é uma delicada obra de relojoaria política”. Com avanços e recuos, fase tensa na qual o novo, apesar de vigoroso, ainda é frágil, e o antigo, apesar de superado, ainda não desapareceu. No bem sucedido caso brasileiro da transição, o que ficou foi um avanço da sociedade, acima de nome singulares, superior, ao que Marco Maciel tanto criticava, “a excessiva fulanização da política brasileira”.

Azevedo sempre esteve preocupado em atingir padrões de alta qualidade em seu labor universitário. Além da qualidade, teve também como prioridade a quantidade. Ou seja, aliar qualidade com quantidade era seu maior desafio. Exemplo desta prioridade, foi o acordo firmado entre a UnB e a Open University britânica, para assimilar a metodologia de ensino à distância, e lançar no Brasil os primeiros cursos de extensão nessa modalidade de educação, produzidos pelo Decanato de Extensão e pela Editora UnB, nas áreas de Ciência Política e Relações Internacionais.

O Reitor Azevedo sempre deu apoio total à edição de livros pela UnB, com projeto próprio e em co-edições. Implantou-se, assim, a Editora UnB como a primeira “academic press” no Brasil, no estilo da Harvard, Oxford e Cambridge. Quando se fala em implantar uma editora, deve-se ter em mente o número mínimo de 500 títulos em seu fundo editorial. De 1978 a 1985, a Editora UnB alcançou marca de cerca de 700 títulos, entre obras publicadas e negociadas.

Nesse contexto, foram convidados destacados nomes brasileiros e estrangeiros para virem a Brasília participar dos “Encontros Internacionais da UnB”, como por exemplo, Karl Deutsch, Raymond Aron, Maurice Duverger, Norberto Bobbio, Gilberto Freyre, Afonso Arinos, Miguel Reale, John Kenneth Galbraith, Robert Dahal e Richard Leakey.

Destaca-se, igualmente, a promoção pela UnB em 1976 de importante encontro acadêmico internacional reunindo cerca de 25 grandes nomes acadêmicos, de variadas tendências - conservadores, liberais, socialistas e marxistas - presidido pelo Embaixador Roberto Campos.

A respeito da contribuição cultural da Editora UnB, sublinhou um título, entre dezenas de expressiva relevância: a tradução por primeira vez para o português da obra de Max Weber *Economia e Sociedade*, o maior clássico das Ciências Sociais do século XX. Ao ler, recentemente, texto de 1957 de Hermes Lima, um dos fundadores de nossa Academia, verifiquei as constantes referência do mestre bahiano a Weber. Lembrei-me que, nos anos 1970, estudei Weber pela gloriosa edição do *Fundo de Cultura Econômica do México*, fundado em 1934, cujas edições, à época em que fiz faculdade, constituíam verdadeira “universidade de ciências sociais na América Latina”.

A contribuição editorial e de atividades de extensão da UnB, no período de 1976 a 1985, tem sido considerada por analistas como passos rele-

vantes no processo de abertura democrática no Brasil.

No período de 1978 a 1983 ocupei os cargos de Decano de Extensão da Universidade de Brasília (UnB), e Presidente do Conselho Editorial da Editora da UnB.

A capital vai, assim, se construindo como cidade universitária, também. José Bonifácio, que a batizou com o nome de Brasília, defendia que a primeira universidade brasileira deveria ser instalada em São Paulo por ser mais saudável para os alunos e professores do que o Rio de Janeiro. Hoje, José Bonifácio preferiria, sem dúvida, Brasília. Sócrates sertanejo.

Farias Brito (São Benedito, Ceará, 1862 - Rio de Janeiro, 1917) abre o primeiro capítulo, de sua obra *Finalidade do Mundo*, com a afirmação de que “As duas manifestações fundamentais do espírito humano na marcha geral da sociedade são a política e a filosofia. A política dá em resultado o direito; a filosofia dá em resultado a moral. (...) moral é fim da filosofia”.

Fica evidente o patrocínio de Sócrates ao pensador cearense que vê no sábio ateniense seu maior patrono espiritual e intelectual. Na visão socrática de Farias Brito, a filosofia era um aprendizado existencial da morte, e o reconhecimento racional de que “só sei que nada sei”. Diz ele “tudo em minha vida está subordinado a esse pensamento”.

Nas palavras de Nestor Victor, Farias Brito era “um sertanejo que se fez sábio e um sábio que achou melhor ser um santo. Saiu, por isso, um filósofo à maneira de Sócrates, filósofo principalmente para conhecer-se a si mesmo e aprender a morrer, no que ainda traduziu a tristeza ensimesmada do homem do sertão”. Um encontro com Karl Popper.

Sócrates é o primeiro clássico. Fundador do pensar no Ocidente. Karl Popper, um dos maiores

filósofos do século XX, considera “A Apologia de Sócrates”, o melhor texto da Filosofia.

Tivemos, eu e o Padre Aleixo, o privilégio de um encontro com Popper, em sua residência em Londres. Lembro-me que, no jardim enquanto tomávamos chá com o Mestre, fiz um comentário para Popper elogiando a bela e enorme árvore a nosso lado. Popper, então me respondeu: “Você tem razão. É uma linda árvore. Plenamente crescida e realizada. Minha mulher e eu a plantamos, quando comecei a dar aulas na “London School of Economics LSE”, no anos 40. Lecionava Filosofia e Ciência. Veja só: Hoje a árvore está completa. E eu tenho mais dúvidas e perguntas do que há 40 anos atrás!”.

Era o eco do ensinamento de Sócrates: “tudo que sei é que nada sei”. Farias Brito, Pará e Platão.

Essa profunda afinidade de Farias Brito e Sócrates tem uma passagem bastante curiosa. Como foi dito, Farias passou relevante etapa de sua vida em Belém do Pará, de 1902 a 1909. Nesse período, publica o terceiro volume de *Finalidade do Mundo e a obra A Verdade como Regra das Ações*. Além de advogar, dá aulas de Filosofia na Faculdade de Direito.

A profícua produção acadêmica de Farias Brito em Belém desmente a tão propagada tese que no fundo é um preconceito sobre a dificuldade dos climas quentes e tropicais para as tarefas superiores do pensamento.

Ainda como desmentido ao preconceito, assinalo que, em 1980, após 70 anos da passagem de Farias Brito por Belém, a Universidade Federal do Pará (UFPA) inicia uma publicação que honra a vida cultural do Brasil: a tradução do grego por Carlos Alberto Nunes das obras completas de Platão. É iniciativa a nível das melhores editoras universitárias do mundo como Oxford, Harvard, Cambridge e “Belles Letres”. O primeiro volume com a “Apologia de Sócrates”, ganhei do então Se-

nador e ex-Reitor da UFPA, Aluisio Chaves. Chamei-me a atenção que o “Corpus Platonicum” fosse editado dentro da “Coleção Amazônica”, na “Série Farias Brito” da UFPA. Traço provinciano? Não, na verdade, homenagem ao semeador da generosa e forte semente das idéias filosóficas em solo paraense. Como disse Djacir Menezes: “Como historiador e expositor dos sistemas da filosofia moderna foi realmente excepcional”. Língua e Filosofia.

Barreto Filho, em introdução à obra de Farias Brito, detectou com argúcia que: “Para que um povo possa se ligar intimamente ao trabalho filosófico universal é necessário, antes de mais nada, que alguém pense na sua língua o que já foi pensado por outros. A linguagem é instrumento não só de transmissão, mas de assimilação de idéias, e cada língua corresponde a uma mentalidade que, para pensar, necessitasse de sistema próprio de expressão. A linguagem filosófica, mais trabalhada em Portugal por um Manuel Bernardes ou um Frei Heitor Pinto, era de extrema penúria no Brasil. Não conseguimos formar nenhum centro de estudos filosóficos, e o positivismo acabou proscrevendo das nossas escolas o próprio ensino da filosofia. Nesse longo hiato, encerrado pelas nossas atuais faculdades de Filosofia, Farias Brito é o solitário detentor entre nós da tradição filosófica. Repensou por si mesmo todas as doutrinas e formou um instrumento de expressão adequado para fixá-las e transmiti-las”.

Destacar a relação entre língua e Filosofia é a melhor maneira de terminar este discurso na “Academia Brasileira de Letras”, que prevê em seus Estatutos, entre seus objetivos principais, o de cultivar a língua.

Certa vez indagaram a Confúcio - por sinal contemporâneo de Sócrates - qual deveria ser a primeira tarefa de um governante. Ao que o mestre respondeu: “Definir as palavras”. Laborar e encontrar, como queria Gustave Flaubert, “le jus-

te mot”. A palavra certa. Com as palavras denossa língua não somente pensamos, mas também construímos o presente e o porvir.

No início desta oração, lembrei a frase de Alceu Amoroso Lima: “O passado não é o que passou. É o que ficou do que passou”. Inspirado por Tristão de Athayde, cujos artigos me guiaram na adolescência, e por Brasília, a capital da esperança, nas palavras de André Malraux, ousei dizer que “O futuro não é o que virá. Será o que plantarmos no presente”. Plantarmos com pensamentos e palavras na nossa língua.

Referências.

- Abreu, Alzira Alves de. Beloch, Israel. Lattman-Weltman, Fernando. Lamarão, Sérgio Tadeu de Niemeyer. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós- 1930*, 5 volumes. Editora FGV, Rio de Janeiro. 2001.
- Arinos, Afonso. *Obra Completa*. Volume Único. Organizado sob a direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- Azevedo, José Carlos de Almeida. *Omissão da Universidade?* Editora Artenova, Rio de Janeiro. 1978.
- Azevedo, José Carlos de Almeida. Marinho, Roberto. *Perspectivas para Educação Brasileira - os Meios de Comunicação*. Escola Superior de Guerra, ESG, Rio de Janeiro. 1981.
- Braga, Milton. *O Concurso de Brasília: sete projetos para uma capital*. CosacNaify. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Museu da Casa Brasileira, São Paulo. 2010.
- Cardim, Carlos Henrique. Varnhagen: o descobridor de Brasília in Lima, Sérgio Eduardo Moreira. Varnhagen (1816 - 1878) Diplomacia e Pensamento Estratégico. Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília. 2016.
- Carvalho, Laerte Ramos de. *A Formação Filosófica de Farias Brito*. Editora da Universidade de São Paulo. Saraiva S.A. - Livres Editores. São Paulo. 1977.
- Confúcio. *Os Analectos*. Tradução, comentários e notas de Giorgio Sinedio. Editora UNESP, São Paulo. 2011.
- Cornford, F.M.. *Before and After Socrates*. Cambridge University Press, Cambridge. 1996.
- Cruz Costa, João. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. 1956.
- Czerna, Renato Cirell. *Panorama filosófico brasileiro in anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia*. Instituto Brasileiro de Filosofia, Reitoria da Universidade de São Paulo. 1950.
- Coutinho, Fabio de Sousa. Horta, Anderson Braga. *Na cadeira de Castro Alves*. Posse na Academia Brasileira de Letras. Thesaurus Editora, Brasília. 2013.
- Cunha, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos in Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. V.2.
- Farias Brito, Raimundo de. *O Mundo Interior*. Ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito. Senado Federal, Brasília. 2006.
- Farias Brito, Raimundo de. *Finalidade do Mundo*. Estudos de Filosofia e teleologia Naturalista. Tomos I, II e III. Senado Federal, Brasília. 2012.
- Farias Brito, Raimundo de. *Inéditos e Dispersos*. Senado Federal, Brasília. 2006.
- Farias Brito, Raimundo de. *A Base Física do Espírito*. Senado Federal, Brasília. 2006.
- Freyre, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Processo de desintegração das sociedades patriarcais e semipatriarcais no Brasil sob o regime de trabalho livre; aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república. Global Editora, São Paulo. 2004.
- Freyre, Gilberto. *Um mestre sem discípulos in Perfil de Euclides e outros perfis*. Global Editora e Distribuidora Ltda., São Paulo. 2011.
- GDF. *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil*. Relatório Cruls. Brasília: Governo do Distrito Federal, 1987.
- Guardini, Romano. *La Muerte de Sócrates*. Emecé Editores, Buenos Aires. 1997.
- IBGE. *Veredas de Brasília: as expedições geográficas em busca de um sonho*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- Jaime, Jorge. *História da Filosofia no Brasil*, volume 1. Editora Vozes, Petrópolis. 1997.
- John Paul. *Socrates. A Man of Our Times*. Penguin Books, London. 2011.
- Kierkegaard, Soren. *Spiritual Writings*. Gift, Creation, Love. Selection from the Upbuilding Discourses. Selected, translated, and with an introduction by George Pattison. HarperCollins, New York. 2010.
- Lima, Hermes. *Idéias e Figuras*. Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação. “Coleção Vida Brasileira”, dirigida por José Simeão Leal. Rio de Janeiro. 1957.
- Machiavelli, Niccolò. *Il Principe*. Introduzione e note di Federico Chabod. A cura di Luigi Firpo. Giulio Einaudi editore, Torino. 1981.
- Malraux, André. *Les Chênes qu’on abat... . Le Miroir des Limbes*. “Oh! Quel farouche bruit font dans le crépuscule. Les chênes qu’on abat pour le bûcher d’Hercule! Victor Hugo. Gallimard, nrf, Paris. 1971.
- Malraux, André. *Quando os Robres se abatem*. Edição Livros do Brasil, Lisboa. 1971.
- Menezes, José Rafael de. *Waldemar Lopes e os outros*. Recife. 1997.
- Morrison, Donald R. (org.). *Sócrates. The Cambridge Companion to Socrates*. Editora Idéias & Letras, São Paulo. 2016.
- Mossé, Claude. *O Processo de Sócrates*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. 1990.
- Nabuco, Joaquim. Balmaceda. Prefácio Carlos Henrique Cardim. Senado Federal, Brasília. XXXX
- Nunes, Benedito in “Revista do Livro”, número 25, ano VI, março de 1964.
- Paim, Antonio. *História das Idéias Filosóficas no Brasil*. XXXXXXXXXX
- Platão. *Diálogos*. Volume I - II. Apologia de Sócrates. Critão. Menão. Hípias Maior e outros. Tradução Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, Belém. “Coleção Amazônica”; “Série Farias Brito”; “Diálogos de Platão”. 1980.
- Platão. *Apologia de Sócrates*. Criton. Tradução Carlos Alberto Nunes. Editor convidado Plínio Martins Filho. Organização Benedito Nunes & Victor Sales Pinheiro. Texto Grego John Burnet. Editora da Universidade Federal do Pará, ed.ufpa, Belém. 2015.
- Platão. *Apologia de Sócrates*. Criton. Introdução, versão do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério. Editora UnB, Brasília. 1997.
- Rabello, Sylvio. *Farias Brito ou uma aventura do Espírito*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 1967.
- Silva, Domingos Carvalho da. *Homenagem aos Fundadores in “Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano XI, número 13, Brasília, 1993. P. 11-14.
- Serrano, Jônatas. *Farias Brito - o homem e a obra*. Companhia Editora Nacional, Coleção “Brasiliense”, São Paulo. 1939.
- Varnhagen, Francisco Adolfo de. *A questão da capital: marítima ou no interior? Viena d’Áustria: Imp. do filho de Carlos Gerold, 1877*. (edição fac-similar à da Imprensa Nacional 1935). Brasília: Editora Thesaurus, 1978.
- Abreu, Alzira Alves de. Beloch, Israel. Lattman-Weltman, Fernando. Lamarão, Sérgio Tadeu de Niemeyer. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós- 1930*, 5 volumes. Editora FGV, Rio de Janeiro. 2001.
- Arinos, Afonso. *Obra Completa*. Volume Único. Organizado sob a direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

- Azevedo, José Carlos de Almeida. *Omissão da Universidade?* Editora Artenova, Rio de Janeiro. 1978.
- Azevedo, José Carlos de Almeida. Marinho, Roberto. *Perspectivas para Educação Brasileira - os Meios de Comunicação*. Escola Superior de Guerra, ESG, Rio de Janeiro. 1981.
- Braga, Milton. *O Concurso de Brasília: sete projetos para uma capital*. CosacNaify. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Museu da Casa Brasileira, São Paulo. 2010.
- Cardim, Carlos Henrique. *Varnhagen: o descobridor de Brasília* in Lima, Sergio Eduardo Moreira. *Varnhagen (1816 - 1878) Diplomacia e Pensamento Estratégico*. Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília. 2016.
- Carvalho, Laerte Ramos de. *A Formação Filosófica de Farias Brito*. Editora da Universidade de São Paulo. Saraiva S.A. - Livres Editores. São Paulo. 1977.
- Confúcio. *Os Analectos. Tradução, comentários e notas de Giorgio Sinedio*. Editora UNESP, São Paulo. 2011.
- Cornford, F.M.. *Before and After Socrates*. Cambridge University Press, Cambridge. 1996.
- Cruz Costa, João. *Contribuição à História das Idéias no Brasil. O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. 1956.
- Czerna, Renato Cirell. *Panorama filosófico brasileiro in anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia*. Instituto Brasileiro de Filosofia, Reitoria da Universidade de São Paulo. 1950.
- Coutinho, Fabio de Sousa. Horta, Anderson Braga. *Na cadeira de Castro Alves. Posse na Academia Brasileira de Letras*. Thesaurus Editora, Brasília. 2013.
- Cunha, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos in Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. V.2.
- Farias Brito, Raimundo de. *O Mundo Interior. Ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito*. Senado Federal, Brasília. 2006.
- Farias Brito, Raimundo de. *Finalidade do Mundo. Estudos de Filosofia e teleologia Naturalista. Tomos I, II e III*. Senado Federal, Brasília. 2012.
- Farias Brito, Raimundo de. *Inéditos e Dispersos*. Senado Federal, Brasília. 2006.
- Farias Brito, Raimundo de. *A Base Física do Espírito*. Senado Federal, Brasília. 2006.
- Freyre, Gilberto. *Ordem e Progresso. Processo de desintegração das sociedades patriarcais e semipatriarcais no Brasil sob o regime de trabalho livre; aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república*. Global Editora, São Paulo. 2004.
- Freyre, Gilberto. *Um mestre sem discípulos in Perfil de Euclides e outros perfis*. Global Editora e Distribuidora Ltda., São Paulo. 2011.
- GDF. *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil*; Relatório Cruls. Brasília: Governo do Distrito Federal, 1987.
- Guardini, Romano. *La Muerte de Sócrates*. Emecé Editores, Buenos Aires. 1997.
- IBGE. *Veredas de Brasília: as expedições geográficas em busca de um sonho*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- Jaime, Jorge. *História da Filosofia no Brasil, volume 1*. Editora Vozes, Petrópolis. 1997.
- John Paul. *Socrates. A Man of Our Times*. Penguin Books, London. 2011.
- Kierkegaard, Soren. *Spiritual Writings. Gift, Creation, Love. Selection from the Upbuilding Discourses. Selected, translated, and with an introduction by George Pattison*. HarperCollins, New York. 2010.
- Lima, Hermes. *Idéias e Figuras*. Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação. "Coleção Vida Brasileira", dirigida por José Simeão Leal. Rio de Janeiro. 1957.
- Machiavelli, Niccoló. *Il Principe. Introduzione e note di Federico Chabod. A cura di Luigi Firpo*. Giulio Einaudi editore, Torino. 1981.
- Malraux, André. *Les Chênes qu'on abat... Le Miroir des Limbes. "Oh! Quel farouche bruit font dans le crépuscule. Les chênes qu'on abat pour le bûcher d'Hercule! Victor Hugo*. Gallimard, nrf, Paris. 1971.
- Malraux, André. *Quando os Robles se abatem*. Edição Livros do Brasil, Lisboa. 1971.
- Menezes, José Rafael de. *Waldemar Lopes e os outros*. Recife. 1997.
- Morrison, Donald R. (org.). *Sócrates. The Cambridge Companion to Socrates*. Editora Idéias & Letras, São Paulo. 2016.
- Mossé, Claude. *O Processo de Sócrates*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. 1990.
- Nabuco, Joaquim. *Balmaceda. Prefácio Carlos Henrique Cardim*. Senado Federal, Brasília. XXXX
- Nunes, Benedito in "Revista do Livro", número 25, ano VI, março de 1964.
- Paim, Antonio. *História das Idéias Filosóficas no Brasil*. XXXXXXXXXX
- Platão. *Diálogos. Volume I - II. Apologia de Sócrates. Critão. Menão. Hípias Maior e outros. Tradução Carlos Alberto Nunes*. Universidade Federal do Pará, Belém. "Coleção Amazônica"; "Série Farias Brito"; "Diálogos de Platão". 1980.
- Platão. *Apologia de Sócrates. Criton. Tradução Carlos Alberto Nunes. Editor convidado Plínio Martins Filho. Organização Benedito Nunes & Victor Sales Pinheiro. Texto Grego John Burnet*. Editora da Universidade Federal do Pará, ed.ufpa, Belém. 2015.
- Platão. *Apologia de Sócrates. Criton. Introdução, versão do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério*. Editora UnB, Brasília. 1997.
- Rabello, Sylvio. *Farias Brito ou uma aventura do Espírito*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 1967.
- Silva, Domingos Carvalho da. *Homenagem aos Fundadores* in "Revista da Academia Brasileira de Letras, ano XI, número 13, Brasília, 1993. P. 11-14.
- Serrano, Jônatas. *Farias Brito - o homem e a obra*. Companhia Editora Nacional, Coleção "Brasileira", São Paulo. 1939.
- Varnhagen, Francisco Adolfo de. *A questão da capital: marítima ou no interior? Viena d'Áustria: Imp. do filho de Carlos Gerold, 1877. (edição fac-similar à da Imprensa Nacional 1935)*. Brasília: Editora Thesaurus, 1978.

RECEPÇÃO DE CARLOS HENRIQUE CARDIM POR JOSÉ CARLOS BRANDI ALEIXO

I. INTRODUÇÃO

É muito auspicioso o ingresso, em nossa Academia, do Embaixador Carlos Henrique Cardim. Sua condição de diplomata convida-nos a refletir, brevemente que seja, sobre a dimensão internacional de nossa cidade e também de nosso ateneu.

Vale ressaltar — fato inédito na história de capitais nacionais — que, antes de sua festiva inauguração aos 21 de abril de 1960, Brasília recebeu a grata visita de sete presidentes da República. São eles, em ordem cronológica: Alfredo Stroessner, do Paraguai, em 2 de maio de 1957; Francisco Higino Craveiro Lopes, de Portugal, em 21 de junho de 1957; Ramón Villeda Morales, de Honduras, em 9 de junho de 1958; Giovanni Gronchi, da Itália, em 8 de setembro de 1958; Ahmed Sukarno, da Indonésia, em 19 de maio de 1959; Adolfo Lopes Mateos, do México, em 21 de janeiro de 1960; Dwight Eisenhower, dos Estados Unidos, em 23 de fevereiro de 1960.

No mesmo período, vieram à futura capital numerosas outras autoridades políticas, artísticas, literárias e religiosas. São exemplos: Primeiro Ministro do Japão, Nobuske Nischi; Primeiro Ministro de Cuba, Fidel Castro; o Príncipe dos Países Baixos, Bernardo de Lippe-Biesterfeld; os Duques de Luxemburgo, Jean e Josephine Charlotte; a Chanceler de Israel, Golda Meir; o Príncipe Herdeiro do Japão, Mikasa, e a Princesa Mi-

chico; o Presidente eleito da Colômbia, Alberto Lleras Camargo; o Secretário de Estado dos Estados Unidos, John Foster Dulles; o Chanceler italiano, Amintore Fanfani; o Ministro de Assuntos Culturais da França, André Malraux; a bailarina Margot Fonteyn (descendente de avós paternos brasileiros de sobrenome “Fontes”); o escritor norte-americano, John dos Passos; o escritor inglês, Aldous Huxley; o cineasta Frank Cafrá; e o jornalista luso, Ferreira de Castro.

As cerimônias da inauguração da capital, em 21 de abril de 1960, começaram com a celebração da Santa Missa pelo Legado Pontifício Dom Manuel Cerejeira — Patriarca de Lisboa —, presentes altas autoridades do Brasil e do exterior.

É gratificante ressaltar que vários diplomatas brasileiros estão na história da nossa Academia. São membros dela, atualmente, os Embaixadores José Oswaldo de Meira Penna e Luís Cláudio Pereira Cardoso. Há também no nosso silogeu numerosos parentes de diplomatas. Valha o exemplo de nossa confreira Margarida Patriota, irmã de Antonio de Aguiar Patriota (Ex-Chanceler) e de Guilherme de Aguiar Patriota. Os três são filhos do Embaixador Antonio Patriota. Nossa confreira Tânia Rebelo Costa Serra é casada com o Embaixador Luís Fernando de Andrade Serra.

É muito significativo que o Ministério das Relações Exteriores, de notável beleza arquitetônica (Palácio dos Arcos), esteja muito próximo da Praça dos Três Poderes.

A construção de Brasília incentivou a abertura de novas estradas de norte a sul e de leste a oeste. Isso contribuiu, como já ressaltaram Carlos Henrique Cardim e outros estudiosos, para transformar o Brasil de arquipélago em continente.

No território de Brasília há afluentes que pertencem às bacias do Prata e do Amazonas. Em Brasília, representantes de oito países, em 3 de julho de 1978, firmaram o Tratado de Cooperação

Amazônica. Em 1995 foi criada a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA). Em 1998 estabeleceu-se a Secretaria Permanente da OTCA, com sede na nova capital brasileira.

Para melhor situar a presença do recipiente e a minha neste fausto acontecimento, vale recordar alguns fatos. O Palácio do Itamaraty em Brasília inaugurou-se em 20 de abril de 1970. No segundo semestre de 1975, o Instituto Rio Branco — fundado no Rio de Janeiro em 20 de abril de 1945 — transferiu-se para a nova capital. Seu novo Diretor, Ministro Sérgio Fernando Guaricchi Bath teve como Assistente o Secretário Carlos Henrique Cardim, recém aprovado em Concurso Direto. As aulas para os alunos do primeiro ano do Curso de Preparação para a Carreira Diplomática (CPCD) iniciaram-se em Brasília em abril de 1976.

Importante novidade introduzida com a transferência do curso Rio Branco para Brasília foi a matrícula, como alunos regulares, de dois estrangeiros provindos do Equador e de “Côte D’Ivoire”.

Vários professores da Universidade de Brasília foram convidados para lecionar matérias que haviam sido ministradas, anteriormente, por docentes que permaneceram na Bela Cap. Entre eles, o que agora faz uso da palavra. Por feliz coincidência, a Universidade de Brasília havia realizado, em 1974, o primeiro vestibular para o Curso de Relações Internacionais. Assim, cresceu a cooperação entre a UnB e o Itamaraty. Vários docentes da UnB assumiram matérias no Rio Branco e vários diplomatas passaram a ensinar na UnB, entre eles o próprio Carlos Henrique Cardim.

No princípio de 1976 assumi a chefia do novo Departamento de Ciência Política e de Relações Internacionais da Universidade de Brasília. O diplomata Carlos Henrique Cardim aceitou, prontamente, lecionar a matéria “Introdução ao Estudo de Relações Internacionais” (IERI).

Assim, em contatos no Itamaraty e na UnB, pude apreciar os altos predicados de nosso novo confrade. Acompanhava ele eventos acadêmicos importantes no Brasil e no exterior. Soube, por ele, do X Congresso Mundial da IPSA (“International Political Science Association”), em agosto de 1976, em Edimburgo. Comparecemos a ele e fomos, em Londres, à residência do famoso Professor Karl Popper (1902-1994). Também, em conversas acadêmicas com Carlos Henrique Cardim, soube que o diplomata brasileiro, Nestor dos Santos Lima, então sediado em Caracas, estava preparando o livro *La Imagen de Brasil en las Cartas de Bolívar*. Foi ele publicado, em 1978, pelo Banco do Brasil com esmerado Prefácio do grande bolivariano venezuelano, José Luis Salcedo-Bastardo. Seja-me permitido ressaltar que dirige esta nossa sessão o também Presidente da Sociedade Bolivariana da República Federativa do Brasil, Ministro Carlos Fernando Mathias de Souza.

Os ilustres fundadores de nosso grêmio literário, registrado em Cartório aos 26 de abril de 1968, souberam, sabiamente, incluir, entre nossos quarenta patronos, dois eminentes embaixadores: o pernambucano Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910) e o maranhense José Pereira Graça Aranha (1868-1931). Em 20 de julho de 1897, ambos foram membros fundadores da Academia Brasileira de Letras.

2. ASCENDENTES DE CARLOS HENRIQUE CARDIM

Seu bisavô materno, Johan Brygelson Stål, sueco, foi gerente de importante indústria em Estocolmo. Veio ao Brasil, em 1891, aos 33 anos, com planos de fundar fábrica de porcelana. Trazia recursos para esse fim. Infelizmente, faleceu vítima da cruel febre amarela e foi sepultado no

Rio de Janeiro. Sua esposa, Agnes Alexandra Stäl, também sueca, decidiu permanecer no Brasil. Fixou-se com a pequena filha Sigrid Stäl em São Paulo. Sigrid Stäl, futura avó materna, casou-se, em Botucatu, com Abílio de Almeida, líder empresarial, de ascendência portuguesa. Foi Diretor da Associação Comercial de Botucatu.

O futuro avô paterno, José da Mata Cardim, nascido na cidade pernambucana de Caruaru, mudou-se para São Paulo onde exerceu sua profissão de advogado. Colaborou com o amigo Marechal Rondon na defesa dos indígenas. Sua esposa, Ana Cândida Cardim, da família Luz, era natural de Minas Gerais. Walfrido Henrique Cardim era médico pediatra. Sua esposa, Adauta de Almeida Cardim, era educadora em saúde pública. Deles nasceu Carlos Henrique Cardim, em São Paulo, em 1948.¹

3. FORMAÇÃO

Frequentou os cursos Primário e Ginásial na cidade de São Paulo, no Colégio Imaculada Conceição, sob a égide dos frades franciscanos (OFM – “Ordo Fratrum Minorum”), cuja máxima é “Paz e Bem” (“Pax et Bonum”).

Também na capital do mesmo Estado diplomou-se no Curso Científico do Colégio São Luís, dirigido pelos jesuítas, cuja máxima é “Para a maior glória de Deus” (“Ad maiorem Dei gloriam”).

Em salas de aula, conferências, leituras e conversações, conheceu muito da história da Companhia de Jesus, particularmente no Brasil. Familiarizou-se não só com obras de São José de

Anchieta e de Manuel da Nóbrega — fundadores da cidade de São Paulo —, mas também de outros inacianos, entre os quais merece destaque o Padre Fernão Cardim (1549-1629), de sobrenome igual ao seu.² Fernão Cardim teve dois irmãos e sobrinhos jesuítas. Chegou ao Brasil em 1583. Foi Reitor dos colégios da Bahia e do Rio de Janeiro, e também Provincial do Brasil. Sua obra *Narrativa Epistolar de uma Viagem e Missão Jesuítica* é considerada pelo Barão do Rio Branco “documento de alto valor para quantos estudam o Brasil do século XVI”.³

Em 1974 graduou-se em Sociologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Em 1994 doutorou-se em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Nesse ano foi defendida e aprovada sua tese *A Anomia, Realidades e Teorias*. Foi seu orientador o renomado Professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão.

Em 2000, no Centro de Altos Estudos (CAE) do Instituto Rio Branco, defendeu a tese *A Contribuição de Rui Barbosa e sua Atualidade*.

4. FUNÇÕES EDITORIAIS E ACADÊMICAS

Carlos Henrique Cardim tem unido frutuosamente atividades diplomáticas e acadêmicas. Destacou-se como editor e autor de obras importantes. Ao longo dos anos, foi membro de vários Conselhos Editoriais, inclusive na condição de Presidente. Destacam-se, particularmente, seus relevantes misteres na Universidade de Brasília e no Ministério das Relações Exteriores (Instituto

1 Para melhor conhecer uma personalidade é importante lembrar a indagação de Lord Byron (1788-1824): “Não são as montanhas, as ondas e os céus parte de mim como eu deles?”. BYRON, Lord. *Childe Harold's Pilgrimage*. London: John Murray, Albemarle Street, 1859. Estrofe LXXVI, p. 162.

2 Carlos Henrique Cardim morou muitos anos em logradouro denominado Fernão Cardim.

3 1) BARÃO DO RIO BRANCO. “Dia 27 de janeiro de 1625”. *Efemérides Brasileiras*. Vol. VI-A da coleção “Obras do Barão do Rio Branco”. Brasília: FUNAG, 2012, p. 88. O Padre Serafim Leite cita essa frase do Barão do Rio Branco em sua obra *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1949, tomo VII, p. 5).

de Pesquisas de Relações Internacionais – IPRI – da Fundação Alexandre de Gusmão - FUNAG).

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Na gestão de Carlos Henrique Cardim, a Editora Universidade de Brasília publicou mais de quatrocentos títulos de livros.

Foram primordiais as gestões de Carlos Henrique Cardim para o nascimento de importantes periódicos. São exemplos: em 1976 a *Revista Documentação e Atualidade Política*, com o apoio do Departamento de Ciência Política e de Relações Internacionais da UnB e do Senado Federal; em 1978 a *Revista de Relações Internacionais*, com o apoio do Departamento de Ciência Política e de Relações Internacionais da UnB e da Câmara dos Deputados; em 1980 a *Revista Humanidades*, com o apoio da Universidade de Brasília, da Fundação Roberto Marinho e da Shell.

Como Decano de Extensão da Universidade de Brasília, Carlos Henrique Cardim organizou, de 10 a 14 de setembro de 1979, importante “Encontro da UnB” com cientistas sociais brasileiros e estrangeiros. O tema foi “Alternativas de Políticas Econômicas e Sociais até o final do século”. Sobre essa iniciativa histórica, ele preparou exposição a ser apresentada em 18 de abril de 2017, no prédio do Itamaraty no Rio de Janeiro. Na oportunidade, será lançada Antologia preparada pelo Ministro Paulo Roberto de Almeida.

Como Presidente do Conselho Editorial da Editora Universidade de Brasília, Carlos Henrique Cardim lançou a série “Cadernos da UnB” objetivando “a divulgação de textos selecionados de alta qualidade, com especial interesse como leitura acadêmica ou que apresentem temas contemporâneos”. Exemplo eloquente é o livro *Teoria Política*, que, em 1979, estudou os renomados autores: Aristóteles, Tomás de Aquino, Maquiavel, Locke, Adam Smith, Rousseau, John Stuart Mill,

Hegel, Marx, Hannah Arendt, Marcuse, Popper e Karl W. Deutsch.

O Professor Cardim levou à Universidade de Brasília muitos acadêmicos de renome, tais como: Afonso Arinos de Melo Franco, Ernesto Gardner, Gilberto Freyre, John Kenneh Galbraith, Leszek Kola Kouski, Mario Vargas Llosa, Maurice Duverger, Miguel Reale, Norberto Bobbio, Raymond Aron e Robert Dahl. Nesse contexto, a Universidade de Brasília publicou obras de Afonso Arinos e de Gilberto Freire.

Cardim manteve importantes vínculos com Norberto Bobbio (1909-2004). Visitou-o em sua residência em Turim. O mestre italiano mostrou-lhe sua biblioteca e seu escritório. Modestamente, Bobbio considerava-se um anão: “Se vi mais longe, foi porque subi em ombros de gigantes”. Cabe ressaltar que essa figura de linguagem foi utilizada anteriormente por Antônio Vieira (1608-1697) e Isaac Newton (1642-1727). O Professor Cardim comentou que, em 1994, em Madri, encontrou, inopinadamente, o livro de Robert K. Merton: *On The Shoulders of Giants*.⁴

A Editora Universidade de Brasília foi a primeira a publicar — em português, no Brasil — o livro de Bobbio *A Teoria das Formas de Governo*. Em 2001 já se encontrava na sua 13ª edição. O título original foi *La teoria delle forme di governo nella storia del pensiero politico: anno accademico 1975-76*. Há dois Prefácios: o do próprio Norberto Bobbio, de 1981, intitulado “Prefácio para a edição brasileira”; e o de Celso Lafer. Bobbio analisa autores como Platão, Aristóteles, Políbio, Maquiavel, Bodin, Hobbes, Vico, Montesquieu, Hegel e Marx.

O Professor Cardim organizou e apresentou a obra *Bobbio no Brasil: um retrato intelectual*, publicada, em 2001, pela Editora Universidade de Brasília e pela Imprensa Oficial. O livro conta

⁴ CARDIM, Carlos Henrique. *Bobbio no Brasil: um retrato intelectual*. Brasília: Editora UnB; Imprensa Oficial, 2001, p. 12.

com textos da autoria de Carlos Henrique Cardim, Tercio Sampaio Ferraz Júnior, Celso Lafer e Padre Asterio Campos.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

No Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI), órgão vinculado à Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), Carlos Henrique Cardim atuou, operosamente, na edição de valiosos livros. Com a cooperação da Editora Universidade de Brasília, iniciou-se, em 2001, a Coleção “Clássicos IPRI”. Ela inclui autores de variadas épocas, tais como: Tucídides, Maquiavel, Hugo Grotius, Francisco de Vitoria, Thomas Hobbes, Hugo Pufendorf, Tomás More, Abbé de Saint Pierre, Alexis de Tocqueville, Rosseau, Immanuel Kant, E. H. Carr, J. M. Keynes, Raymond Aron.

Em 2002, Carlos Henrique Cardim e João Almino — recentemente eleito para a Academia Brasileira de Letras e aqui presente — organizaram o livro *Rio Branco: a América do Sul e a Modernização do Brasil*. Baseou-se ele em Seminário com igual título, realizado de 28 a 29 de agosto de 2002, por ocasião do Primeiro Centenário da Posse do Barão do Rio Branco como Chanceler.

Em 2003, Carlos Henrique Cardim e Mônica Hirst organizaram o livro *Brasil-Argentina: a visão do outro; soberania e cultura política*. Foi ele publicado, em Brasília, pelo IPRI / FUNAG, com 438 páginas.

OUTRAS INSTITUIÇÕES

Em 1986, Cardim colaborou com a *Revista Arquivos do Ministério da Justiça*, do Ministério da Justiça; e, em 1987, com a *Revista Parcerias e Estratégias*, da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

Em 2003, Carlos Henrique Cardim, em parceria com a Câmara dos Deputados, foi organizador do Seminário e do livro *Política Externa do Brasil para o Século XXI*. Organizou, também, o livro com textos nele apresentados.

5. PUBLICAÇÕES DE CARLOS HENRIQUE CARDIM

Carlos Henrique Cardim é autor de numerosos artigos e capítulos de livros, assim como de várias obras. Tendo em conta a natural limitação de tempo, citam-se apenas alguns exemplos particularmente elucidativos.

Em 2001 a Editora Universidade de Brasília e a Imprensa Oficial publicaram, em Brasília, o livro *Bobbio no Brasil: um retrato intelectual*, organizado pelo Professor Carlos Henrique Cardim. Escreveu ele a Apresentação. Nela registra que a Série “Encontros da UnB” teve um de seus pontos altos com a vinda de Norberto Bobbio, em 1983. Os títulos da Apresentação manifestam a variedade de temas importantes abordados: Bobbio, leitor e professor de clássicos; Bobbio, uma ponte para os pensadores clássicos; A Política e a Ciência Política como uma conversação de muitas vozes; Bobbio na UnB; Newton e Rosselli; A frase de Newton; Bobbio e Rosselli; Carlo Rosselli, breve nota biográfica; Bobbio e o Socialismo liberal; A redescoberta, hoje, da obra de Carlo Rosselli; Bobbio e o constante redescobrir da política e da democracia; Rerum Novarum, cupidi; o charme da política e da democracia.

Para o livro *Rio Branco, a América do Sul e a Modernização do Brasil*, de 2002, Cardim contribuiu com o esmerado ensaio “O Barão do Rio Branco e Rui Barbosa”. Os subtítulos do texto de Cardim são mui significativos: 1) A maior virtude de Rio Branco; 2) O intelectual e o Poder; 3)

Rui Barbosa, “Estranha Pessoa”; 4) Rio Branco e Rui Barbosa; 5) O aperfeiçoamento das visões da Política Externa de Rui com Rio Branco; 6) Carisma de Rio Branco: o construtor de encontros.

O já citado livro *Brasil-Argentina: a visão do outro; soberania e cultura política* inclui o estudo de Carlos Henrique Cardim: “As fundações partidárias: novos atores do processo democrático brasileiro”.

Em 2004, a Editora Martins Fontes estampou a obra do sociólogo francês Emile Durkheim *O Suicídio: Estudo de Sociologia*. O Professor Cardim elaborou o Prefácio, cujos subtítulos atraem o interesse do leitor: 1) A Primeira Aula de Sociologia; 2) Síntese Biográfica de Durkheim; 3) “Le Suicide” e a Possibilidade da Sociologia; 4) A Obra “Le Suicide”; 5) A estrutura do texto “Le Suicide”; 6) O conceito da anomia: relevante contribuição; 7) Um Golpe de Espada na Água.

Em 2007 Carlos Henrique Cardim publicou, pela “Civilização Brasileira”, seu livro *A raiz das coisas. Rui Barbosa: o Brasil no mundo*. Os títulos das suas sete partes ilustram o teor de sua importante pesquisa: 1) Dossier Rui Barbosa: diplomata; 2) Rui, suas ideias e seu tempo; 3) Rui, política externa e política internacional. Rui e a entrada do Brasil na política internacional. A escolha de Rui para Haia; 4) a principal questão da Segunda Conferência da Paz de Haia (1907). A proposta dos Estados Unidos e a Oposição do Brasil. A questão de cobrança coercitiva de dívidas contratuais. A Doutrina Drago e a Proposta Porter. A parceria entre Rio Branco e Rui Barbosa [...]; 5) O novo descobrimento da América; 6) Outras participações importantes de Rui Barbosa na política internacional, novo conceito de neutralidade: O Brasil e a Primeira Guerra Mundial. Rui e o rearmamento naval. O melhor trabalho de Rui em política internacional; 7) Atualidade de Rui para a política externa e política internacional do Brasil.

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) promoveu palestras e debates na comemoração dos 60 anos do Instituto Roberto Simonsen. Nesse contexto, em 2010, foi publicado o livro *As raízes do pensamento industrial brasileiro*. Nele está importante Exposição de nosso recipiendário. Nela, ele comenta, particularmente: “José Bonifácio; Irineu Evangelista de Sousa; Mauá; Rui Barbosa, o ideólogo da classe media brasileira; e Roberto Simonsen”. O Embaixador Sérgio Amaral, que assumiu a palavra, logo após comentou: “Cardim faz parte de uma Vertente de diplomatas [...] é hoje nosso grande historiador, conhecedor da nossa história e dos nossos grandes homens [...]”.

Em 2012 o livro *Barão do Rio Branco: 100 anos de memória* incluiu, da autoria de Cardim, o estudo “A Primeira Conferência de Paz de Haia, de 1889: por que a Rússia?”. Com relevantes informações sobre a geografia e a história da pátria de Leon Tolstoi, o autor explica a iniciativa do Tzar Alexandre III de convocar a Conferência de Paz de 1889, assim como a decisão do Presidente do Brasil, Campos Sales, de não comparecer a ela. Cabe realçar que o trabalho analisa não só fatos da Primeira Conferência de Haia, mas também outros mais recentes, como o da crise dos mísseis de outubro de 1962. Explica características da política russa de 1812 a 2008. Esse texto, traduzido ao castelhano, foi estampado pela Universidade de Moscou.

No sétimo livro, da Coleção de dez volumes, das *Obras do Barão do Rio Branco*, publicados em 2012 pela FUNAG, nosso colega redatou, acuradamente: “Apresentação – Quatro Brasileiros por Rio Branco”. São eles: Luís Barroso Pereira, José de Abreu, Barão de Cerro Largo, o Almirante James Norton, e José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco). Nesse texto, Cardim registrou informações que, talvez, não se encontrem em outras fontes. É exemplo: “O mes-

tre de Apipucos [Gilberto Freire]” me revelou ser seu melhor livro a obra *Sobrados e Mucambos*, um perfil breve, mas profundo e iluminador.

Em 2014 Carlos Henrique Cardim redigiu o Prefácio para o livro *II Conferência de Paz. Haia 1907. A correspondência telegráfica entre o Barão do Rio Branco e Rui Barbosa*. O livro foi publicado pela FUNAG sob a Presidência do Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima. O Prefácio intitulou-se “A luta pelo princípio da igualdade entre as nações. Rio Branco e Rui Barbosa na Conferência de Paz de Haia de 1907”. Antes de seus comentários, Cardim cita palavras mui significativas de Paul-Henri Benjamin de Estournelles de Constant (1852-1924) dirigidas a Rui Barbosa: “Você logrou colocar em evidência seu país e tornar aceitável o princípio de igualdade entre os Estados, que, inicialmente, nos parecia revolucionário, ridículo”. Vale transcrever as primeiras linhas do autor:

Política externa é história, inovação e coerência. Parte de princípios, define objetivos e estabelece o papel do país no mundo [...]. A publicação da Série de telegramas entre Rio Branco e Rui Barbosa durante a Segunda Conferência de Paz de Haia de 1907 [...] constitui alto serviço à política externa brasileira e à cultura nacional. O livro evidencia a lúcida e construtiva amizade entre os dois próceres, independentemente das diferenças de temperamento e de funções públicas.

Carlos Henrique Cardim escreveu o capítulo “Varnhagen: o Descobridor de Brasília”, no livro *Varnhagen (1816-1878). Diplomacia e Pensamento Estratégico*, organizado e prefaciado, em 2016, pelo Presidente da FUNAG, Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima. Cardim, no início de seu estudo, transcreve frase eloquente de Varnhagen: “Que influência não exerce a posição de uma cidade sobre o destino de um povo inteiro!

Às vezes por ela se explicará a elevação de uma nação”. (página 107).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitas outras dimensões no rico “currículo” do nosso novo colega. Permito-me ressaltar que exerceu funções consulares na Argentina, no Chile e na Venezuela. Foi Embaixador do Brasil na Noruega e, cumulativamente, na Islândia. Experiência singular foi a de assessor do Ministro do Esporte.

Cabe ressaltar que a fausta posse de Carlos Henrique Cardim ocorre nas dependências da mais antiga entidade cultural de Brasília, a Associação Nacional de Escritores (ANE), nascida em 1962. Ao seu ilustre Presidente Fábio de Sousa Coutinho presta-se a mais cordial homenagem.

Assim, a Academia Brasiliense de Letras celebra hoje, com júbilo, o venturoso ingresso em seus quadros do Embaixador Carlos Henrique Cardim. Trata-se de grande amigo dos livros e da cultura literária (Bibliófilo, “Amicus Libri”).⁵ Como vimos, é também conceituado autor de numerosos trabalhos — particular, mas não exclusivamente — na área da História e das Ciências Sociais.

Sua trajetória faz-nos recordar a famosa sentença do estoico Imperador romano Marco Aurélio (121-180): “A minha cidade e pátria, enquanto descendente dos Antoninos, é Roma; enquanto homem, é o mundo. Portanto, os interesses dessas cidades são, para mim, os únicos bens”.⁶

Ele integra número significativo de diplomatas brasileiros que se distinguem no exercício de sua excelsa função e na vida literária, a exemplo do Barão do Rio Branco e de Joaquim Nabuco.

5 Manuel de Oliveira Lima (1867-1928), grande escritor e diplomata do Brasil, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, muito prezava o título de “amigo dos livros”.

6 AURELIO, Marco. *Pensamentos*. Lisboa: Verbo, 1971, p. 75.

POSSE DE THIAGO SANTOS AGUIAR DE PÁDUA¹



Discursos ou Travessuras

01. Antes dos cumprimentos protocolares, confesso a ardente vontade que senti de chegar aqui, neste momento e, em substituição ao discurso de posse, recitar o famoso “*soneto do olho*” de **Verlaine** e **Rimbaud**, interpolado com “*poe-
ma sujo*” de **Gullar**, usando consoantes entume-
cidas conectadas às asas de vogais molhadas, para
só então, após a travessura, desejar boa noite a to-
dos, convidando-vos a ouvir o discurso de recep-
ção do confrade **Rossini Corrêa**, pois recordei
com **Lévi-Strauss** que “*os ritos e mitos de inicia-
ção têm uma função prática nas sociedades huma-
nas: ajudam os mais velhos a manter a ordem e a
obediência entre os mais novos*”².

02. Mas a coragem que me falta não é
maior que a vontade de homenagear o patrono
da **Cadeira XXIII**, **Aluísio Tancredo Gonçalves
de Azevedo**, e seu primeiro e anterior ocupante,
Ursulino Tavares Leão, muito embora a licença
poética para uma tal travessura pudesse ter sido

facilmente obtida neste recinto, pois este local
transpira *poetismo*, eis que o feromônio poético
do lugar anseia por narinas sensíveis, como as
minhas.

03. Logo eu, que descobri o verdadeiro po-
der da palavra na **quinta** série, entre divertido
e assustado, quando fui instado a escrever uma
certa redação, e, como resultado, acabei por ver
minha mãe, Dona Luzia, ser convocada às pressas
até a escola para conversar sobre aquele texto es-
crito pelo quintanista, pois a professora de litera-
tura, chocada com o texto, queria muito saber se
estava ocorrendo algum problema com o **aluno
Thiago**, para que tivesse escrito **aquela redação**.
Chegando em casa, pouco depois da reunião, o
poder da palavra me ensinou o poder da sandália.

04. Passo então aos ritos protocolares, pois
o desejo da travessura, (**ainda**) não supera a von-
tade de provar novas sandálias.

* *

05. Boa noite senhoras e senhores, queri-
dos confrades, queridas confradeiras, familiares,
amigos e colegas. Eminentemente escritor **Fábio de
Sousa Coutinho**, presidente da **ANE – Asso-
ciação Nacional de Escritores** e da **Academia
Brasiliense de Letras (ABrL)**, a quem saúdo, e
a quem dirijo simbolicamente este cumprimento
inicial, extensivo a todos os demais acadêmicos
e acadêmicas, escritores e escritoras aqui presen-
tes, e a quem peço licença, desde já, para recordar
Saramago e sua famosa intervenção no **V Fórum
Social Mundial**, em Porto Alegre (2005): “*O que
transforma o mundo é a necessidade e não a uto-
pia*.”³ E a palavra também é utopia, que sonhou
necessidade, e acordou realizada.

¹ Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras – ABrL, na cadeira n. XXIII, patroneada por Aluísio de Azevedo, e cujo último ocupante foi o escritor Ursulino Leão, em 17.06.2019.

² LÉVI-STRAUSS, Claude. **O suplício do Papai Noel**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 25.

³ BALTRUSCH, Burghard. **O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia: estudos sobre utopia e ficção em José Saramago**. Berlin: Frank & Time, 2014, p. 9.

06. Eminentes colegas advogados, a quem menciono nas pessoas dos juristas **Márcio Lima da Silva, João Paulo Echeverria, Fábio Luiz Bragança Ferreira e Lucas de Castro Rivas**, colegas das lides forenses, a quem direciono minha saudação a todos os colegas advogados e advogadas, fazendo permanente a lembrança de **Heráclito Fontoura Sobral Pinto**, aquele que pronunciou a verdade das verdades: “**a advocacia não é profissão para covardes**”.

07. E nas lides advocatícias, vale lembrar, talvez tenha sido **Sobral** quem mais profundamente tenha compreendido aquilo que foi lembrado por **Assis Toledo**, exemplo de membro do **Ministério Público**, na sua mítica nota de rodapé n. 17 dos “Princípios”:

*“Ao menos para a lei penal, o homem tem o direito inalienável de ir para o **inferno** vestido com as próprias roupas, desde que, pelo caminho, não ofenda diretamente pessoa (...) alheia [pois] o direito penal é um meio inadequado de impor aos outros uma correta condução de vida”⁴*

08. E a palavra é um braseiro, que ardeu nos umbrais do tempo, e também nos círculos do inferno de Dante, que “tatuou” as asas dos anjos e petrificou todas as pétalas da rosa dos ventos, ao mesmo tempo em que, para sempre, preservou seu perfume.

09. Amigos **professores e professoras**, na profissão mais bela dentre as mais belas, de que são referência os queridos amigos **Rossini Corrêa, Bruno Amaral Machado e Jefferson Carús Guedes**, faróis num oceano de letras, luzes e sabores, e a quem direciono minha saudação a todos os colegas que exercitam com maestria, destreza e paixão, a nobre arte de bem ensinar.

10. Não peço licença para relembrar **Paulo Freire, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e John Dewey**, a despeito (e por causa) de certa guerrilha travada, ontem e hoje, contra o conhecimento, o intelectualismo e contra os jardineiros do saber, aproveitando para citar o primeiro, no simbólico ano de 1965, no seu “**Educação como prática da liberdade**”, cuja capa é creditada ao poeta **Thiago de Mello**:

“Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio. (...)”

Na atualidade brasileira, não vinha sendo dos radicais a supremacia, mas dos sectários, sobretudo de direita. E isto é o que nos fazia temer pelos destinos democráticos do País. Pela humanização do homem brasileiro, ameaçado pelos fanatismos, que separam os homens, embrutecem e geram ódios. Fanatismos que se nutriam no alto teor de irracionalidade que brotava do aprofundamento das contradições e que afetavam igualmente o sentido de esperança”⁵

11. Tanto em 1965, quanto em 2019 (e já se vão 54 anos), a esperança arde na pira das necessidades utópicas da transformação social, que liquida fanatismos a partir dos motores de reversão do embrutecimento, sempre e sempre através da busca pela revolução educacional, a única via pavimentada e iluminada para conduzir à verdadeira revolução: a revolução social.

* *

Florilegium e Sortilégios da Cadeira n. XXIII

12. É com extremada emoção que tomo posse na **Cadeira XXIII** desta Academia Brasi-

4 TOLEDO, Francisco de Assis. **Princípios Básicos de Direito Penal**. São Paulo: Saraiva, 1994, p. 13.

5 FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 35; 52.

liense de Letras (ABrL), patroneada por **Aluísio Azevedo**, e ocupada anteriormente pelo saudoso escritor **Ursulino Leão**. O discurso de recepção, a ser proferido pelo amigo, mais que amigo, mentor, mestre e alma luminosa **Rossini Corrêa**, agora confrade querido, e sobre quem jamais escondi o amor de uma real paternidade afetiva, é a verdadeira luz que encandeiará esta bela noite cheia de **afeto**, **amor** e **amizade**, a verdadeira tríade essencial de qualquer vida sobre a qual se possa dizer bem vivida.

13. Neste discurso de posse, mais do que falar de mim, em primeira pessoa, num solilóquio solipsista, enfadonho e tedioso, preferi a coincidência que me pareceu uma homenagem do destino, um singelo gesto relacionado ao **Acadêmico Danilo Gomes**, através do uso dos cenários de seu “**Antigos Cafés do Rio De Janeiro**”⁶, seu tocante relato e “*Florilegium*”, como palco parcial desta narrativa de posse.

14. O que passo a narrar, muito embora alguns não venham a acreditar, foi um relato recebido de dentro de uma garrafa de rum que chegara boiando até a praia de Itaparica no primeiro minuto de 2019, dentro da qual havia um pergaminho que, em algum lugar no tempo, vertia um diálogo travado entre dois cavalheiros; ao que parece, tratava-se de um diálogo entre duas pessoas num local similar ao **Café de La Belle Helène**, o mesmo que foi descrito pelo confrade **Danilo** em seu opúsculo de 1989.

15. Perplexo, desarrolhei a garrafa, retirando lá de dentro alguns papéis amassados; corri até um local menos úmido e mais iluminado, que me permitisse realizar a leitura, e qual não foi a minha surpresa? Identifiquei uma espécie de diário, em que dois homens, vestidos de terno, gravada, chapéus e bengalas, tomavam um bom trago, na

época em que, às vezes, os cafés se confundiam com *botequins*.

16. Os dois cavalheiros recordavam, ao que me pareceu, pois não citavam nomes, a história de **Maurício e Paulo Lacerda**, filhos do **Ministro Sebastião Lacerda** do Supremo Tribunal Federal, e fundadores da então maior agremiação de justiça social do país, juntamente com **Astrojildo Pereira**; este último, aquele que foi descrito por **Euclides da Cunha** apenas como a “criança anônima” que visitou o **Bruxo do Cosme Velho**, recordação emoldurada na crônica “A última visita”⁷, sobre a noite em que faleceu **Machado de Assis**, identidade somente revelada posteriormente por Lúcia Miguel Pereira, biógrafa de Machado, que foi biografada por nosso duplo presidente **Fábio de Sousa Coutinho**.

17. Compreendi, desta maneira, através da imagem caleidoscópica derivada de um diálogo-cenário descrito por alguém que frequentou as paisagens iluminadas pelo confrade Danilo, que direito, política e literatura são trigêmeos quase siameses.

18. Foi também por esta razão que denominei este breve discurso de “**No Labirinto do Social**”, por dois motivos: (i) o patrono e o que ele significa; e, (ii) o sentido de imortalidade presente nas academias de letras, atrelado ao sentimento de empatia e de preocupação com o social, através da língua usada nas diversas narrativas.

19. **Primeiro**, porque **Aluísio Azevedo** é maranhense, filho da bela São Luís, a nossa formidável Atenas brasileira⁸, o portentoso berço das luzes e das lutas sociais, de ontem e de hoje.

20. **Segundo**, porque a imortalidade, atribuída aos integrantes das academias de letras, encontra muitas e variadas interpretações, mas que na retina de minha humilde leitura, relaciona-se

6 GOMES, Danilo. **Antigos Cafés do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Kosmos, 1989.

7 EUCLIDES DA CUNHA. **A última visita**. Jornal do Comércio em 30 de setembro de 1908.

8 CORRÊA, Rossini. **Atenas brasileira: a cultura maranhense na civilização nacional**. Brasília: Thesaurus, 2001.

à permanente e contínua escrita, nos moldes de uma “**jornada labiríntica**”, composta de **muros e mais muros**, numa **espiral linguística**, em cujas paredes, úmidas e emudecidas, se encontram desenhadas, com vivas **letras de sangue**, a tradução das narrativas sobre disputas políticas e sociais, permeadas de ações e omissões ao longo dos séculos, pois **a linguagem é também uma arma de combate**.

21. Em uma das interpretações sobre a imortalidade, mencionada pelo saudoso **Carlos Heitor Cony**, no fascinante texto “**Quando Morrem os Imortais**”⁹, Cony observou que quando **Machado de Assis** fundou a **Academia Brasileira de Letras (ABL)**, nos termos da co-irmã Francesa, o lema adotado foi “*Ad immortalitatem*”, fazendo com que seus membros passassem a ser chamados de “**imortais**”. Contudo, foram perguntar a **Olavo Bilac**, o poeta que ouvia estrelas, a razão da caricata “classificação”, e, de pronto, o poeta respondeu de modo espirituoso, que eram imortais “**porque não [tinham] onde cair mortos**”.

22. Muitos anos depois, em 1987, **Maurice Druon**, membro da Academia Francesa, ao proferir discurso no Rio de Janeiro, na sede da mesma ABL, e falando sobre as muitas semelhanças, e as pouquíssimas distinções entre as duas academias (a brasileira e a francesa) recordou que “*entre todas as academias do mundo*”, a academia brasileira seria aquela em que um acadêmico francês se sentiria “menos deslocado”, pois é como se a **distância do atlântico fosse abolida**, e a **mudança de hemisfério se tornasse “imperceptível”**¹⁰.

23. Contudo, quanto à imortalidade, a partir da casa do **Bruxo do Cosme Velho**, e à dife-

rença da casa do **Cardeal Richelieu**, sediada às margens do rio Sena, verifica-se que na inscrição francesa não há *latim*, como vós sabeis, pois os Acadêmicos de lá devem seus apelidos ao lema “*À l’immortalité*”, em francês, com o objetivo original de fortalecer a língua francesa e direcionado à unificação do reino, sob as vestes da famosa eminência parda.

24. De fato, há aqui um enigma entre as falas e as imagens de **Bilac**, **Richelieu**, **Machado** e **Cony**. Em realidade, entre nós, a imortalidade está atrelada não apenas à preservação da língua, ou a ausência de localidade para a inumação. Ela se relaciona à tonalidade e à intensidade das tintas que são escritas no “**labirinto do social**”.

25. O escritor que não se preocupa com o cuidado coletivo e social, seja no “cemitério dos vivos” (na famosa expressão de Lima Barreto), ou na “esquizofrenia social”, a partir do termo cunhado por Elza Pádua, inscreve seu nome para sempre no *anti-panteão* dos “mortos vivos” ou dos “vivos mortos”. E aquele que se preocupa, divide sua alma.

26. Não é por outro motivo que recorro **Kantorowicz**, para tomar de empréstimo, e retirados os exageros como o do “*The King Can Do No Wrong*”, a ficção legal, as vezes chamada de acrobacia dos “**dois corpos do rei**”, na distinção surgida na idade média, e desenvolvida pela teologia política medieval para diferenciar funcional e simbolicamente o **corpo natural** e o **corpo político** do monarca, conforme constante do “**relatório Plowden**”, da época elizabetana, referente aos atos do soberano anterior, **Eduardo VI**; o tema também se relaciona à imortalidade da realeza¹¹.

27. Por outro lado, evidentemente não me é permitido olvidar, a este respeito, o verdadeiro

9 CONY, Carlos Heitor. **Quando Morrem os Imortais**. Folha de S. Paulo (RJ), 29/07/2014.

10 DRUON, Maurice. *L’académie Brésilienne des Lettres*, Rio de Janeiro, discurso de 19 maio de 1987. Disponível em: <http://www.academie-francaise.fr/sites/academie-francaise.fr/files/druon_bresil_1987.pdf>

11 KANTOROWICZ, Ernst. **Os Dois Corpos do Rei: um estudo sobre teologia política medieval**, Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, p. 24.

deboche de **Frederic Maitland**¹² em “*The Crown as Corporation*” (**A Coroa Como Corporação**), no qual chamou a ficção dos “dois corpos do rei” de “*uma maravilhosa exibição de nonsense metafísico, ou melhor dizendo, metafisiológico*”; de igual modo não se pode esquecer a análise das deformações da “Teoria do Duplo Corpo do Rei” na época do “**Rei Máquina**”, do Espetáculo e da Política no período de Luís XIV, realizadas por **Jean-Marie Apostolidès**¹³.

28. Nas academias de letras o princípio é similar, embora mais sutil e antigo, com pitadas de provocação, embora tenham nascido modernamente como academias reais, embora invocando o legado platônico. Como recentemente recordado pelo imortal **Arnaldo Niskier**, “*a ‘Academia’ veio da escola de Platão, ‘situada perto da cidade, cercada de árvores, assim chamada por causa do semideus Akademos’, a quem o jardim pertence-ra*”¹⁴.

29. Todos o sabem, e por isso peço licença, uma vez mais, para recorda-lo; em sua biografia sobre o rei ateniense **Teseu**, **Plutarco** mencionou que, depois de viúvo e chegando aos 50 anos, o rei teria sequestrado a bela **Helena**, então com 12 anos de idade (portanto, muito antes de se casar com **Menelau**, conhecer **Paris** e causar a Guerra de Tróia).

30. Devido a esse ultraje, seus irmãos **Castor** e **Pollux** decidiram invadir a Ática para libertar sua irmã e ameaçaram destruir Atenas. Foi aí que **Akademos** poupou a cidade, dizendo-lhes onde **Helena** estava escondida. Após isso, **Akademos** foi venerado pela cidade como um salvador.

31. Aquele pedaço de terra foi posteriormente adornado com plantações de oliveiras,

sendo chamado de “Academia”, um bosque de árvores a noroeste da cidade, considerado o local de sepultamento de **Akademos**, que foi sempre dedicado à sua memória. E foi dentro deste bosque que Platão ministrou suas palestras, surgindo assim a frase “**os bosques de Academe**”, ligando o nome de **Akademos** ao título para a Academia de Platão, fora dos muros de Atenas, local sagrado para **Atena**, a deusa da sabedoria e outros imortais.

32. Ou seja, as academias se enraizaram a partir da assimilação da adoração a um delator, cujos ossos guarneciam um jardim usado por um filósofo que tinha sérias dúvidas e receios quanto a democracia, e implementadas por um cardeal que acabou imortalizado não apenas na pequena e grandiosa história dos “3 Mosqueteiros”, mas porque professava o credo no “Duplo Corpo do Rei”. Ou seja, uma deliciosa loucura.

33. É esta a distinção que faz com que os poetas, os loucos e os delinquentes sejam constituídos da mesma matéria prima. Os melhores poetas são tidos por “desvairados”, à frente de seu tempo. Os loucos são pessoas que vivem em permanente estado de poesia subversiva. E os delinquentes, ahh... os delinquentes, deles podemos dizer, com Jacques Vergès, em sua obra censurada, que “**uma sociedade sem crimes, é como um jardim sem flores**”. E ele estava falando do humano, pois um jardim sem flores é como uma sociedade sem poesia.

34. Mas um escritor, e agora falo do patrono da cadeira, imortaliza-se por ter um “**Duplo Corpo Literatus**”. Um corpo natural, e físico, e outro corpo que vagueia dentro do labirinto do social. As cadeiras das academias, nas quais são entronizados novos ocupantes, são a continuação de um itinerário.

12 MAITLAND, Frederic. **The Crown as Corporation**. Law Quarterly Review, 1901.

13 APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. **O Rei-máquina: Espetáculo e Política no tempo de Luís XIV**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

14 NISKIER, Arnaldo. **A marca notável das academias de letras**. Em: Correio Braziliense, 4.11.2011.

O Patrono (e o Patrono do Patrono)

35. Na **Academia Brasiliense de Letras (ABrL)**, o patrono da **Cadeira n. XXIII, Aluísio Azevedo**, é dono de uma vasta obra literária. Ele mesmo tendo sido um dos membros fundadores da **Academia Brasileira de Letras (ABL)**, na **Cadeira n. IV**, quando escolheu **Basílio da Gama** para patroneá-la na “Casa de Machado de Assis”.

36. Assim, **Basílio da Gama** é uma espécie de “*Patrono do Patrono*”, e, portanto, um integrante mais que simbólico desta “Casa de Hermes Lima”, assim o considero por “acessão” inequívoca. Seu natalício se deu no dia 22 de julho de 1740, mesmo ano em que nasciam o músico **Beethoven** e o poeta **Carl Michael Bellman**, e no qual faleciam o **Papa Clemente XII** e **Jean Cavalier**, o líder protestante francês.

37. **Basílio da Gama** era natural da antiga São José do Rio das Mortes, agora conhecida como Tiradentes, nas Minas Gerais. Filho de abastado fazendeiro, ficou marcado na história por seu poema épico “O Uruguai”, dedicado ao **Marquês de Pombal**, que lhe salvou a vida.

38. Narra a história que **Basílio da Gama** teria viajado para Lisboa, a bordo da nau Senhora da Penha de França, objetivando se matricular na Universidade de Coimbra, mas lá chegando, acaba encarcerado e sentenciado ao degredo para Angola, por ter sido considerado suspeito de adesão à causa dos jesuítas. Contudo, acaba se salvando através de certa missiva que escreveu, contendo o Epitalâmio às núpcias de **D. Maria Amália**, filha de **Pombal**.

39. Não é difícil entender porque **Aluísio Azevedo** o escolheu por patrono literário, pois, conforme recordado por **Vianna Moog**, em seu discurso de posse na **ABL**, em novembro de 1945, **Basílio da Gama** embora não tenha sido

um inconfidente mineiro, acabou sendo “o *legítimo precursor da Inconfidência*”¹⁵.

40. Tendo falado do “*Patrono do Patrono*”, recordo agora o Patrono, propriamente dito. Nascido aos 14 dias de abril de 1857, foi o irmão mais moço do teatrólogo **Athur Azevedo**. Foi caricaturista em jornais políticos e humorísticos, como “**O Mequetrefe**”, “**O Fígaro**” e “**Zig-Zag**”. Inicia sua carreira literária com o livro “**Uma Lágrima de Mulher**”, em 1879. Poucos anos depois, faz publicar sua *magna opera*, “**O Mulato**”, em 1881, um celebrado romance naturalista de forte contexto social.

41. No final do século XIX, em 1895, ingressa na carreira diplomática como cônsul, tendo servido em diversos países, como Espanha, Japão, Argentina, Inglaterra e Itália. Dois anos depois, é eleito para a Academia Brasileira de Letras (1897), vindo a falecer em Buenos Aires, a 20 de janeiro de 1913. De seus romances, podemos citar também “*Memórias de um condenado*”, posteriormente reeditado com o nome de “*A condessa Vésper*” (1882); *Mistério da Tijuca*, posteriormente reeditado como “*Girândola de amores*” (1882); “*Casa de pensão*” (1884); “*Filomena Borges*” (1884); “*O homem*” (1887); “*O Coruja*” (1890); “*O cortiço*” (1890); “*A mortalha de Alziira*” (1894); “*Livro de uma sogra*” (1895), e o livro póstumo “*Mattos, Malta ou Matta*”.

42. O **Aluísio** contista merece destaque pelo escrito “*Demônios*” (1893), e o cronista pelo texto “*O touro negro*”, igualmente póstumo (1938).

* *

15 MOOG, Vianna. **Discurso de posse na ABL em 17 de novembro de 1945**, Rio de Janeiro: 1945.

Ursulino, o primeiro ocupante da Cadeira n. XXIII

43. **Ursulino Tavares Leão**, o primeiro e último ocupante da cadeira XXIII desta Academia, tomou posse a 6 de março de 1975, exatamente 8 anos antes deste orador nascer. Seu discurso de posse, uma bela mistura de ternura docemente carregada nas asas do amor, mostra a virtuosidade de um apaixonado por Brasília, ao mesmo tempo em que aparenta ser um leitor crítico e exigente do patrono da cadeira.

44. Foi recebido nesta academia pelo falecido confrade **Waldemar Lopes**, com a oração intitulada “Talismã no Mar das Sereias”.

45. Nascido em Crixás, em 1923, Ursulino faleceu em outubro de 2018, aos 95 anos, numa jovialidade serena de fazer inveja aos mais moços.

46. Foi um Advogado conceituado, tendo sido Conselheiro da OAB-GO, além de professor universitário. Na política, exerceu o cargo de Deputado Estadual, nas legislaturas de 1963/1967 e 1967/1971. Já em 15 de março de 1971, acaba por tomar posse como Vice-governador na chapa do engenheiro **Leonino Di Ramos Caiado**, tendo assumido o governo de 2 a 12 de julho de 1973. No governo **Irapuan Costa Júnior**, exerceu a função de Procurador Geral de Justiça do Estado de Goiás.

47. Ursulino pertenceu também a Academia Goiana de Letras, e ajudou a fundar a “Academia Crixense de Letras”, conhecida como a “Casa de Ursulino Leão”, em razão de suas raízes de nascimento.

48. Foi autor de inúmeros livros, foi romancista, contista, cronista, poeta e ensaísta. Escreveu os **Romances**: “Maya”, (1949); “Praça de Vereda Maior”, (1986); “A Procissão do Silêncio”, (1990); “Baldeação para Nínive”, (1994); “A Mal-

dição da Cruz”, (1996); “Judith”, (1998); “Depois e Ainda”, (2002).

49. Elaborou os livros de **Contos**: “Existência de Marina”, (1962); “Fonte Expressa”, (1975); “Rodovia Preferencial”, (1981); “Idílio na Serra da Figura”, (2015);

50. Ver-teu as **Crônicas**: “Livro de Ana”, (1972); “Segundo Livro de Ana”, (1980); “Crônicas & Outras Histórias”, (1998); “Vaga-lumes da neblina”, (2005); “Terceiro Livro de Ana”, (2013); “Gyn”, (2015).

51. Deitou pena poética nos opúsculos de **Poesia**: “Salmos da Terra”, (1985); e “Estiagem”, (2009).

52. Nos **Ensaaios**, produziu: “Roteiro dos Sentimentos da Cidade de Goiás”, (2003); “O Velho Averso do Novo”, (2005); “Santidade e Poesia”, (2006); “Presença do Tribunal de Justiça na História de Goiás”, (2010); e “Lírios do campo para Jesus de Nazaré”, de 2015.

* *
*

A partida: os ventos do passado que chegam do futuro

53. Chegada à undécima hora desta oração, agradeço a todos os Acadêmicos nas pessoas do nosso querido e erudito presidente, **Fábio de Sousa Coutinho**, e ao vice-presidente **José Ros-sini Corrêa**; também agradeço a todos os meus amigos e familiares nas pessoas de minha mãe, Luzia, meu irmão Hermany, minha companheira Dinah, e também **Dona Dáia**, e aos meus herdeiros de infante esperança: **Celina, Giulia e João Pedro**. Sem vocês, esta noite não teria sido possível, e, além disso, minha realidade seria incompatível comigo mesmo.

54. Já me encaminhando para o final, para o bem de todos, recordo aquele que há algum tempo foi chamado por **Roman Jakobson**, de “o

poeta mais original do século XX”, referindo-se a Velimir Khlebnikov: “*Compreendi que a prática da criação está situada no futuro; é de lá que procede o vento que nos enviam os deuses dos verbos*”¹⁶.

55. Confessadamente, é por isso que alimento minha fé, renovada no *duplo corpus angelicae* do imortal poeta Esmerino Magalhães Júnior¹⁷, que envia do futuro para a frente de “minh’Alma” os ventos do passado que adentram pelas janelas desta Academia, unindo o que já foi com o que ainda será, no licor das asas de sua beleza poética:

“Livros”

*Os livros dormem o sono estático das estantes
Na vazante dos séculos foram palimpsestos,
Papiros, tijolos de Alexandria
e fábulas em tábulas marcadas por estilos
cuneiformes, efêmeros, no alforje
do tempo enorme*

Mas o que faz estremecerem as estantes
nesses instantes de tremor de avencas
em calma plena?

Será o crepitar de ideias murchas
sob as botinas da descrença?
Será o apodrecer dos cadáveres
de tantos sonhos abortados?
Será o germinar insistente
das mais alucinadas utopias?”.

A estante do meu peito estremece, e meu verbo final é o Deus “beijar”: Um beijo na alma e no coração de todos. Muito obrigado!!

16 JAKOBSON, Roman. *A procura da essência da linguagem*, em: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 117.

17 MAGALHÃES JR., Esmerino. *Fábrica de Incertezas*. Goiânia: Kelps, 2018, p. 12.

RECEPÇÃO DE THIAGO SANTOS AGUIAR DE PÁDUA POR ROSSINI CORRÊA



SENHOR PRESIDENTE DA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS-ABRL, ESCRITOR FÁBIO DE SOUSA COUTINHO; SENHOR SECRETÁRIO, ESCRITOR EDMILSON CAMINHA; AUTORIDADES CONSTITUÍDAS: CIVIS, ECLESIASTICAS E MILITARES; SENHORAS E SENHORES ACADEMICOS; MEUS SENHORES, MINHAS SENHORAS; SENHOR ACADEMICO THIAGO SANTOS AGUIAR DE PÁDUA.

Ainda sob a sublime magia, senão quase mudança da rotação das estrelas, vivenciada na Embaixada de Portugal, quando da inolvidável posse do acadêmico Victor José Melo Alegria Lobo, tenho a honra de retornar à tribuna acadêmica.

Ensinar-me José, meu pai e Maria, minha mãe, que a ingratidão é o mais grave defeito do ser humano. Não posso começar a presente oração acadêmica, portanto, por outro caminho que não seja o do mais sentido agradecimento à lhanza com que o Embaixador Jorge Cabral,

18 Discurso de Recepção na Academia Brasileira de Letras – ABRL, sobre a cadeira n. XXIII, patroneada por Aluísio de Azevedo, e cujo último ocupante foi o escritor Ursulino Leão, em 17.06.2019.

jovem e fidalgo senhor, recepcionou a Academia Brasileira de Letras-ABrL, em companhia da Diretora do Instituto Camões, senhora Alexandra Pinho. Muito obrigado!

É bíblico o ensinamento, e se encontra em João 3:8, de que “O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai, assim ocorre com todos os nascidos do Espírito”.

O vento do Espírito aqui sopra o som de flauta, amigo Thiago Santos Aguiar de Pádua, e tu ouves a sua secreta, revelada e sagrada voz. O ouvido preso ao chão logo descobre, com efeito, as artes de iluminados sortilégios que te explicam, na tradição de Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim” –, segundo o estampado nas Meditações do Quixote.

Possivelmente, Thiago, és o mais novo escritor a conquistar, em tua indisputável juventude, a láurea de membro vitalício da Academia Brasileira de Letras – ABrL. Permites recordar, desta maneira, a vintena d’anos com que chegaram: Graça Aranha, à fundação da Academia Brasileira de Letras e José Sarney, ao ingresso na Academia Maranhense de Letras.

Não podias pagar o pesado tributo da incompreensão e ser punido por teres, jovem ainda, batido à porta de um sodalício ainda bem longevo. Não foste! Tu chegaste a mancheias, ostentando artigos, estudos, ensaios, teses e livros, permitindo recordar os flamejantes versos de Castro Alves, em “O Livro e a América”:

*“Por uma fatalidade Dessas que descem do além,
O século, que viu Colombo,
Viu Gutemberg também.
Quando no tosco estaleiro
Da Alemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovês salta os mares...”*

*Busca um ninho entre os palmares
E a pátria da imprensa achou...
Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto –
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia Livros...
livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro, caindo n’alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar.”*

Se for possível aguçar a tua percepção de águia, Thiago, eu o farei, acoitando-te a iluminada razão. Compreende que a tua chegada a essa Casa do Espírito é uma ascensão, que carrega consigo, entretanto, um compromisso. Quando todos nós nos chamarmos saudades e tiveres fechado os olhos de cada um, que tu sejas constante e carregues, com os que virão, a Academia Brasileira de Letras-ABrL para as ilhas afortunadas, em companhia de Marcus Vinicius Furtado Coelho e de Luís Maximiliano Leal Telesca Mota, o nosso irmão Max Telesca.

Quanto ao presente, constata como, no fluxo mágico e dialético das coisas e das pessoas, tudo se vincula a tudo: chegas ao território da encantaria, chamado eternidade, que precisarás, a cada dia, confirmar, com a constituição de uma consistente obra literária, sem a qual ninguém permanece, tenha alcançado quer à Academia Brasileira, quer à Academia Francesa. Eis a razão por que estão na eternidade, sem terem estado na Academia, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre, Carlos Drummond de Andrade e Oscar Niemayer, bem como Vinicius de Moraes.

A obra é tudo! Com ou sem Academia. Considera ainda que passas a conviver com uma grei de alta estirpe, quase sem paralelo no Brasil,

formada por ficcionistas, a exemplo de José Sarney, Alaor Barbosa, Paulo Castelo Branco, Afonso Ligório Pires de Carvalho, Luís Gutemberg, Napoleão Valadares e Margarida Patriota e poetas como Anderson Braga Horta, Ronaldo Costa Fernandes, Alberto Bresciani e João Carlos Taveira, sem desdouro de ninguém. Ensaístas também, do significado de Vamireh Chacon, Marcus Vinícios Vilaça, Edmilson Caminha e Carlos Henrique Cardim; historiadores do porte de Adirson Vasconcellos e de Ronaldo Costa Couto; teólogos eruditos, personificados pelo padre José Carlos Brandi Aleixo e por Dom Raymundo Cardeal Damasceno Assis. Uma plêiade de juristas, capitaneada por Carlos Ayres Britto, Marcus Vinicius Furtado Coelho, Carlos Fernando Mathias de Souza, Francisco Ferreira de Castro, Roberto Rosas e José Alberto Couto Maciel; enfim, gente qualificada, da estatura de Victor Alegria, editor; Danilo Gomes, cronista; Fábio de Sousa Coutinho, biógrafo e Tânia Serra, pesquisadora.

Vais acrescentar o sal de tua presença à terra fértil desse colégio de sábios que, se bem o interpreto, muito espera de ti, ao desejar que chegues mais longe do que a distância. Desembarcas, Thiago, bafejado pela autoria dos livros *O Lúdico e o Profético*, *Triângulo da Violência Argumentativa* e do já clássico *A Balzaquiana Constituição*, de que fui, para honra minha, o prefaciador. Tu, enquanto professor, advogado, parecerista, tradutor e assessor ministerial, nunca te distanciaste da culta jurisprudência, exemplificada, nos umbrais da modernidade, por Hugo Grotius. Desta maneira, quem se debruce sobre as dezenas, centenas de artigos que escreveste, neles encontrará a exegese do Direito à luz da Literatura, desde “Reforma Política, Cidadania e Eleições: breves reflexões emancipatórias a partir de Machado de Assis sobre a necessidade de se (re)pensar a própria democracia”, de tua premonitória conquista do primeiro lugar, no “I Concurso Presidente

Antônio Carlos Elizalde Osório”, promovido pela Escola Superior da Advocacia, da Seccional do Distrito Federal, da Ordem dos Advogados do Brasil- ESA/OAB-DF.

Sófocles, Dante, Shakespeare, Kafka, Exupéry e outros, mais outros e outros mais, desfilam na tua criativa reflexão jurídica, para gáudio meu, em virtude de mais uma convergência espiritual, em se considerando que a generosidade de Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy a mim me indicava como um dos pioneiros, no Brasil, da hermenêutica jurídica à luz da multifacetada tradição literária. Em companhia do poeta e jurista Carlos Ayres Britto, em uma manhã avançada pela tarde, fui examinador de tua dissertação de mestrado, intitulada “Análise da Prática Decisória do STF: o precedente e as 11 dimensões funcionais da “ratio decidendi” a partir de Pierluigi Chiassoni”, ainda inédita em livro, mas que precisa ser publicada, para salvaguarda da socialização do espírito. Neste estudo seminal não foi diferente: fizeste uma aplicação criadora e revivificante das *Meditações do Quixote*, de Ortega y Gasset, com a finalidade de decompor, na análise e recompor, na síntese, o fenômeno jurídico, quando de sua transmutação em direito concreto. A tese doutoral que preparas, para defender logo mais, denominada “Ao Vencedor o Supremo”, sem dúvida, é um terremoto clandestino à caminho do grande sol a pino da metade do dia, a te vincular, de maneira substantiva e irretorquível, ao centro do pensamento jurídico crítico, autônomo e emancipatório no Brasil.

De mim para mim, tenho constância na ideia, Thiago, de que te transformarás no principal intérprete do modo de produção jurígeno do Supremo Tribunal Federal-STF, da história do Brasil. Na esfera das potencialidades, eu considero que tens condição de transmutá-las em atos intelectuais, que te levarão a ser o mais completo jurista de tua geração. Aquele verso de Juvenal,

estampado nas Sátiras IV, 9 – “*Vitam impedere vero*”, Consagrar a vida à verdade – grato ao Abade Rosier e que motivou o quarto passeio de Jean-Jacques Rousseau, nos Devaneios do Caminhante Solitário, a ti espera e desafia, na jornada de existente a ser cumprida, como diria Emmanuel Lévinas. O equipamento conceitual de que necessitas, sociológico e filosófico, para repensar o Direito, tornando-o um humano serviço à emancipação da vida, com certeza, já está contigo, fermentando e frutificando. O império da fria lógica conduziu a experiência jurídica ao legalismo, ao tecnicismo e ao formalismo, cujas cegueiras do espírito só poderão ser vencidas pela intuição poética, de que não te ressentes, segundo o ensinamento do místico hindu Osho:

“TORNE-SE POÉTICO

No que se refere-se à esperteza mundana, o poeta é um tolo. Ele nunca se desenvolverá no mundo da riqueza e do poder. Mas, em sua pobreza, ele conhece um tipo diferente de riqueza na vida que ninguém mais conhece. O amor é possível a um poeta, Deus é possível a um poeta. Somente aquele que é inocente o bastante para desfrutar pequenas coisas da vida pode entender que Deus existe, porque Deus existe nas pequenas coisas da vida: ele existe no alimento que você ingere, na caminhada que você faz pela manhã, no amor que você tem por seu amado ou por sua amada, na amizade que você tem com alguém. Deus não existe nas igrejas; estas não são parte da poesia, mas da política. Torne-se mais e mais poético. É necessário ter coragem para ser poético; você precisa ser corajoso o bastante para ser chamado de tolo pelo mundo, mas somente então poderá ser poético. E para ser poético, não quero dizer que você precisa escrever poesia. Escrever

poesia é apenas uma parte pequena e não essencial de ser poético. Uma pessoa pode ser poeta e jamais escrever uma única linha de poesia, e uma outra pode escrever milhares de poemas e ainda não ser um poeta. Ser poeta é um estilo de vida. É amor pela vida, é reverência pela vida, é um relacionamento sincero com a vida”.

Quaisquer que sejam as ressalvas cabíveis aos blocos de pensamentos de Osho, merecedores de possíveis nuances, necessárias ponderações, uma verdade essencial perpassa a sua reflexão: a do estado de poesia a reclamar poetas comprometidos com a sacralidade estilística, amorosa, reverente e sincera, em seu vínculo com a Vida. A tarefa a ser cumprida, Thiago, tem poucos oleiros e muito é o barro. A tua presença de jovem jurista, com o estofo das consciências social e política, sem embargo, te coloca no pelotão da frente, nas fileiras valorativas responsáveis pela universal disseminação de antídotos contra a barbárie, presente no processo civilizatório.

O sentimento planetário de uma era agônica e em suspense resulta, no pensamento complexo, de Edgar Morin, de uma gramática de desencontros antropológicos, qual seja: “Em todos os meus trabalhos, tentei mostrar que as ideias de **Homo sapiens**, *Homo faber* e *Homo economicus*, racional, pode ao mesmo tempo ser *Homo demens*, capaz de delirar, de experimentar a loucura. O *Homo faber*, que sabe fabricar e utilizar instrumentos, também é capaz, desde o início da humanidade, de produzir inumeráveis mitos. O *Homo economicus*, que se determina em função do seu interesse próprio, é também o *Homo ludens* – analisado há algumas décadas por Hui-zinga –, ou seja, o homem do jogo, do gasto, do desperdício. É preciso integrar e relacionar essas características contraditórias. Na origem do que se considera barbárie humana, encontra-se

evidentemente esse lado ‘demente’, produtor de delírio, de ódio, de desprezo e do que os gregos chamam de *hybris*, a desmedida”. Eis o diagnóstico, Thiago, do padecente mundo da vida, de que a tua geração é herdeira, devendo entregá-lo em melhor estado, mais harmônico, ao sol da esperança, a filhos e netos dos que estão e dos que virão, nada obstante a tenha recebido esgarçada em seu tecido ético, quase em falência de órgãos vitais o Direito à Esperança.

A missão é urgente, mas compromete toda uma existência; tem pressa, mas não pode ser precipitada; reclama, enfim, atitude lúcida, de quem compreende que a história, gestada por seu próprio ciclo temporal, não se sensibiliza com a brevidade da vida de cada um de nós. Há que romper a inércia, Thiago, com o cão de guia do sábio conselho de Joaquim Nabuco: “Não parar; não transigir; não precipitar.” Se é na luta que se espera a esperança, como legislou Paulo Freire, que seja travada enquanto comprometimento da consciência ativa, posto que o bom combate exige a paixão fria, de Pascal, perante o tecido de circunstâncias descrito na síntese de Edgar Morin: “A barbárie não é apenas um elemento que acompanha a civilização, ela é uma de suas partes integrantes. A civilização produz barbárie, e, principalmente, ela produz conquista e dominação. A conquista romana, por exemplo, foi uma das mais bárbaras de toda a Antiguidade: o saque de Corinto, na Grécia; o cerco de Numância, na Espanha; a destruição de Cartago etc. No entanto, a cultura grega infiltrou-se no mundo romano, que se tornou um império. Daí a famosa frase do poeta latino: ‘A Grécia vencida venceu seu ferroz vencedor’. A barbárie, assim, produziu civilização.” Eis a luta crítica e movente, de resistência e de esperança, Thiago, a ser travada em favor da Vida, ameaçada conforme revelou o poeta Bandeira Tribuzzi:

“LUTOLUTA

HÁ UMA BALA VOANDO

no horizonte fechado, fulminante como um grito, cheia de metal exato, amarga com seus intentos, ferina por seu mandato, apodrecida no pântano do Vietnã napalizado; traz mil venenos sombrios no seu caminho insensato, é como um vento de crimes propício para seu ato,

é como punhal voando para cravar-se no alvo e porta um milhão de lobos com seus dentes afiados.

HÁ UMA BALA VOANDO

por toda a rosa-dos-ventos, cheia de gula sangrenta e insaciáveis intentos, densa de apetites surdos cumpre seus caminhos tensos, cobra alada e venenosa, semeando seus venenos desata o horror que a povoa,

filha da noite e do inferno.

HÁ UMA BALA VOANDO

em tudo quanto é sombrio; no propósito que mente, no silêncio mais vazio, no desamor cultivado,

no ódio grosso como um rio de lama, no atro território que é da morte o desfastio.

HÁ UMA BALA VOANDO

e de seu terrível ventre vai parindo outros milhões de balas que planta entre quem seja seu campo fértil: coração que bata quente, mão que saiba ser irmã, palavra que amor defende, intenção sem ambição, cabeça acima do ventre, paixão do homem e do chão, promessa do ser que sente, quem entoa na canção mensagem que Homem entende.

HÁ UMA BALA VOANDO

com suas filhas semeadas: são facas acontecidas como raízes na alma dos que desejam o tempo turva máquina parada, dos que confundem a corda pele com a da alma, dos que confundem a terra com seus limites de raiva, dos que cultivam o lucro como sua rosa rara, dos que se revestem de ouro e os outros despem do que haja, dos que querem sua vida pelas mortes adubada.

HÁ UMA BALA VOANDO

sobre a canção e a poesia, sobre a casa enlutarada, a negra voz em profecia, sobre quem pensa promessas, quem delas faz alegria, sobre Lutero e Roberto, sobre João (e Maria, amanhã Manuel, Antônio, Ernesto ou João da Silva) sobre quem constrói o mundo manhã para o sol de um dia.

HÁ UMA BALA VOANDO

com seu poderio absurdo, com suas asas de morte, sua trama no escuro, seu disfarce apunhalante, sua fome galopante, seu punhal acutilante para devorar o mundo!

HÁ UMA BALA VOANDO

contra cada um de nós, nosso coração e voz, o amanhecer que há em nós, o futuro que há em nós, o humano ser que há em nós; há uma bala voando que é preciso aprisionar,

que é necessário conter, de aço em pedra converter e em areia desfazer para a poder afogar no mar de amar mar amar.

HÁ UMA BALA VOANDO

Até quando? Até quando? Até quando?"

O desarme começa pelo Espírito e a semeadura almeja a Consciência. Plantemos as tâmaras, Thiago, cujos primeiros frutos demoram de oitenta a cem anos para explodirem em luz, na sua primeira safra. Outros comerão o mel para-

disíaco de nossas atitudes. E se assim agirem, um mundo mais humano, de menor desmedida, lavado das águas do delírio, do ódio e do desprezo, poderá ser prefigurado à sombra das tamareiras, na superior simetria do *Homo sapiens*, do *Homo faber*, do *Homo economicus* e do *Homo ludens*. Teremos, de alguma forma, contribuído para a escritura do Livro da Vida, Thiago, ao combatermos, como combates – à luz de Paulo, Santo e Apóstolo, e ao gosto dos nossos amigos Max Tlesca e Maria Margareth Garcia Vieira –, reitero, ao combatermos o bom combate, acabarmos a carreira, guardamos a fé» (2 Timóteo 4).

Mas agora, amigo, é chegado o momento de compartilharmos o piano, o canto e o vinho, dançando ciranda ao gosto da tâmara da Vida, que há de ser doce Venham Luzia, Dinah, Daia, Celina, Giulia, João e Hermany. Alegria, Victor! Venham Natache, Romaly, João Manoel e os demais: há claridade de noite eterna.

Estás entronizado, Thiago, como Imperador das Letras, no reino encantado da Academia Brasileira. Os que vão viver te saúdam. Um beijo na alma e até sempre!

ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS - ABRL

Quadro acadêmico e patronos

Adirson Vasconcelos

Cadeira n.º XII (Vicente de Carvalho)

Afonso Ligório

Cadeira n.º XXI (Rui Barbosa)

Alaor Barbosa

Cadeira n.º XXIX (Hugo de Carvalho Ramos)

Alberto Bresciani

Cadeira n.º IV (Eduardo Prado)

Anderson Braga Horta

Cadeira n.º XXXIV (Álvares de Azevedo)

Branca Bakaj

Cadeira n.º XXXVIII (Raul de Leoni)

Carlos Ayres Britto

Cadeira n.º XXXII (Mário de Andrade)

Carlos Fernando Mathias de Souza

Cadeira n.º III (João Ribeiro)

Carlos Henrique Cardim

Cadeira n.º XI (Farias Brito)

Dad Squarisi

Cadeira n.º XVII (José de Alencar)

Danilo Gomes

Cadeira n.º VI (Tomás Antônio Gonzaga)

Edmilson Caminha

Cadeira n.º XXIV (José Veríssimo)

Fabio de Sousa Coutinho

Cadeira n.º XIX (Castro Alves)

Francisco Ferreira de Castro

Cadeira n.º V (Euclides da Cunha)

Gilmar Duarte Rocha

Cadeira n.º XXXI (Graciliano Ramos)

Heitor Martins

Cadeira n.º XXXIX (Martins Fontes)

José Alberto Couto Maciel

Cadeira n.º XXXVI (Joaquim Manuel de Macedo)

José Carlos Brandi Aleixo

Cadeira n.º IX (Augusto dos Anjos)

João Carlos Taveira

Cadeira n.º XXVI (Cruz e Sousa)

José Jeronymo Rivera

Cadeira n.º XXVIII (Olavo Bilac)

José Sarney

Cadeira n.º XXII (Simões Lopes Neto)

Lucília Garcez

Cadeira n.º XIII (Manuel Antônio de Almeida)

Luiz Gutemberg

Cadeira n.º VIII (José Lins do Rego)

Marco Maciel

Cadeira n.º XX (Sílvio Romero)

Marcos Vinícios Vilaça

Cadeira n.º I (Alberto Torres)

Marcus Vinicius Furtado Coêlho

Cadeira n.º XXXV (Coelho Neto)

Margarida Patriota

Cadeira n.º XXXVII (Raimundo Correia)

Max Telesca

Cadeira n.º II (Antônio de Alcântara Machado)

Napoleão Valadares

Cadeira n.º XIV (Artur Azevedo)

Paulo Castelo Branco

Cadeira n.º XVI (Gonçalves Dias)

Raymundo Damasceno Assis, Dom

Cadeira n.º XXXIII (Jorge de Lima)

Roberto Rosas

Cadeira n.º X (Da Costa e Silva)

Ronaldo Costa Couto

Cadeira n.º XXVII (Raul Pompeia)

Ronaldo Costa Fernandes

Cadeira n.º XVIII (Cláudio Manuel da Costa)

Rossini Corrêa

Cadeira n.º VII (Joaquim Nabuco)

Tania Rebelo Costa Serra

Cadeira n.º XXV (Graça Aranha)

Thiago Aguiar de Pádua

Cadeira n.º XXIII (Aluísio Azevedo)

Valdir de Aquino Ximenes

Cadeira n.º XXX (Monteiro Lobato)

Vamireh Chacon

Cadeira n.º XV (Machado de Assis)

Victor Alegria

Cadeira n.º XL (Afonso Arinos)